



APAIXONADOS



HISTÓRIAS DE AMOR DE
FALLEN

LAUREN KATE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.link](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



LAUREN KATE
APAIXONADOS

Tradução de Juliana Dias (Traduções Fromhell)
Formatação de LeYtor

Galera Record

Inesperado. Não correspondido. Proibido. Eterno. Todos têm sua própria história de amor.

E, em uma ironia do destino, quatro histórias extraordinárias de amor se unem durante um dia dos namorados romântico na Inglaterra Medieval. Miles e Shelby encontram o amor no lugar menos esperado. Roland aprende uma dolorosa lição sobre achar (e perder) um amor. Arriane paga o preço por um amor tão poderoso que queima. E pela primeira (e última) vez, Daniel e Luce passarão uma noite juntos, diferente de todas as outras.

APAIXONADOS, de Lauren Kate, é recheado de histórias de amor... do tipo que todos estiveram esperando.

O amor verdadeiro nunca diz adeus...

PARA OS MEUS LEITORES,
QUE ME MOSTRARAM TANTOS TIPOS DE AMOR



A vida é tão breve, a arte tão difícil de ser aprendida, a tentativa tão árdua, a conquista tão astuta, o prazer aterrorizante que sempre escapa tão rapidamente – de amor chamo isso, que tão dolorosamente petrifica meus sentidos com sua fantástica execução, tanto que quando penso nele mal sei se estou acordado ou adormecido.



—GEOFFREY CHAUCER, *O Parlamento das Aves*

AMOR ONDE MENOS ESPERADO



O DIA DOS NAMORADOS DE SHELBY E MILES

UM



DOIS VIAJANTES

Shelby e Miles riam quando saíram do Anunciador. Quando emergiram dele, seus tentáculos negros prenderam-se na dobra do boné azul dos Dodgers de Miles e no rabo de cavalo emaranhado de Shelby.

Mesmo com o corpo de Shelby tão fatigado como se ela tivesse feito quatro sessões completas de Vinyasa yoga, pelo menos ela e Miles estavam de volta em terra firme – e ao presente. Em casa. *Finalmente*.

O ar estava frio, e o céu cinzento, porém claro. Os ombros de Miles elevavam-se em frente a ela, protegendo seu corpo do vento veloz que ondulava a camiseta branca que ele estivera usando desde que deixaram o quintal dos pais de Luce no Dia de Ação de Graças.

Há eras.

— Estou falando sério! — dizia Shelby. — Por que é tão difícil de acreditar que protetor labial é minha prioridade? — Ela correu um dedo por seu lábio e recuou exageradamente. — Parece uma lixa!

— Você é louca. — Miles bufou, mas seus olhos seguiram o dedo de Shelby, que cuidadosamente traçava seu lábio inferior. “*Protetor labial* foi do que sentiu falta dentro dos Anunciadores?”

— Dos meus *podcasts* também, — disse Shelby, esmagando com os pés uma pilha de folhas mortas cinzentas. — E das minhas saudações ao sol na praia...

Eles tinham saltado pelos Anunciadores durante muito tempo: começando na cela na Bastilha, onde tinham conhecido um prisioneiro fantasmagórico que não dissera seu nome; direto para uma batalha sangrenta chinesa onde não haviam reconhecido uma só alma; e, mais recentemente, para Jerusalém, onde por fim encontraram Daniel, que estava procurando Luce. Só que Daniel não era completamente ele mesmo. Alguma versão passada espectral dele mesmo havia se juntado (literalmente) a ele. E ele não tinha conseguido se libertar.

Shelby não conseguia parar de pensar em Miles e Daniel cercando um ao outro com as setas estelares, no modo como os dois corpos de Daniel (o do passado e o do presente) tinham se desconjuntado depois de Miles ter enfiado a seta no peito do anjo.

Coisas pavorosas aconteciam dentro dos Anunciadores; Shelby estava feliz por não ter mais que lidar com eles. Agora, se eles pudessem apenas não se perder nessa floresta no caminho de volta ao dormitório... Shelby olhou na direção que esperava ser o oeste e começou a guiar Miles pela seção sombria e desconhecida da floresta.

— A Shoreline deve ficar por aqui.

O retorno para casa era agridoce.

Ela e Miles entraram no Anunciador com uma missão; tinham pulado nele no quintal dos pais de Luce após a própria ter desaparecido. Haviam ido atrás dela para trazê-la para casa (como Miles dissera, não se devia navegar em um Anunciador levemente) e também para certificarem-se de que ela estava bem. Shelby e Miles não ligavam para o que Luce significava para os anjos e demônios que brigavam por ela. Para os dois, ela era uma amiga.

Mas, em sua busca, eles sempre a perdiam de vista por pouco. Isso enlouquecia Shelby. Eles iam de um local bizarro para outro e mesmo assim nem sinal de Luce.

Ela e Miles tinham se bicado diversas vezes, discutindo o caminho a seguir e como chegar lá, e Shelby odiava brigar com Miles. Era como discutir com um filhotinho. A verdade era que nenhum dos dois sabia bem o que estava fazendo.

Mas, em Jerusalém, uma coisa boa aconteceu: os três, Shelby, Miles e Daniel, tinham se dado bem, para variar. Agora, com a benção de Daniel (mas que poderia ser vista como um comando, por outros), Shelby e Miles finalmente voltavam para casa. Parte de Shelby se preocupava em abandonar Luce, mas outra parte, a que confiava em Daniel, estava afoita em voltar para onde ela pertencia. Sua própria era e lugar.

Parecia que eles tinham viajado por muito tempo, mas quem sabia como o tempo funcionava dentro dos Anunciadores? Eles voltariam e descobririam que apenas alguns segundos tinham se passado, Shelby se perguntara, um pouco nervosa, ou *anos* teriam passado?

— Assim que voltarmos para Shoreline, — Miles disse, — vou correndo tomar um banho quente e demorado.

— É, boa pedida. — Shelby agarrou um punhado de seu rabo de cavalo espesso e loiro e cheirou. — Vou lavar esse fedor de Anunciador do meu cabelo. Se é que isso é possível.

— Sabe de uma coisa? — Miles se inclinou, abaixando sua voz, mesmo não havendo mais ninguém por perto. Era estranho o Anunciador tê-los deixado tão distante das dependências da escola. — Talvez devêssemos entrar de fininho no refeitório hoje de noite e roubar aqueles folhados...

— Os amanteigados? Do pote? — os olhos de Shelby se arregalaram. Outra ideia genial de Miles. Era bom tê-lo por perto. — Cara, que saudades de Shoreline. É bom estar...

Eles cruzaram a linha de árvores e um prado surgiu diante deles. E então Shelby se deu conta: não via nenhum dos familiares prédios da Shoreline porque eles não estavam lá.

Ela e Miles estavam... em outro lugar.

Ela parou e olhou as encostas que os cercavam. Havia neve nos galhos das árvores e Shelby percebeu de repente que estas definitivamente *não* eram sequoias californianas. E a estrada lamacenta na frente deles não era a *Pacific Coast Highway*. Ela contorcia-se de modo decrescente sobre a encosta por vários quilômetros em direção a uma cidade de aparência antiga e estonteante, protegida por uma muralha massiva de pedra.

Isso a fez se lembrar de uma daquelas tapeçarias antigas com unicórnios saltitando em frente a vilas medievais que algum ex-namorado de sua mãe havia arrastado-a para ver no museu Getty.

— Achei que estávamos em casa! — Shelby gritou, sua voz num tom entre um latido e um lamento. *Onde* eles estavam?

Ela parou bruscamente na estrada rudimentar e olhou ao redor da devastação lamacenta diante de si. Não havia *ninguém* ao redor. Era assustador.

— Também achei. — Miles coçou sua cabeça carrancudamente. — Acho que não voltamos exatamente para Shoreline.

— Exatamente? Olhe para essa piada de estrada. Olhe para aquela coisa que parece uma fortaleza ali. — Ela arfou. — Aqueles pontinhos se movendo são *cavaleiros*? A menos que estejamos em algum tipo de parque temático, estamos presos na maldita Idade Média! — Ela cobriu a boca. — É melhor que a gente não contraia a praga. De quem era o Anunciador que você abriu em Jerusalém, afinal?

— Não sei, eu só...

— Nunca vamos voltar para casa!

— Vamos sim, Shel. Eu li sobre isso... acho. Nós voltamos no tempo quando saltamos no Anunciador de outros anjos, então talvez voltemos para casa desse jeito também.

— Ora, o que está esperando? Abra outro!

— Não é assim que funciona. — Miles abaixou seu boné de beisebol, cobrindo seus olhos. Shelby mal conseguia ver seu rosto. — Acho que temos que encontrar um dos anjos e meio que pegar outra sombra emprestada...

— Você diz isso como se fosse igual pegar um saco de dormir para um acampamento.

— Escuta: se encontrarmos uma sombra que seja lançada no século em que residimos, nós podemos voltar para casa.

— Como fazemos *isso*?

Miles sacudiu sua cabeça.

— Achei que tinha feito isso quando estávamos com Daniel em Jerusalém.

— Tenho medo. — Shelby cruzou os braços sobre o peito e estremeceu com o vento. — Só faça *algo*.

— Não posso simplesmente... especialmente com você gritando comigo...

— Miles! — O corpo de Shelby congelou. O que era aquele som estrondoso atrás deles? Algo estava vindo pela estrada.

— *O quê?*

Uma carroça guiada por cavalos rangeu perto deles. O som dos cascos dos cavalos ficava mais alto. Em um segundo, quem quer que estivesse comandando aquela carroça iria chegar ao topo da colina e vê-los.

— Esconda-se! — gritou Shelby.

A silhueta de um homem corpulento segurando as rédeas de dois cavalos marrons com manchas brancas surgiu na estrada inclinada. Shelby agarrou Miles pelo

colarinho. Ele estivera mexendo ansiosamente em seu boné e, quando ela puxou-o para trás de um tronco largo de um carvalho, o boné azul-claro voou de sua cabeça.

Shelby observou o boné (que fizera parte do guarda-roupa diário de Miles por anos) navegar pelo ar como uma gralha azul e então mergulhar numa larga poça de lama marrom-clara na estrada.

— Meu boné — sussurrou Miles.

Eles estavam contraídos muito perto um do outro, com as costas contra a áspera casca do carvalho. Shelby olhou para Miles e ficou estupefata em ver seu rosto por inteiro. Os olhos dele pareciam ampliados. Seu cabelo, bagunçado. Ele estava... bonito, como um cara que ela nunca antes conhecera. Miles puxou seu cabelo amassado pelo boné, constrangido.

Shelby limpou a garganta e seus pensamentos.

— Nós o pegaremos assim que a carroça passar. Só fique escondido até que o cara saia do caminho.

Ela conseguia sentir o hálito quente de Miles em seu pescoço e a saliência do osso do quadril dele empurrando a lateral do seu corpo. Como Miles podia ser tão magro? O cara comia como um cavalo, mas não tinha substância alguma. Pelo menos isso era o que a mãe dela diria se o conhecesse, o que nunca iria acontecer se Miles não conseguisse encontrar um Anunciador para levá-los de volta ao presente.

Miles remexeu-se, forçando a vista para enxergar seu boné.

— Fica parado — Shelby disse. — Esse cara pode ser algum tipo de bárbaro.

Miles ergueu um dedo e inclinou a cabeça.

— Escuta. Ele está *cantando*.

Shelby esmagou uma porção de neve com os pés enquanto levantava o pescoço e contornava a árvore para observar a carroça se aproximar. O condutor era um homem de bochechas vermelhas com o colarinho da camisa sujo, uma calça surrada e obviamente costurada a mão e um colete imenso de pele, que usava apertado na cintura com um cinto de couro. Seu pequeno chapéu azul de feltro parecia uma bolinha ridícula no centro de sua testa ampla e careca.

A canção soava como uma melodia alegre e estridente de taberna, e ele a cantava a plenos pulmões, oh se cantava. O som dos cascos de seus cavalos quase parecia uma bateria acompanhando sua voz alta e pesada:

— *Na cidade cavalgo pra m'arruma uma moça, de seios fartos essa moça, luxuriosa essa moça. Na cidade cavalgo para conseguir uma moça compromissada, na hora acalorada, uma namorada.*

— Quanta classe. — Shelby revirou os olhos. Mas ao menos ela conseguiu uma pista pelo sotaque do homem. — Então, parece que estamos na boa e velha Inglaterra.

— E acho que é dia dos namorados — Miles disse.

— Que animador. Vinte e quatro horas me sentindo ainda mais solteira e patética... mas em *estilo medieval*.

Ela mexeu os dedos da mão espalhafatosamente na última parte para dar ênfase, mas Miles estava ocupado demais para notar, observando o painel impolido da carroça

passando.

Os cavalos estavam alinhados em freios e arreios azuis e brancos dispares. Suas costelas eram aparentes. O homem conduzia sozinho, sentado em cima de um banco apodrecido de madeira na cabeceira da carroça, que era mais ou menos do tamanho de uma caçamba de caminhonete e estava coberta de um tecido branco vigoroso e impermeável. Shelby não conseguia ver o que homem transportava para a cidade, mas fosse o que fosse, era pesado. Apesar do tempo frio, os cavalos suavam, e as tábuas de madeira da base da carroça eram pressionadas e estremeciam enquanto ele conduzia a carga até a cidade fortificada.

— Devíamos segui-lo — Miles disse.

— Pra quê? — A boca de Shelby contorceu-se. — Quer arrumar uma moça de seios fartos e luxuriosa?

— Eu gostaria de 'arrumar' algum conhecido, cujo Anunciador possamos usar pra chegar em casa. Lembra-se do seu protetor labial? — Ele separou os lábios dela com o polegar. O toque dele deixou-a momentaneamente sem fala. — Teremos melhores chances de cruzar com os anjos na cidade.

As rodas da carroça rangiam nos sulcos da estrada lamacenta, balançando o condutor de um lado para o outro. Logo ele estava perto o bastante para que Shelby pudesse ver sua barba áspera, tão grossa e negra quanto seu colete de pele de urso. A voz dele falhou na última sílaba de *namorada*, e ele inspirou bem fundo antes de recomeçar. Mas então a canção parou abruptamente.

— O que é isto? — ele resmungou.

Quando ele puxou rudemente as rédeas dos cavalos para fazê-los desacelerar, Shelby conseguiu ver que as mãos dele estavam rachadas e vermelhas do frio. Os animais, magros como um palito, relincharam, parando pouco antes do boné azul claro de beisebol de Miles.

— Não, não, não — Shelby murmurou baixinho. O rosto de Miles ficou pálido.

O homem rebolou pesadamente para fora do banco, suas botas alcançando a lama grossa. Ele andou na direção do boné de Miles, agachou-se com outro resmungo, e apanhou-o num piscar de olhos.

Shelby escutou Miles engolir em seco.

Uma rápida batida contra a já imunda calça do homem e o boné ficou mais ou menos limpo. Sem uma só palavra, ele se virou e subiu novamente no banco da carroça, enfiando o boné debaixo do tecido atrás de si.

Shelby olhou para si mesma e seu moletom verde. Tentou imaginar a reação do homem se saísse de trás da árvore usando roupas esquisitas do futuro e tentasse pegar de volta o achado dele. Não era uma ideia tranquilizadora.

No tempo que Shelby levou para se acovardar, o homem havia puxado as rédeas; a carroça recomeçou sua trajetória para a cidade, e a canção dele foi executada desafinadamente pela décima segunda vez.

Outra coisa que Shelby havia estragado.

— Ah, Miles, me desculpa.

— Agora mesmo que temos que segui-lo — Miles disse, um tanto desesperado.

— Sério? — Shelby perguntou. — É só um boné.

Mas então ela olhou para Miles. Ela ainda não estava acostumada a ver o rosto dele. As bochechas dele, que costumavam parecer como as de um bebê para Shelby, agora pareciam mais fortes, angulosas, e suas íris eram pontuadas por uma intensidade nova. Pela expressão desapontada dele, ela conseguia perceber que definitivamente não era “só um boné” para ele. Ela não sabia se ele providenciava boas lembranças ou se era apenas um talismã de boa sorte, mas faria de tudo para fazer sumir aquele olhar em seu rosto.

— Está bem — ela exclamou. — Vamos lá pegá-lo.

Antes que Shelby percebesse o que estava acontecendo, Miles deslizou sua mão na dela. Era uma sensação vigorosa, de segurança e um pouco impulsiva – e então ele a puxou em direção à estrada.

—Vamos! — Ela resistiu por um instante, mas então seus olhos se fixaram acidentalmente nos de Miles, que eram de um azul absurdo, e Shelby sentiu um tranco de regozijo.

Então começaram a correr por uma estrada medieval pontuada pela neve, passando por campos de colheitas mortos pelo inverno, com uma fina cobertura branca que guarnecia as árvores e sarapintava a estrada imunda. Os dois se dirigiam à cidade fortificada com torres espirais negras e uma entrada estreita de um fosso. De mãos dadas, bochechas coradas, lábios rachados e rindo por algum motivo que Shelby não conseguia colocar em palavras, rindo tanto que ela quase esqueceu o que estavam prestes a fazer. Mas então, quando Miles gritou, “Pule!” alguma coisa voltou ao lugar certo e ela pulou.

Por um instante, quase pareceu que estava voando.

Uma madeira nodosa formava a base da carroça, mas quase não era suficientemente grande para se equilibrarem. Os pés deles deslizaram por ela, pousando na madeira por simples e pura sorte...

Apenas por um momento. Então a carroça passou por um sulco e agitou-se ferozmente. Os pés de Miles escorregaram, Shelby perdeu o equilíbrio e seus dedos escorregaram do tecido de lona. Seu corpo se debateu enquanto ela e Miles eram lançados para trás, afundando na lama.

Splash.

Shelby resmungou. Suas costelas pulsavam. Ela limpou a lama gelada de seus olhos e cuspiu um bocado de sujeira. Olhou para a carroça, que diminuía com a distância. O boné de Miles já era.

— Você está bem? — ela perguntou a ele.

Ele limpou seu rosto com a bainha de sua camiseta.

— Estou. E você? — Quando ela assentiu, ele forçou um riso. — Imita a cara da Francesca se ela descobrisse onde estamos. — A ordem proferida por Miles parecia alegre, mas Shelby sabia que por dentro ele estava destruído.

Ainda assim, ela decidiu continuar com a brincadeira. Shelby adorava imitar sua

majestosa professora de Shoreline. Ela saiu da lama, apoiou-se nos cotovelos, inflou seu peito e apertou seu nariz.

— Suponho que irão negar que estão propositalmente tentando levar à desgraça o legado da Shoreline? Meu grande *temor* é imaginar o que os engomadinhos da diretoria irão dizer. E mencionei que quebrei uma unha em um Anunciador, tentando localizar vocês dois...?

— Ora, vamos, Frankie. — Miles ajudou Shelby a se levantar da lama enquanto engrossava a voz, fazendo uma ótima imitação de Steven, o marido-demônio de Francesca, ligeiramente mais tranquilo que a esposa. — Não sejamos tão duros com os Nephilim. Um semestre esfregando privadas deverá realmente ensiná-los uma lição. Afinal, o erro deles começou com intenções nobres.

Intenções nobres. Encontrar Luce.

Shelby engoliu em seco, sentindo uma angústia dominá-la. Eles eram um time, os três. Times não se separam.

— *Não* desistimos dela — Miles disse suavemente. — Você escutou o que Daniel disse. Ele é o único que pode achá-la.

— Acha que ele já a achou?

— Espero que sim. Ele disse que iria. Mas...

— Mas o quê? — Shelby perguntou.

Miles fez uma pausa.

— Luce estava bem brava quando deixou todo mundo no quintal. Espero que quando Daniel a encontrar ela o perdoe.

Shelby encarou Miles todo sujo de lama, sabendo o quanto ele, em certo momento, realmente tinha se importado com Luce. Para falar a verdade, Shelby nunca tinha se sentido *assim* com ninguém. De fato, era lendário o fato de ela escolher absolutamente os piores caras para namorar. *Phil?* Fala sério! Se ela não tivesse ficado caidinha por ele, os Párias não teriam localizado Luce e ela não teria tido que pular no Anunciador, e Miles e Shelby não estariam presos aqui agora. Cobertos de lama.

Mas essa não era a questão. O negócio é que Shelby estava espantada por Miles não mais estar amargo em ver Luce mega-apaixonada por outra pessoa. Mas ele não estava. O Miles era assim.

— Ela vai perdoá-lo — Shelby disse por fim. — Se alguém me amasse o bastante para atravessar múltiplos milênios apenas para me encontrar, eu superaria.

— Ah, é só isso que seria preciso? — Miles lhe deu uma cotovelada.

Num impulso, ela golpeou a barriga dele com as costas da mão. Era dessa maneira que ela e sua mãe se provocavam, como se fossem melhores amigas ou algo assim. Mas Shelby era, geralmente, muito mais reservada com pessoas de fora do seu núcleo familiar. Que coisa estranha.

— Ei. — Miles interrompeu seus pensamentos. — Agora nós dois precisamos nos focar em chegar até a cidade, achar um anjo que possa nos ajudar e voltar para casa.

E, no meio do caminho, recuperar o boné, Shelby acrescentou na mentalmente, enquanto ela e Miles começavam a correr, seguindo a carroça, em direção à cidade.



A taverna ficava cerca de um quilômetro e meio de distância das muralhas da cidade, o único estabelecimento em um largo campo. Era uma pequena estrutura de madeira com uma placa vacilante de madeira desgastada e grandes barris de cerveja alinhados contra suas paredes.

Shelby e Miles haviam passado correndo por centenas de árvores despidas de suas folhas pelo frio e trechos de neve lamacenta derretendo na estrada esburacada e espiralada até a cidade. Não havia muito espaço para ver alguma coisa. De fato, eles haviam até perdido a carroça de vista após Shelby sentir uma dor repentina na lateral do corpo e ter tido que desacelerar, mas agora, acidentalmente, eles localizaram-na estacionada do lado de fora da taverna.

— Achamos o cara — Shelby disse em um sussurro. — Provavelmente parou para beber. Idiota. Vamos só pegar o boné de volta e voltar pro nosso caminho.

Miles assentiu, mas quando eles chegaram à parte traseira da carroça, Shelby avistou o homem de colete de pele na entrada e seu coração afundou. Ela não conseguia ouvir o que ele dizia, mas ele segurava o boné de Miles em suas mãos e mostrava-o para o dono, tão orgulhoso daquilo como se fosse uma pedra preciosa rara.

— Ah — Miles disse, decepcionado. Então endireitou seus ombros. — Quer saber, eu arranjo outro. Dá pra comprar um desses em qualquer lugar na Califórnia.

— Hmmm, certo. — Shelby golpeou, frustrada, o tecido impermeável de lona da carroça do homem. A força de seu golpe estremeceu um canto da lona. Por apenas um segundo, ela conseguiu vislumbrar um amontoado de caixas dentro.

— Hmm. — Ela colocou sua cabeça sob o tecido.

Debaixo dele era frio e um tanto fétido, com um amontoado de quinquilharias. Havia gaiolas de madeira cheias de galinhas pintadas adormecidas, sacos pesados de comida de gado, uma sacola de tecido grosseiro com ferramentas díspares de ferro e dezenas de caixas de madeira. Ela tentou abrir uma das caixas, mas nada.

— O que está fazendo? — Miles perguntou.

Shelby deu um sorriso torto.

— Tendo uma ideia. — Pegando na sacola de ferramentas algo que parecia um pequeno pé de cabra, ela abriu a tampa da caixa mais próxima. — Bingo!

— Shelby?

— Estamos indo à cidade e nossas roupas passariam a mensagem errada. — Ela deu um peteleco no bolso de seu moletom verde, provando seu ponto. — Não acha?

Debaixo do tecido ela encontrou algumas vestimentas simples, com aparência de desbotadas e gastas, provavelmente roupas velhas da família do condutor. Ela jogou estas preciosidades para Miles, que se esforçou para pegar todas.

Logo ele segurava um vestido comprido de linho verde-claro com mangas bufantes e uma tira dourada bordada correndo pelo centro, um par de meias amarelo-limão e um gorro (que mais parecia um véu de freira) feito de linho cinza-claro.

— Mas o que *ocê* vai usar? — Miles brincou.

Shelby teve que vasculhar por meia dúzia de caixas cheias de trapos, pregos tortos e pedras lisas antes que encontrasse algo que prestasse para Miles. Finalmente, ela deparou-se com um manto azul feito de lã grosseira e áspera. Isto o manteria quente neste vento turbulento, era longo o bastante para cobrir seu tênis da Nike e, por alguma razão, Shelby percebeu que a cor combinava perfeitamente com os olhos dele.

Shelby removeu seu moletom verde e atirou-o ao fundo da carroça. Seus braços nus ficaram arrepiados quando fez o vestido esvoaçante passar por sua calça jeans e regata.

Miles ainda parecia relutante.

— Sinto-me estranho roubando coisas que aquele cara provavelmente estava levando para vender na cidade — ele sussurrou.

— É o carma, Miles. Ele roubou seu boné.

— Não, ele *achou* o meu boné. Mas e se ele tiver uma família para alimentar?

Shelby soltou um suspiro audível.

— Você não sobreviveria um dia na periferia, garoto — ela deu de ombros — a menos que eu estivesse lá para tomar conta de você. Olha, ceda um pouco, nós pagamos de volta ao universo com outra coisa. Meu agasalho... — Ela enfiou o moletom verde na caixa. — Quem sabe? Talvez moletons sejam a próxima onda do momento em anfiteatros anatômicos ou sei lá aonde eles vão para se divertirem aqui.

Miles segurou o gorro cinza-claro por sobre a cabeça de Shelby. Como não passava pelo rabo de cavalo dela, ele tirou o elástico. O cabelo loiro dela caiu sobre seus ombros. *Ela* que ficou constrangida agora, pois seu cabelo estava uma completa bagunça. Ela *nunca* o usava solto. Mas os olhos de Miles se iluminaram enquanto ele colocava o gorro em sua cabeça.

— *Milady*. — Ele estirou sua mão galanteadoramente. — Poderia ter o prazer de acompanhá-la nesta bela cidade?

Se Luce tivesse estado lá, quando os três ainda eram apenas bons amigos e as coisas eram um pouco menos complicadas, Shelby saberia como retribuir à piadinha. Luce teria feito aquela sua voz doce e recatada de donzela em perigo e chamado Miles de seu cavaleiro em armadura brilhante ou alguma baboseira dessas, Shelby teria acrescentado algo sarcástico e então todos teriam dado gargalhadas e a tensão esquisita que Shelby sentia em seus ombros e o aperto em seu peito teriam sumido. Tudo pareceria *normal*, completo.

Mas eram só Shelby e Miles.

Juntos. Sozinhos.

Eles se viraram para encarar as paredes de pedra negra ao redor da cidade, que cercavam uma fortaleza alta e central. Bandeiras da cor de cravo de defunto eram hasteadas de postes de ferro na alta torre de pedra. O ar cheirava a carvão e feno embolorado. Vinha música de dentro das paredes (uma lira, talvez, alguns tambores de pele macia). E Shelby esperava que, em algum lugar ali, houvesse um anjo cujo Anunciador pudesse levar os dois de volta ao presente, onde eles pertenciam.

Miles ainda estava com a mão estirada, olhando-a como se não fizesse ideia de que tinha olhos de um azul tão profundo. Shelby respirou fundo e deslizou a palma de sua mão na dele. Ele apertou-lhe levemente a mão e os dois caminharam em direção à cidade.



DOIS



BAZAR BIZARRO

A tranquilidade do campo sumira. Nos arredores dos portões da cidade, pelo contrário, havia uma grande agitação, com tendas improvisadas postas ao longo da grama verde – que agora, no inverno, estava mais para um marrom acinzentado – de ambos os lados da estrada que levava às muralhas altas e negras da cidade. As tendas eram, claramente, parte de uma estrutura temporária, um festival de um final de semana ou algo do tipo. O caos alegre das pessoas ao redor lembrava Shelby das fotos que ela havia visto na internet do Festival de Música *Bonnaroo*. Ela estudou as roupas das pessoas – aparentemente, o visual de freiras estava na moda. Ela não achou que eles dois se destacavam *demais*.

Eles se juntaram a multidão que passava pelos portões e seguiram o fluxo de pessoas que parecia se mover apenas em uma direção: para o mercado na praça central. Torreões erguiam-se perante os dois, parte de um castelo maior próximo ao limite extremo das muralhas da cidade. A pedra angular da praça era uma Igreja modesta, porém bela, de estilo gótico-primitivo (Shelby reconheceu as torres espigadas). Um labirinto de ruas e becos estreitos e cinzentos cortava a praça do mercado, que era lotada, caótica, fedorenta e vibrante, o tipo de lugar aonde você ia e achava todo o tipo de coisas e pessoas.

“Linho! Dois rolos por dez centavos!”

“Castiçais! Únicos!”

“Cerveja de cevada! Cerveja de cevada fresca!”

Shelby e Miles tiveram que pular para fora do caminho para evitar o frade atarracado empurrando uma carroça com jarros de barro cheios de cerveja de cevada. Eles observaram as costas largas dele, vestidas de cinza, enquanto ele cortava caminho pelo mercado lotado. Shelby começou a segui-lo, só para conseguir um pouco de espaço, mas um instante depois a massa fedorenta de cidadãos tagarelas preencheu o vácuo.

Era quase impossível dar um passo sem esbarrar em alguém.

Havia tantas pessoas na praça – pechinchando, fofocando, tirando as mãos de crianças ladras de cima das maçãs à venda – que ninguém prestava atenção alguma em Miles e Shelby.

“Como é que vamos achar alguém conhecido nessa fossa?” Shelby apertou firmemente as mãos de Miles quando alguém pisou nos seus pés pela décima vez. Isto era pior que o show do Green Day em Oakland, quando Shelby machucou duas costelas em um *mosh*.

Miles esticou seu pescoço. “Não sei. Talvez todos se conheçam?” Ele era mais alto

que a maioria dos cidadãos, então não era tão ruim para ele.

Ele tinha ar fresco e uma visão clara, mas *ela* estava tendo um sinal de que um ataque de claustrofobia chegava: aquele rubor denunciante que se espalhava em suas bochechas. Ela puxou a gola alta de seu vestido freneticamente, ouvindo alguns pontos se romperem. “Como as pessoas respiram nessas coisas?”

“Inspirando pelo nariz, expirando pela boca,” Miles instruiu, demonstrando seu próprio conselho por um segundo antes que o fedor o forçasse a enrugar seu nariz. “Olha, tem um poço ali. Que tal uma bebida?”

“Provavelmente pegaremos cólera,” Shelby resmungou, mas ele já estava se movendo, puxando-a atrás de si.

Eles passaram por baixo de um varal meio solto com roupas feitas em casa úmidas, por cima de um pequeno cortejo de galos pretos desordenados cacarejando e evitaram dois irmãos ruivos revendendo peras antes de chegarem ao poço. Era um negócio arcaico – um anel de pedras ao redor de um buraco, com um tripé de madeira por cima da abertura. Um balde coberto de musgo pendia de uma polia primitiva.

Após alguns segundos, Shelby conseguiu respirar novamente. “As pessoas bebem dessa coisa?”

Agora ela conseguia ver que, embora o mercado ocupasse a maior parte da praça, ele não era a única atração da cidade. Um grupo de manequins medievais envoltos em pano de juta estava posto de um lado do poço. Meninos praticavam empunhando suas espadas de madeira, combatendo os ancestrais dos bonecos de teste de colisão como se fossem cavaleiros em treinamento. Menestréis andarilhos passeavam pelas beiradas do mercado, cantando canções estranhamente belas. Até mesmo o poço era um chamativo.

Ela agora via que havia uma manivela de madeira para erguer o balde. Um garoto com pernas justas de camurça havia mergulhado um colherão de água do balde e o segurava para uma garota com olhos enormes e um ramo de azevinho atrás de sua orelha. Ela secou o colherão com alguns goles sedentos, espreitando enamoradamente para o garoto todo esse tempo, alheia à água pingando por seu queixo em seu lindo vestido creme.

Quando terminou, o garoto passou o colherão a Miles com uma piscadela. Shelby não tinha certeza se gostava do que aquela piscada insinuava, mas estava com sede demais para fazer cena.

“Está aqui para a Feira de São Valentim, é correto?” a garota perguntou à Shelby numa voz tão serena quanto uma lagoa.

“Eu, hã, nós—”

“Deveras,” Miles intrometeu, adotando um sotaque falso britânico horrível. “Quando as celebrações encetam?”

Ele soava *ridículo*. Mas Shelby engoliu sua risada para evitar denunciá-lo. Ela não sabia o que aconteceria se eles fossem descobertos, mas ouvira falar em empalação e em instrumentos de tortura como a roda e o potro. *Protetor labial, Shelby. Pense positivo. Chocolate quente e saudações ao Sol e reality shows. Foque nisso.* Eles iam sair

daqui. Eles tinham que conseguir.

O garoto passou um braço pela cintura da garota, mostrando sua veneração. “Sem demora. Amanhã é o feriado.”

A garota fez sinal para o mercado com a mão. “Mas como pode ver, a maioria dos enamorados já chegou.” Ela tocou o ombro de Shelby alegremente. “Não se esqueça de colocar seu nome na Urna do Cupido antes do sol se pôr.”

“Ah, certo. Você também,” Shelby murmurou sem graça, como sempre fazia quando as pessoas no balcão de *check-in* do aeroporto lhe desejavam uma boa viagem. Ela mordeu o interior de sua bochecha enquanto a garota e o garoto davam tchau de braços dados, passeando pela rua.

Miles agarrou seu braço. “Não é *ótimo*? Uma feira de dia dos namorados!”

Isto vindo de um garoto normal que jogava beisebol e que Shelby tinha visto comer nove cachorros-quentes em uma sentada. Desde quando Miles ficava todo animado com uma festa brega de dia dos namorados?

Ela estava prestes a dizer algo sarcástico quando viu que Miles parecia... bem, esperançoso. Como se realmente quisesse ir. *Com ela?* Por alguma razão, ela não quis desapontá-lo.

“Claro. Ótimo.” Shelby deu de ombros relaxadamente. “Parece divertido.”

“Não.” Miles balançou a cabeça. “Quis dizer... se os anjos caídos estarão aqui em algum lugar, será lá. É onde acharemos alguém para nos ajudar a voltar para casa.”

“Ah.” Shelby pigarreou. É claro que era isso que ele quis dizer. “É, boa ideia.”

“Qual o problema?” Miles mergulhou o colherão no poço e segurou a taça fria de água na altura dos lábios de Shelby. Ele parou, limpou a beirada com sua manga e então lhe serviu novamente.

Shelby, sentindo-se ficar vermelha sem razão alguma, fechou os olhos e bebeu, esperando não pegar algum tipo de doença debilitante e morrer. Após ter terminado, disse, “Nada.”

Miles mergulhou o colherão novamente e bebeu um gole grande, seus olhos verificando a multidão.

“Olha—” ele disse, colocando o colherão de volta no balde. Ele apontou atrás de Shelby para uma plataforma erguida na margem das barracas do mercado onde três garotas estavam amontoadas, dobradas devido a um ataque de risadinhas. Entre elas havia um alto vaso de estanho com uma borda de pregas. Parecia tão velho quanto sujo e era muito feio, o tipo de “arte” cara que Francesca teria em seu escritório na Shoreline.

“Deve ser a Urna do Cupido,” Miles disse.

“Ah, sim, obviamente. A Urna do Cupido.” Shelby assentiu sarcasticamente. “Que diacho isso significa? O Cupido não deveria ter um gosto melhor?”

“É uma tradição desde os dias antigos de Roma,” Miles disse, entrando na *vibe* de acadêmico como de costume. Viajar com ele era como carregar uma enciclopédia.

— Antes do dia de São Valentim ser conhecido assim — ele continuou, sua voz com um tom de animação — chamava-se Lupercália...

— Luper... — ela fez sinal com a mão, tentando bolar um trocadilho ruim. E então viu a expressão de Miles. Tão séria e sincera.

Percebendo os olhos dela em seu rosto, ele esticou, instintivamente, a mão para cima para enfiar seu boné de beisebol sobre os olhos. Sua mania. Mas suas mãos encontraram apenas ar.

Ele recuou de embaraço e tentou colocar sua mão no bolso da calça jeans, mas o manto azul grosseiro cobria sua calça, então tudo que pôde fazer foi cruzar os braços no peito.

— Sente falta dele, não é? — Shelby perguntou.

— Do quê?

— Seu boné.

— Aquele troço velho? — ele deu de ombros rápido demais. — Nem. Não tinha nem pensado nisso. — Desviando o olhar, contemplou de forma vazia a praça.

Shelby colocou a mão no braço dele.

— O que estava dizendo mesmo sobre Luper... hm, sei-lá-o-quê?

Os olhos dele voltaram para ela, duvidosos.

— Quer mesmo saber?

— O papa veste Prada?

Agora ele sorria.

— Lupercália era só uma celebração pagã da fertilidade e da vinda da primavera. Todas as mulheres disponíveis na cidade escreviam seus nomes em tiras de pergaminho e colocavam numa urna, como aquela ali. Quando os solteiros retirassem um nome da urna, esta seria sua namoradina pelo ano todo.

— Isto é barbárie! — Shelby gritou. De jeito nenhum uma urna ditaria com quem ela iria sair. Ela podia tomar as próprias decisões, muito obrigada.

— Acho fofo. — Miles deu de ombro, desviando o olhar.

— Acha? — a cabeça de Shelby girou de volta a ele. — Quer dizer, acho que até podia ser legal. Mas essa tradição da urna vem antes do festival ter alguma ligação com São Valentim, certo?

— Certo — Miles disse. — Eventualmente, a Igreja se envolveu. Eles queriam deixar a celebração pagã sob controle, então ligaram um santo padroeiro à ela. Fizeram isso com um monte de feriados e tradições antigos. Como se, agora que lhes pertencia, não fosse mais uma ameaça.

— Homens... típico.

— Em vida, o verdadeiro Valentim foi conhecido como um defensor do romance. Pessoas de toda parte que não conseguiam se casar legalmente (soldados, por exemplo), iam até ele e ele fazia a cerimônia em segredo.

Shelby sacudiu a cabeça.

— Como *sabe* de tudo isso? Ou melhor, *por quê*?

— Luce — Miles disse, não encontrando os olhos de Shelby.

— Ah. — Shelby sentiu como se alguém tivesse socado-a duramente no estômago.

— Você aprendeu a história sobre o dia dos namorados para impressionar a *Luce*? —

ela chutou a terra. — Acho que algumas garotas realmente gostam de *nerds*.

— Não, Shelby. Eu quis dizer... — Miles agarrou seus ombros e a rodopiou para ficar de frente à plataforma com a urna. — É a *Luce*. Bem aqui.

Luce usava um vestido marrom-claro com uma saia ampla. Seu comprido cabelo preto estava preso em três grossas tranças, juntas por estreitas fitas brancas. Sua pele parecia mais pálida que o normal, com um rubor rosa claro pontilhando suas bochechas. Ela circulava a urna em passos vagarosos e meditativos, afastada das outras garotas. No caos da praça, Luce parecia ser a única pessoa que estava sozinha. Seus olhos tinham aquele olhar suave e fora de foco de quem está perdida nos pensamentos.

— Shelby, espera!

Shelby já estava na metade da praça, quase correndo na direção de Luce, quando Miles prendeu firmemente a mão em seu pulso. Fazendo-a parar, ela se virou, pronta para brigar com ele.

Só que a expressão dele... *incandescia* com algo que Shelby não conseguia decifrar.

— Você sabe que esta Lucinda é a do passado. Esta garota não é nossa amiga. Ela não te *reconhecerá*.

Shelby não tinha pensado nisso, mas fingiu que sim. Ela se virou e olhou mais uma vez, atentamente, para Lucinda. Seu cabelo estava sujo (não oleoso, passado desse ponto, realmente *sujo*), uma coisa que Luce Pride nunca permitiria. As roupas serviam-lhe de modo estranho, do ponto de vista contemporâneo de Shelby, mas Lucinda parecia confortável nelas. Parecia confortável em tudo, na verdade, o que também não era muito costumeiro para Luce Pride. Shelby achava Luce cronologicamente (embora encantadoramente) mal-ajustada. Era uma das coisas que ela amava nela. Mas... esta garota? Ela parecia confortável mesmo com uma tristeza desesperadora saturando todos os seus movimentos. Como se estivesse tão acostumada a se sentir melancólica quanto ao ver o sol nascer todo dia. Ela não tinha amigos para animá-la? Não era para isso que eles serviam?

— Miles — Shelby disse, agarrando o punho livre dele e se aproximando. — Sei que concordamos em deixar Daniel achar a nossa Lucinda Price, mas esta garota *ainda* é a Lucinda com que nos importamos... ou uma versão anterior dela. E o mínimo que podemos fazer é animá-la. Olha como ela parece chateada. Olha.

Ele mordeu seu lábio.

— Mas, mas, tudo que aprendemos sobre os Anunciadores diz que não se deve mexer...

— Oiii! — Shelby disse cantando, puxando Miles juntos até chegaram do lado de Lucinda. Ela não sabia de onde tinha pegado o sotaque de beldade sulista, a menos que fosse da mãe da Luce do presente, quando ouviu sua fala lenta no Dia de Ação de Graças, lá na Geórgia. E ela não fazia a menor ideia do que as pessoas nesse mundo medieval britânico achariam dela soar como uma debutante da Geórgia, mas era tarde demais agora.

Alguns passos atrás dela, Miles balançou sua cabeça, horrorizado. *Foi um acidente!* Shelby disse-lhe com os olhos.

Lucinda não tinha nem notado, tão perdida em sua tristeza como estava. Shelby teve que ficar bem na sua frente e acenar uma mão na frente de seu rosto.

— Oh — Lucinda disse, pestanejando para Shelby, sem sinal de reconhecimento. — Bom dia.

Não devia ter ferido os sentimentos de Shelby, mas o fez.

— J-já não nos conhecemos? — Shelby gaguejou. — Acho que meu primo de, hã, Windsor conhece um tio da família do seu pai... ou talvez seja o contrário.

— Sinto muito, não creio, embora...

— Você é Lucinda, certo?

Lucinda abriu a boca, e por um instante houve uma faísca familiar em seu olhar.

— Sim.

Shelby pressionou uma mão em seu coração.

— Sou Shelby. E este é Miles.

— Nomes tão originais. Vocês vêm do Norte?

— Certo. — Shelby deu de ombros. — Muito, muito, lá no Norte. Então, não estamos familiarizados... com sa antiga Feira de São Valentim. Vais te colocar o nome na urna?

— Eu? — Lucinda engoliu em seco, tocando a parte oca de sua garganta. — A ideia de que um golpe de sorte escolha o destino do meu coração não me agrada.

— Falou como uma garota que tem um namorado tudo de bom! — Shelby cutucou Shelby, esquecendo que eram estranhas, que suas palavras pudessem ser grosseiras e seu sarcasmo algo estranho para a sensibilidade medieval de Lucinda. — Quero dizer, há um cavaleiro que lhe apeteça, senhora?

— Eu estive apaixonada — Lucinda disse sombriamente.

— Esteve? — Shelby repetiu. — Você quis dizer que ainda *está*.

— Estive. Mas ele se foi.

— Daniel te *deixou*? — Miles estava com o rosto vermelho. — Quero dizer, qual o nome dele?

Mas Lucinda pareceu não ter ouvido.

— Conhecemo-nos no jardim de rosas do castelo de seu senhor. Devo admitir que estava invadindo, mas havia visto tantas senhoras dignas indo e vindo, e o portão estivera aberto, e as flores eram tão, mas tão atraentes.

Ela juntou suas mãos no seu coração e suspirou com profundo arrependimento.

— Naquele primeiro dia, ele me confundiu com uma garota de um status superior. Ou classe. Usava o meu melhor vestido e meu cabelo estava entrelaçado com flor de espinheiro, como algumas damas usam. Estava bonita, mas temo que era desonesta.

— Ah, Lucinda — Shelby disse. — Tenho certeza que aos olhos dele, você é uma dama.

— Daniel é um cavaleiro. Deve casar-se com uma dama apropriada. A minha família é de plebeus. Meu pai é um homem livre, mas ele planta grãos, como seu pai também o fazia. — Ela piscou e uma lágrima escorregou por sua bochecha. — Nunca nem disse meu nome ao meu amado.

— Se ele a amasse (e tenho certeza de que ama), ele saberia seu nome verdadeiro — Miles disse.

Lucinda estremeceu enquanto tomava fôlego.

— Então, semana passada, como parte de seu dever de cavaleiro para seu senhor, ele... ele foi até a porta de meu pai para conseguir ovos para a celebração de São Valentim. Era o aniversário de meu nascimento. Estávamos celebrando. Ver o rosto do meu amado quando ele viu a nossa casa miserável... tentei impedi-lo, mas ele se foi sem uma só palavra. Procurei-o em todos os nossos esconderijos (o carvalho oco na floresta, a extremidade norte do jardim de rosas ao entardecer), mas não o vi desde então.

Shelby e Miles partilharam um olhar. Obviamente, Daniel não se importava a que tipo de família Lucinda pertencia. Fora o aniversário (o fato de que ela chegava perto dos limites de sua maldição) que o amedrontara. Shelby já estava familiar com a maneira com que Daniel às vezes tentava se afastar de Luce quando sabia que sua morte aproximava-se. Quebrava o coração dela para salvar sua vida. Provavelmente estava sofrendo em algum canto, também com o coração partido.

Tinha que ser daquele jeito. Esta garota parada diante de Shelby tinha que morrer talvez uma centena de vezes antes que de chegar à vida em que Shelby conheceu Luce – à vida em que Luce conseguiu sua primeira chance de quebrar a maldição.

Não era justo. Não era justo ela ter que morrer repetidas vezes e ter que passar por essa dor em tantos momentos. Mais que ninguém, Lucinda merecia ser feliz.

Shelby queria fazer algo por ela, mesmo que fosse pouca coisa.

Ela olhou novamente para Miles. Ele ergueu uma sobrancelha de um jeito que Shelby esperava que significasse *Está pensando no que estou pensando?* Ela assentiu.

— Isto tudo é apenas um grande mal-entendido — Shelby disse. — Conhecemos o Daniel.

— Conhecem? — Lucinda pareceu surpresa.

— Vou lhe dizer uma coisa: vá para a feira amanhã, e estou certa de que Daniel estará lá também, e vocês podem simplesmente...

Os lábios de Lucinda tiritaram e ela enterrou seu rosto no ombro de Shelby enquanto começava a verter lágrimas.

— Eu não aguentaria vê-lo sortear outro nome da urna.

— Lucinda — Miles disse, tão calorosamente que os olhos da garota ficaram enxutos e ela olhou-o da maneira íntima que Luce às vezes olhava-o. Isso fez Shelby se sentir estranhamente ciumenta. Ela desviou o olhar enquanto Miles perguntava — Acredita que Daniel ame-a verdadeiramente?

Lucinda concordou.

— E em seu coração — Miles continuou — você realmente acredita que a conexão que tem com Daniel é tão fraca que a posição de sua família possa quebrá-la?

— Ele, ele não tem escolha. Está escrito no Código dos Cavaleiros. Ele deve casar com...

— Luce! Não sabe que o seu amor é mais forte que um código estúpido? — Shelby

interrompeu.

Lucinda ergueu uma sobrancelha.

— Como é? — ela perguntou.

Miles lançou um olhar de aviso à Shelby.

— Quero dizer, hã... o amor verdadeiro é mais profundo e forte que meros distinções sociais. Se ama Daniel, então deve lhe dizer como se sente.

— Sinto-me estranha. — Luce estava ruborizada, segurando uma mão sobre seu peito. Fechou seus olhos e por um momento Shelby achou que ela fosse queimar bem ali. Shelby deu um passo para trás.

Mas não era assim que funcionava, era? A maldição de Luce tinha algo a ver com o modo que ela e Daniel interagem, algo que a presença dele despertava nela.

— Quero acreditar que o que dizem é verdade. De repente, sinto que nosso amor é muito forte.

— Forte o bastante que se levarmos Daniel até você amanhã no festival — Shelby disse, — você iria com ele?

Lucinda abriu os olhos. Estavam selvagens e arregalados e de um tom avelã brilhante.

— Iria. Iria a qualquer lugar no mundo para estar novamente com ele.



TRES



SUA ESPADA, SUA PALAVRA

— Isso foi genial! — Shelby gritou quando Lucinda foi embora e ela e Miles ficaram sozinhos no poço.

No lado oeste do céu, os raios de sol haviam se tornado pálidos. A maior parte dos cidadãos voltava para casa, com carroças e sacolas pesadas com os suprimentos para o jantar. Shelby não comia há muito tempo, mas ela mal notava os cheiros de frango assado e batatas cozidas no ar. Seu corpo funcionava com o gás de sua animação.

— Você e eu estávamos completamente conectados. Eu pensava em uma coisa e você a dizia, como se tivéssemos entrado num tipo de ritmo louco.

— Eu sei. — Miles mergulhou o colherão no balde e bebeu um gole longo e vagaroso de água. Suas sardas apareciam na luz solar. Shelby ainda estava se acostumando a como ele ficava diferente sem seu boné. — Você estava certa, foi ótimo fazer a Luce se sentir melhor. Mesmo ela não sendo a *nossa* Luce. — Por um segundo, a cabeça de Miles movimentou-se para esquerda, como se tivesse escutado alguma coisa. Seu corpo endureceu.

— O que foi? — Shelby perguntou.

Mas então seus ombros tombaram, um pouco mais baixo do que normalmente ficam.

— Nada. Achei ter visto um Anunciador, mas não era nada.

Shelby não queria pensar em Anunciadores; estava animada demais.

— Sabe o que seria incrível? — ela disse, sentando na beirada do poço. — Podíamos fazer compras para eles, conseguir alguma bobeirinha com laço para Luce e lhe dizer que é do Daniel. Eu podia escrever alguns poemas fofos, “rosas são vermelhos” ou coisa assim. Ei, isso provavelmente seria novidade pra esses ignorantes medievais. E podíamos...

— Shelby? — Miles a interrompeu. — E quanto a ir pra casa? Esse não é o nosso lugar, lembra-se? Já ajudamos Lucinda ao dar-lhe esperança para ir à Feira de São Valentim, mas não podemos realmente fazer muito mais para mudar o modo que a maldição funciona. Precisamos achar um Anunciador.

— Bem, você sabe que onde Luce está o resto deles sempre estará por perto — Shelby disse rapidamente. — Se pudéssemos apenas achar Daniel, seriam dois coelhos com uma cajadada só. Ele iria à Feira; nós conseguiríamos voltar para Shoreline.

— Não sei se seria tão fácil conseguir que o Daniel vá à Feira.

— Então não podemos ir para casa! Não até que cumpramos a promessa feita a Luce! Não quero ser mais uma das pessoas que a decepiona. — Shelby de repente se sentiu vazia. — Ela merece algo melhor.

Miles exalou vagorosamente. Caminhou ao redor do poço, de sobranceiras enrugadas, uma cara de quem está pensando.

— Você está certa — ele disse por fim. — O que custa mais um dia?

— Sério? — Shelby soltou um gritinho.

— Mas onde encontraremos o Daniel? Lucinda não falou algo sobre um castelo?
— Miles disse. — Podíamos achá-lo e...

— Conhecendo o Daniel, ele pode estar sofrendo em qualquer canto. Em *qualquer* canto mesmo.

Shelby ouviu o som dos cascos de cavalos e voltou sua cabeça na direção do amplo caminho central no mercado. Depois das barracas dos mercantes, que estavam fechando para a noite, ela vislumbrou um cavalo régio, branco como a neve.

Quando ele passou pelo último toldo de um mercante e mostrou-se por inteiro, Shelby arfou.

A figura na sela de couro preto e forrada de pelo (que Shelby, Miles e a maior parte dos habitantes da cidade observaram com uma estupefação descarada) realmente era um cavaleiro de armadura brilhante.

De ombros largos e com o visor obscurecendo sua identidade, o cavaleiro cavalgou pela praça com um poderoso ar de nobreza. Suas placas fixas de aço começavam nos seus pés, firmes por dois estribos vigorosos. Suas pernas estavam envolvidas por grevas polidas, e sua cota de malha era tão apertada que se prendia aos músculos laterais. Seu elmo de metal tinha um topo chato, com duas placas curvas se encontrando em um fecho angular sobre o nariz. Havia minúsculos buracos para se respirar na frente do visor e uma abertura estreita para seus olhos. Era alarmante: ele podia vê-los, mas eles apenas podiam ver o ofuscante aspecto exterior dele.

Um porta-espada preso em sua lateral esquerda trazia uma espada, e sobre sua armadura ele usava uma comprida túnica branca com uma cruz vermelha sobre seu peito, como uma que Shelby pensara ter visto num filme de Monty Python.

— Por que não perguntamos a ele? — Shelby disse.

— Está falando sério?

Shelby vacilou. Lógico, ela estava nervosa por abordar um *cavaleiro* de verdade. Mas de que outro jeito achariam Daniel?

— Tem uma ideia melhor? — ela apontou para a figura agigantando-se. — Ele é um cavaleiro. Daniel também. A probabilidade é de que frequentem o mesmo círculo de cavalaria, certo?

— Certo, certo. Mas Shel? — Miles parou a respiração na metade, algo que ele fazia quando estava nervoso. Ou quando achava que estava prestes a ferir os sentimentos de Shelby. — Tente não usar aquele sotaque de queridinha da Geórgia, está bem? A cabecinha apaixonada da Lucinda pode ter deixado isso passar, mas precisamos ser mais cuidadosos se queremos nos enturmar. Lembre-se do que Roland disse sobre mudar o passado.

— Vou me enturmar, vou me enturmar. — Shelby pulou da beirada do poço, endireitou seus ombros como imaginava que uma dama direita faria, piscou para Miles

(o que foi um pouquinho estranho) e caminhou na direção do cavaleiro.

Mas ela tinha dado apenas duas curtas passadas quando ele virou para encará-la, levantou seu visor e estreitou seus olhos escuros num olhar penetrante que Shelby já tinha ganhado muitas vezes antes.

Falando no diabo. Miles não tinha *acabado* de falar no Roland Sparks?

Roland olhou entre Shelby e Miles. Ele claramente reconhecia-os, o que significava que este era o Roland do seu presente, o Roland deles, aquele que tinham visto no quintal arruinado por uma batalha da Lucinda Price. O que queria dizer que eles estavam encrencados.

— *O que vocês dois estão fazendo aqui?*

Miles ficou do lado de Shelby imediatamente, suas mãos protetoramente ao redor de seus ombros. Foi realmente uma generosidade dele, como se não pretendesse deixá-la ser pega sozinha.

— Estamos procurando Daniel — ele disse. — Pode nos ajudar? Sabe onde ele está?

— *Ajudar vocês? A achar o Daniel?* — Roland curvou suas sobrancelhas escuras, desnordeado. — Não querem dizer Luce, a garota mortal perdida em seu próprio Anunciador? Vocês dois não sabem no que estão se metendo.

— Sabemos, sabemos, este não é o nosso lugar. — Shelby usou seu tom mais repetitivo. — Chegamos aqui por acidente — ela acrescentou, encarando Roland no alto de seu incrível cavalo branco. Ela não fazia ideia de que cavalos eram tão enormes. — Estamos tentando voltar para casa, mas temos dificuldade em achar um Anunciador...

— É claro que sim. — Roland bufou de raiva. — Como se eu não tivesse obrigações o bastante, agora tenho que ser babá de vocês também. — Ele ergueu casualmente uma mão enluvada. — Vou convocar um para vocês.

— Espera. — Miles ficou à frente, interrompendo Roland. — Pensamos que, enquanto estamos aqui, nós podíamos talvez, hm, fazer uma coisa bacana para Lucinda. Sabe, a Lucinda desta era. Nada demais, só fazer a vida dela um pouco mais feliz. Daniel deu o fora nela...

— *Você sabe como ele fica às vezes...* — Shelby intrometeu-se.

— *Espera aí. Viram Lucinda?* — Roland perguntou.

— *Ela estava devastada* — Miles disse.

— *E amanhã é dia dos namorados* — Shelby acrescentou.

O cavalo relinçou, e Roland o parou com as rédeas.

— *Ela estava clivada?*

Shelby enrugou o nariz.

— *Ela estava o quê?*

— *Ela era uma união de seu eu do passado e do presente?*

— *Você quer dizer como...* — Shelby estava pensando no modo como Daniel tinha ficado em Jerusalém, perdido e fora de foco, como um filme em 3D sem os óculos.

Mas antes que pudesse responder, o sapato de Miles esmagou seus dedos. Se Roland não tinha gostado deles estarem aqui, ele com certeza não ia gostar do fato

deles terem viajado pelos Anunciadores para quase todo canto.

— Shh — Miles sussurrou de canto de boca.

— Olha, é bem simples. Ela reconheceu vocês? — Roland pressionou.

Shelby suspirou.

— Não.

— Não — Miles disse.

— Então ela é a Luce desta era e não devemos interferir. — Roland os olhou com franca suspeita, mas não disse mais nada. Um de seus compridos *dreadlocks* negro-dourado soltou-se do elástico e caiu do esconderijo em seu elmo. Ele enfiou-o de volta e olhou ao redor da praça da cidade, para os cachorros atacando um intestino bovino retorcido e para as crianças chutando uma bola de couro assimétrica nas ruas lamacentas. Claramente desejava não tê-los encontrado.

— Por favor, Roland — Shelby disse, alcançando, ousadamente, sua luva de malha. *Manopla*, ela pensou. Chamam-se *manoplas*. — Não crê no amor? Você não tem coração?

Shelby sentiu as palavras pairando no ar gélido e desejou retirá-las. Certamente havia ido longe demais. Ela não sabia a história de Roland. Ele tinha ficado do lado de Lúcifer quando os anjos caíram, mas nunca parecera tão mal assim. Apenas obscuro e inescrutável.

Ele abriu sua boca para dizer algo, e Shelby esperou ouvir mais um sermão sobre os perigos de viagens em Anunciadores, ou ser ameaçada a ser entregue para Francesca ou Steven quando Roland tivesse vontade. Ela recuou e desviou o olhar.

Então ouviu o tinido suave de um visor sendo fechado.

Quando olhou para cima, o rosto de Roland estava novamente escondido. Os olhos escuros na fenda do visor estavam incompreensíveis.

Bela maneira de estragar as coisas, Shelby.

— Acharei Daniel para vocês. — A voz de Roland retumbou atrás do visor, fazendo Shelby pular. — Me certificarei de que ele chegue a tempo na Feira amanhã. Tenho uma última missão a cumprir, e então voltarei para cá para providenciar um Anunciador para vocês dois, para retornarem a Shoreline, onde deviam estar agora. Não quero discussões. Aceitem minha oferta ou fiquem sem nada.

Shelby apertou sua mandíbula para impedi-la de cair aberta. Ele ia ajudá-los.

— Sem, sem discussões — Miles gaguejou. — Isso está ótimo, Roland. Obrigado.

Shelby entendeu o ligeiro declive no elmo de Roland como sendo um aceno, mas ele não disse mais nada. Apenas cutucou seu cavalo branco na direção do caminho que dava para fora da cidade. Mercantes dispersaram-se enquanto o animal trotava e depois caía num galope, sua cauda branca correndo atrás como um sopro de fumaça desaparecendo.

Shelby notou algo estranho: ao invés de cavalgar orgulhosamente para fora da cidade, Roland tinha sua cabeça abaixada, seus ombros um tanto tombados. Como se algo, inexplicavelmente, tivesse mudado seu humor. Fora algo que ela tinha dito?

— Isto foi intenso — Miles disse parado ao seu lado.

Shelby aproximou-se dele, tanto que seus braços se tocavam, e isso a fez se sentir melhor.

Roland ia achar Daniel. Ele iria ajudá-los.

Shelby sentiu-se sorrindo um sorriso muito diferente do seu natural. Em algum lugar debaixo de toda aquela armadura talvez houvesse um coração que acreditasse no poder do amor verdadeiro.

Mesmo com todo seu cinismo exterior, Shelby tinha de admitir que ela também acreditava no amor. E ela conseguia afirmar, pelo modo como Miles havia consolado Lucinda esta tarde, que ele acreditava também. Juntos eles viram o brilho do crepúsculo do sol na armadura de Roland e escutaram o ruído de cascos no carvão diminuindo o silêncio.



QUATRO



MÃO ENLUVADA

Uma coisa boa na Era Medieval: as estrelas eram inacreditáveis.

Sem as luzes da cidade atrapalhando, o céu era uma paisagem brilhante de galáxias, do tipo que fazia Shelby se deitar por um longo tempo e encará-lo. Logo antes do anoitecer, o sol finalmente havia queimado as nuvens cinzentas de inverno e agora a tela negra acima estava lavrada de estrelas.

— Este é o Grande Carro, não é? — Miles perguntou, apontando para um arco claro no céu.

— Não faço a mínima. — Shelby deu de ombros, embora tenha se inclinado para seguir o dedo dele com os olhos. Ela conseguia cheirar a pele dele, familiar e um pouco cítrica. — Não sabia que gostava de astronomia.

— Nem eu. Nunca tive muito interesse. Mas tem alguma coisa nas estrelas hoje à noite... ou algo em hoje à noite no geral. Tudo parece meio notável. Sabe?

— É — Shelby suspirou, perdida nas maravilhas que ela nunca prestara muita atenção. Ela sentia-se perto delas de uma maneira estranha. Perto de Miles, também. — Eu sei.

Uma vez concordado que ficariam mais uma noite, a brigona da Shelby havia procurado cobertas e um pouco de corda (usando habilidades aprendidas nos seus dias na periferia) e transformado-as em uma tenda quase elegante. Como tantos dos visitantes festeiros, ela e Miles haviam montado acampamento numa alta ladeira nos arredores gramados das muralhas da cidade. Miles tinha até mesmo achado lenha, apesar de nenhum dos dois saber como começar uma fogueira sem fósforos.

Até que aqui era legal, na verdade. É, havia uns barulhos malucos de coiote vindo da floresta, mas Shelby se lembrou de que às vezes nas noites na Shoreline havia os mesmos gritos estridentes. Ela e Miles simplesmente ficariam juntos e se esconderiam atrás de umas pessoas medievais encorpadas se alguma criatura selvagem surgisse da floresta.

Um mercado noturno especial de feriado estava montado perto da estrada, então depois de montar a tenda, eles se separaram com planos de Miles achar um pouco de comida e de Shelby caçar presentes de dia dos namorados para dar a Luce e Daniel no dia seguinte. Então iriam se encontrar de volta na barraca para jantar sob as estrelas.

Na hora antes do sol se pôr, os vendedores da cidade haviam movido a festa para o lado de fora. O mercado noturno era diferente do diurno dentro das muralhas, que vendia itens cotidianos como pano e grãos. Shelby percebeu que o noturno era um evento de ocasião especial, apenas para o feriado de dia dos namorados, quando a cidade transbordava de mercantes e outros visitantes de muito longe.

O gramado estava coberto com tendas recém-levantadas, muitas das quais também eram locais de escambo. Shelby não tinha muito a oferecer, mas conseguiu trocar seu elástico rosa-shocking de cabelo por um lenço rendado no formato de coração, que planejava dar à Luce, como presente “de Daniel”.

Ela também trocara alegremente uma tornozeleira de cânhamo, que Phil haviam lhe dado em algum encontro na Shoreline, por uma porta-adaga de couro que imaginou que Daniel fosse gostar. Era difícil comprar para homens.

O elástico e a tornozeleira valiam menos do que nada para Shelby, mas eram exóticos aos mercantes.

— Que substância de alquimia é esta que estica e retém sua forma? — perguntavam-lhe, examinando o elástico como se fosse uma pedra preciosa. Shelby tinha segurado uma gargalhada, aqueles aparelhos de tortura medievais nunca longe de seus pensamentos.

Como sempre depois de umas comprinhas, Shelby estava voraz e assim esperava que Miles houvesse encontrado uma boa gororoba. Ela corria pelo gramado lotado para encontrá-lo quando um pensamento embaçado veio à mente: o que ela estava esquecendo?

— Oh, que adorável gorro! — uma mulher de cabelos claros com um sorriso amplo apareceu perante ela. Ela acariciou o véu rendado da touca que Shelby havia roubado da carroça naquela manhã. — É um dos gorros do Mestre Tailor?

— Hã, quem? — a culpa de Shelby fez um rubor subir até as pontas do chapéu roubado.

— O estábulo dele é logo pro ladim de lá. — A mulher apontou para uma tenda feita de lona dura e branca a cerca de três metros de distância. — Henry tem três irmãs, todas costureiras maravilhosas. Na maior parte do ano suas agulhas movem-se apenas para fazer as vestimentas das peças misteriosas da igreja, mas as garotas sempre fazem algo pequeno e especial para a Feira. O trabalho delas tira meu fôlego.

As laterais da tenda estavam abertas e lá, sob um toldo, estava o homem robusto em cuja carroça ela e Miles haviam tentado pular como em um trem de carga naquela manhã. O homem que havia pegado o boné de Miles. Uma pequena multidão havia se reunido e fazia oohs e aahs, admirando algo aparentemente muito precioso. Shelby teve que empurrar os outros frequentadores da feira antes que reconhecesse o item atraindo tantos olhos famintos:

Um boné azul-claro dos Dodgers.

— Admirem a tintura excelente deste visor de tecido rígido! — Henry Tailor estava profundamente envolvido em sua venda, como se aquele boné sempre tivesse feito parte de sua coleção, como se ele mesmo o tivesse costurado. — Já viram tais costuras? De um intervalo impecável, ao ponto de serem... invisíveis!

— E quando uma espada cortar o feltro, Henry, o que acontece? — um homem zombou. A multidão começou a cochichar que talvez o visor não fosse o item de maior invencibilidade na coleção de Henry.

— Tolos — disse Henry. — Este visor não é uma arma, é um item de beleza. Não é

possível que algo seja feito simplesmente para agradar aos olhos e ao coração?

À medida que os frequentadores da feira vaiavam, o coração de Shelby martelava no peito, porque sabia o que tinha que fazer.

— Comprarei o chapéu! — ela gritou repentinamente.

— Não está à venda! — Henry disse.

— É claro que está — disse Shelby, afastando seu nervosismo por conta de seu terrível sotaque inglês, afastando algumas pessoas alarmadas, afastando tudo exceto a necessidade de ter aquele boné. Era importante para Miles, e Miles era importante para ela. — Aqui — ela gritou — fique com meu gorro em troco! Meu, hm, pai comprou-o para mim esta manhã e ele não, hm, serve.

Henry olhou para cima e Shelby ficou em pânico por um momento; certamente ele saberia que ela havia roubado o gorro. Só que, quando virou a cabeça para ela, ele não pareceu compreender que aquele item já lhe pertencera. — Sim, este gorro faz suas orelhas se destacarem por demais. Mas isto não é o bastante.

O quê? Ela não tinha orelhas grandes! Shelby estava prestes a dizer a Henry o que pensava disso quando se lembrou do que importava ali.

— Sejam razoáveis! Este chapéu é velho, o material estava desbotado! — Ela apontou um dedo acusatório. — E que espécie de perversidade significa estas letras adornadas na frente?

— Aquilo são letras? — alguém na multidão perguntou.

— Não sei ler — disse outro.

E estava claro que Henry tampouco sabia.

— O que dizem? — ele perguntou. — Pensei que fossem meramente decorativas. — E então, lembrando-se que havia dito ter feito o chapéu, acrescentou — O desenho foi-me dado por um cavalheiro de passagem.

— É a marca do diabo! — Shelby improvisou, sua voz ficando mais alta à medida que ganhava confiança. — Os braços pontiagudos são sua marca e sua assinatura.

A multidão arfou e se aproximou. O cheiro deles fez com que Shelby sentisse como se não pudesse respirar.

Henry afastou o boné de si.

— É mesmo? Então por que o quer?

— Por que acha? Desejo destruí-lo em nome de tudo que é sagrado e direito no mundo.

Houve um murmúrio de aprovação na multidão.

— Queimarei-o e livrarei este mundo de sua marca diabólica! — Ela realmente estava ficando boa nisso.

Algumas pessoas na multidão deram vivas débeis.

— Protegerei a todos nós com a destruição deste chapéu!

Henry coçou sua cabeça.

— Mas é só um chapéu, né mesmo?

Ao redor de Shelby, as pessoas se viraram para olhá-la.

— Bem, sim, mas... a ideia é tirá-lo de suas mãos.

Taylor olhou para o gorro em sua mão, sua sobrancelha esquerda levantando.

— Esta obra parece familiar — ele murmurou. Então olhou novamente para o boné de Miles. — Uma troca justa, então?

Shelby entregou a touca rendada.

— Uma troca justa.

O homem assentiu e o câmbio foi feito. O apreciado boné do Dodgers de Miles pareceu uma barra de ouro nas mãos de Shelby, e ela não conseguia chegar à tenda rápido o bastante. Ela ia ficar tão feliz! Ela delimitou o gramado, passando por menestréis cantando canções tristes e solitárias, por crianças em um eterno jogo de pega-pega, e logo estava vendo os contornos dos ombros de Miles na escuridão.

Só que não estava mais escuro.

Miles tinha descoberto como fazer uma fogueira! E estava assando um garfo cheio de salsichas na chama aberta. Quando ele olhou para ele e sorriu, uma minúscula covinha (que ela nunca notara antes) apareceu em sua bochecha esquerda. Shelby ficou tonta. Podia ser por causa da correria. Ou pelo calor repentino do fogo.

— Com fome? — perguntou Miles.

Ela assentiu, nervosa demais com a notícia de ter recuperado o boné para encontrar palavras. Segurou o boné por trás das costas, atenta a tudo. Sua postura, o presente, as roupas medievais largas. Mas este era Miles; ele não a julgaria. Então por que se sentia tão tensa de repente?

— Achei que estivesse. Ei, onde está o seu gorro?

Havia um indício de arrependimento em sua voz? Será que seu cabelo estava ridículo? Agora ela não tinha mais o elástico de cabelo para prendê-lo.

Ela corou.

— Eu o troquei.

— Ah. Algo para dar a Luce e Daniel?

Com o jogo de luz em seu rosto, Miles parecia tanto seu melhor amigo como uma pessoa completamente desconhecida. Alguém, ela percebeu, que gostaria muito de conhecer.

— É. — Shelby se sentia estranho, pairando em cima dele com sua juba louca de leão. Por que não tinha um cabelo como o de Luce, tão macio e brilhante e sexy e tudo isso? Um cabelo que os garotos gostavam. Miles gostara do cabelo de Luce. Ele ainda encarava Shelby. — O que foi?

— Nada demais. Sente-se. Tem cidra e um pouco de pão.

Shelby sentou na grama ao lado de Miles, cuidando para esconder o boné nas dobras de seu vestido. Ela queria lhe dar isto no momento certo, tipo depois de seu estômago parar de roncar. Ele colocou uma salsicha fervendo numa fatia grossa e crocante de pão e deu-lhe um copo de lata amassado com cidra. Eles bateram seus copos, os olhos conectados.

— Onde conseguiu todas essas coisas?

— Acha que é a única que consegue fazer escambo? Tive que dizer adeus a dois bons cadarços por esse sanduíche, senhora, então coma tudo.

Enquanto Shelby dava uma mordida e provava sua bebida, ficou feliz por ver que Miles não encarava seu cabelo. Ele observava a expansão de tendas que dava para a cidade, a fumaça de centenas de fogueiras misturando-se no ar. Ela se sentiu mais quente e feliz do que se sentira em muito tempo.

Terminando o sanduíche antes que Shelby desse uma segunda mordida, Miles engoliu em seco.

— Sabe, essa saga da Luce e do Daniel, o amor impossível deles, a maldição inquebrável, sorte e destino e tudo isso... quando começamos a aprender sobre isso nas aulas, e mesmo quando eu conheci a Luce, parecia tão...

— Um bando de baboseira? — Shelby interrompeu. — Foi o que eu achei, pelo menos.

— Bem, é — Miles admitiu. — Mas recentemente, passando pelos Anunciadores com você, vendo de verdade tudo que tem no mundo, encontrando Daniel em Jerusalém, observando como Cam era diferente quando estava noivo... Talvez o amor verdadeiro exista mesmo.

— É. — Shelby pensou sobre isso enquanto mastigava. — É.

Do nada, ela quis muito perguntar uma coisa para Miles. Mas tinha medo. E não aquele tipo de medo de ter que dormir do lado de fora numa floresta povoada por animais ou o medo de estar muito, muito longe de casa e sem qualquer certeza de achar o caminho de volta. Este era um tipo de medo novo e vulnerável, cuja intensidade a fazia tremer.

Mas se não perguntasse, nunca saberia. E isso seria pior.

— Miles?

— Sim?

— Já se apaixonou?

Miles arrancou um talo marrom de grama e retorceu-o entre suas mãos. Ele lançou-lhe um sorriso, e então deu uma risada envergonhada.

— Não sei. Quero dizer... provavelmente não. — Ele tossiu. — Você já?

— Não — disse ela. — Nem um pouco.

Nenhum dos dois sabia o que dizer depois. Por um tempo, eles simplesmente ficaram sentados em um silêncio enervante. Às vezes Shelby esquecia que era um silêncio de nervoso e ficava com vontade de dar uma espiada nele e então o via olhando-a, e os olhos dele eram de um azul mágico e tudo parecia muito diferente, e ela ficava nervosa de novo.

— Já desejou em viver em outra era? — Miles finalmente mudou de assunto, e pareceu que um enorme balão de tensão fora estourado. — Eu podia me acostumar a usar armadura, ser cavaleiro, essas coisas.

— Você seria um ótimo cavaleiro! Mas eu não, eu saltaria aos olhos. Gosto do barulho da Califórnia.

— Eu também. Ei, Shel? — os olhos dele aprofundaram-se nela. Ela sentiu-se quente mesmo com uma rajada de vento de fevereiro passando por seu vestido de algodão áspero. — Acha que as coisas vão ser diferentes quando voltarmos para

Shoreline?

— É claro que vão ser diferentes. — Shelby olhou para baixo e arrancou a grama. — Quero dizer, iremos nos sentar no refeitório, ler o *Tribune* e planejar pegadinhas para aprontar nos não-Nephilim. Não vamos, sabe, beber de poços medievais e coisas assim.

— Não foi isso que quis dizer. — Miles se virou para encará-la. Ele levantou o queixo dela com o dedo. — Quis dizer eu e você. Estamos diferentes aqui. Gosto do jeito que estamos aqui. — Ele parou e olhou para ela com seus olhos azuis profundos. — Você gosta?

Shelby sabia que não era aquilo que ele quisera dizer. Mas ela estava assustada demais para falar sobre o que ele queria. Porque... e se ela tivesse entendido mal? Ela gostava (e muito) do jeito que Miles e ela “estavam” aqui, fosse como fosse. Ela sentira essa *agitação* nele o dia todo. Mas não conseguia explicá-la. Isto a deixava sem fala.

Por que ele não podia simplesmente ler sua mente? (Não que ela fosse menos confusa). Mas não, Miles estava esperando por sua resposta, que estava atrasada e era simples e também muito, muito complicada.

— Claro. — Shelby estava corando. Ela precisava de uma distração. Então pegou o boné de beisebol. Desse jeito ele o encararia ao invés das bochechas rosadas dela.

— Eu te perguntei sobre seu gorro — Miles disse antes que ela pudesse lhe dar o boné — porque achei isso aqui no mercado hoje. — Ele segurava um par de luvas de couro de búfalo com o punho branco. Eram lindas.

— Você comprou isso? Pra mim?

— Consegui em troca, na verdade. Você devia ter visto como o mercador de luva pirou por causa de um chiclete. — Ele sorriu. — De qualquer jeito, as suas mãos estavam tão frias o dia inteiro, e achei que combinariam com seu gorro.

Shelby não conseguia evitar. Ela começou a gargalhar. Ela se dobrou e bateu no chão e uivou. Foi tão bom soltar toda aquela energia presa por causa do nervosismo, soltá-la no ar da véspera do dia dos namorados e simplesmente rir.

— Você as odiou. — Miles pareceu desapontado. — Sei que normalmente não fazem o seu estilo, mas eram da mesma cor que aquele gorro e...

— Não, Miles, não é isso. — Shelby sentou-se de volta e ficou séria quando viu o rosto dele. Então começou a rir de novo. — Troquei o gorro para conseguir isso para você. — Ela segurou o boné dos Dodgers.

— Não brinca. — Ele o pegou com o ar de uma criança que não conseguia acreditar que os presentes debaixo da árvore de Natal eram realmente seus.

Silenciosamente, Shelby segurou as luvas em suas mãos. Miles agarrou o boné nas suas. Após um longo instante eles experimentaram seus presentes.

Com o boné enfiado apertadamente sobre seus olhos azuis, Miles parecia quase que completamente com seu antigo eu, o garoto que Shelby conhecia de centenas de aulas na Shoreline, o garoto com quem ela tinha atravessado Anunciadores, o garoto que, ela percebeu, era seu amigo mais próximo.

E as luvas, elas eram perfeitas. Do couro mais suave e de um desenho delicado.

Serviam-lhe perfeitamente, quase como se Miles soubesse o formato exato de suas mãos. Ela olhou para cima para agradecê-lo, mas a expressão dele a fez parar.

— Qual o problema?

Miles coçou a testa.

— Num sei. Você se importaria, na verdade, se eu tirasse o boné? Percebi hoje que consigo ver você melhor sem ele, e gostei disso.

— *Me ver?* — Shelby não sabia por que, de todas as vezes, sua voz escolheu este momento para falhar.

— É. Você. — Ele tomou suas mãos. Os batimentos dela aceleraram. Tudo naquele momento pareceu muito importante.

Só havia uma coisa errada.

— Miles?

— Sim?

— Importa-se de eu tirar as luvas? Eu as adorei, e vou usá-las, prometo, mas agora, eu... eu não consigo sentir as suas mãos.

Sempre tão gentil, Miles retirou as luvas de couro, um dedo por vez. Quando ele terminou, colocou-as no chão e tomou ambas as mãos dela nas dele de novo. Forte e reconfortante e, de algum modo, completamente surpreendente, o aperto de Miles a fez sorrir de dentro para fora. No galho do loureiro atrás deles, um rouxinol gargarejou suavemente. Shelby engoliu em seco. Miles respirou vagorosamente.

— Sabe o que eu pensei quando Roland disse que ia nos mandar para casa amanhã?

Shelby balançou a cabeça.

— Pensei: *agora vou passar o dia dos namorados neste lugar incrivelmente romântico com uma garota que eu realmente gosto.*

Shelby não sabia o que dizer.

— Não está falando da Luce, está?

— Não. — Ele observou seus olhos, esperando por algo. Shelby sentiu aquela tontura de novo. — Estou falando de você.

Em seus dezessete anos, Shelby havia sido beijada por muitos sapos e algumas rãs. E toda vez que este momento chegava, o garoto sempre fazia o gesto mais perdedor de todos, dizendo “Posso te beijar agora?” Ela sabia que algumas garotas achavam isso educado, mas para Shelby era apenas uma gigantesca dor de cabeça. Ela sempre acabava respondendo algo sarcástico e sempre aniquilava o clima. Então estava aterrorizada de que Miles fosse perguntar se podia beijá-la. E também aterrorizada de que ele *não* perguntasse se podia.

Por sorte, Miles não a deixou muito tempo amedrontada.

Ele se abaixou bem lentamente e segurou as bochechas dela nas palmas de sua mão. Seus olhos eram da cor do céu estrelado acima. Quando ele guiou o queixo dela mais para perto do dele, inclinando bem ligeiramente o rosto dela, Shelby fechou os olhos.

Seus lábios se uniram no mais doce dos beijos.

Simple, alguns beijinhos suaves. Nada complicado demais, eles estavam apenas começando, afinal. Quando Shelby abriu seus olhos e viu o olhar no rosto dele, aquele sorriso que ela conhecia tão bem quanto seu próprio, soube que tinha ganhado o melhor presente dos dias dos namorados. E não trocava isto por nada.



LIÇÕES AMOROSAS



O DIA DOS NAMORADOS DE ROŁAND

UM



A LONGA E OFUSCANTE ESTRADA

Roland cavalgava duramente para os portões do lado norte da cidade. Embora esta rota fosse levá-lo para a cena do pior momento de sua vida, ele não desviou. Tinha uma missão.

Sua égua, uma estranha até algumas horas atrás (quando havia roubado-a dos estábulos de um senhor) adaptava-se intuitivamente às suas necessidades. Era uma Árabe branca como a neve, muito bonita em seu equipamento de couro negro de cavaleiro. Antes de Roland tê-la encontrado, ele estivera de olho em um cavalo manchado de arador com grandiosos flancos (um cavalo-operário conseguia viajar mais que um cavalo de um nobre, e com menos alimento), mas ele não se sentia bem em roubar de camponeses.

Esta (chamava-a de Pretinha, por conta do pingo preto que tinha em seu nariz) tinha resmungado e coiceado quando montara nela pela primeira vez, mas após algumas voltas cuidadosas no caminho lamacento perto do curral de ovelhas, já eram amigos. Ele sempre teve um dom especial com animais, especialmente cavalos. Os animais conseguiam ouvir a musicalidade em sua voz mais claramente que os humanos. Roland podia sussurrar algumas palavras para uma potra assustada e acalmá-la como um raio de luz após um tornado.

Quando enfim Roland passou pela desordem que era o mercado, égua e cavaleiro formavam uma unida parceria, o que não era o caso de sua armadura. O conjunto que tinha afanado da câmara de armamento do filho do lorde no castelo não lhe servia. Era comprido nas pernas e estreito no peito, e fedia a suor acre. Nenhuma dessas características combinava com Roland, cujo corpo estava acostumado com alta-costura.

Enquanto passava junto aos portões, cuidando para evitar a visão de campo do lorde, Roland havia simplesmente ignorado os olhares alarmados dos cidadãos e seus murmúrios conjecturando sobre qual batalha ele iria travar. Esta armadura formal, com seu maldito colete de cota de malha, rodeado por um cinto adornado pesando nove quilos, e o elmo de aço sufocante que não parava em seus *dreadlocks*, era usada somente em lutas; era evidente e enfadonha demais para viagens casuais. Ele sabia disso. Sentia isso com absolutamente todas as passadas estremecidas de sua égua.

Mas esta vestimenta tinha sido a única coisa que Roland conseguiu achar para ofuscar sua identidade o quanto precisava. Ele não tinha vindo até aqui para ser incomodado por mortais tentando capturar e aprisionar um demônio que confundiram com um bárbaro.

Precisava de um disfarce que não atrapalhasse a realização de seu único objetivo:

manter o eu passado medieval de Daniel longe de encrenca.

Não Lucinda. Daniel.

Roland acreditava que Lucinda Price sabia o que fazia. E mesmo quando não fazia ideia do que estava fazendo, sempre fazia a coisa certa. Era impressionante. Os anjos que seguiram Luce nos Anunciadores (Gabbe, Cam, até mesmo Arriane), não lhe davam crédito o suficiente. Mas Roland tinha notado uma primeira mudança nela na *Sword & Cross*, uma estranha certeza insensata que ela nunca possuía em suas vidas anteriores, como se tivesse finalmente vislumbrado a profundidade de sua alma antiga. Luce podia não saber o que estava fazendo quando entrou por conta própria, mas Roland sabia que eventualmente ela descobriria. Este era o final da trama, e ela precisava desempenhar seu papel.

Era por isso que era Daniel quem preocupava Roland.

Seria bem típico de Daniel achar Luce sem querer e arruinar tudo. Alguém precisava se certificar de que ele não fizesse nenhuma burrada, e era por isso que Roland havia seguido-o pelos Anunciadores no quintal de Luce.

Mas achar Daniel provara-se mais difícil do que o esperado. Roland chegara atrasado em Helston, perdera-o por pouco na Bastilha, e era provável que tampouco o achasse aqui. Se fosse esperto, Roland simplesmente pularia isso tudo e tentaria interceptar Daniel em uma de suas primeiras vidas.

Se fosse esperto.

Mas então ele viu os dois Anacronismos desacompanhados tramando coisas no poço, e em plena luz do dia, no centro da cidade, com suas roupas ruins e sotaques piores.

Eles não sabiam de nada?

Roland gostava bastante dos Nephilim. Shelby era um tipo de pessoa confiável e decente, e não era muito feia ao olhar. E Miles... disseram que ele ficou próximo demais de Luce na *Shoreline*, mas qualquer garoto no lugar dele não teria tentado? *Deem um tempo ao garoto*, era o que Roland pensava. Miles tinha um coração de ouro e muito pouco de maldade.

Roland sabia que os Nephilim estavam aqui por pura boa vontade. Seu ponto fraco era sua amiga Luce. E estava claro que Shelby e Miles tinham esperanças elevadas de um romance na Feira do Dia dos Namorados... para Luce e Daniel, e talvez até para eles mesmos.

Provavelmente não sabem disso ainda, Roland pensou, e sorriu.

Mortais raramente conseguiam reconhecer seus verdadeiros sentimentos antes que estes batessem em seus rostos.

Isto acontecia com muitos casais que passavam tempo regozijando-se no brilho de Daniel e Lucinda. Roland tinha testemunhado isso antes. Daniel e Lucinda eram os emblemas do romance, ideais que todos os mortais e alguns imortais precisavam acreditar, quer fossem ou não eles próprios capazes de estabelecer uma ligação tão verdadeira. Daniel e Lucinda eram uma ideia que relatava o modo como o resto do mundo se apaixonava.

Era um feitiço poderoso para se cair.

É claro, Roland teve que repreender os Nephilim por estarem numa das vidas medievais de Lucinda. Eles deveriam estar em seu lugar, em seu próprio tempo, onde suas ações não causariam nenhuma catástrofe histórica.

Então ele havia pegado um pouco pesado com eles. Isso os manteria na linha até que ele voltasse para levá-los para casa em segurança. Viajar com eles era a única maneira de assegurar que não acabassem em algum lugar ainda mais longe de Shoreline.

Mas antes ele podia prestar-lhes um favor. Achar Daniel e certificar-se que aquele mal humoradinho fosse até a Feira de São Valentim. Dar a Daniel e Luce um momento de felicidade não era nada difícil para Roland e, além disso, dava-lhe algo para fazer.

E nesta era, em particular, Roland precisava de algo para fazer.

Para manter sua mente afastada de outras coisas.

No melancólico frio de fevereiro, Roland cavalgou por uma gleba, onde colheitas cuidadas por escravos enchiam os bolsos dos clérigos locais. Passou por uma igreja gótica, com seus arcos pontiagudos e torres espinhosas. *A casa de Deus*. Não conseguiu evitar que o pensamento passasse por sua mente. Fazia muito tempo desde que estivera dentro de uma. Ele cruzou uma ponte alta sobre o rio inchado e lamacento e virou sua égua na direção da fortaleza do cavaleiro, que sabia que ficava a meio dia de cavalgada ao norte.

Não era uma jornada agradável: a estrada era dura e o clima terrível. Pretinha chapinhava altos respingos de lama, pintando seus flancos de um marrom-acinzentado sujo. E o frio fazia as dobradiças da armadura de Roland endurecerem até um estado de quase imobilidade.

Ainda assim, era quase completamente bom voltar para este passado. Um romântico como Daniel poderia afirmar que o cavalheirismo nunca havia morrido, mas Daniel tinha uma relação complicada tanto com o amor quanto com a morte. Roland tinha vivenciado este tipo primário de cavalheirismo por anos. Ele estava quase acabando a esta altura na Idade Média, e certamente já tinha morrido no presente de onde Roland tinha vindo. Não havia dúvida nenhuma.

Mas algum tempo atrás...

Pelo mais breve dos instantes, ele se lembrou do brilho de um cabelo dourado voando no vento.

Ergueu o visor de seu elmo e respirou profundamente. Não iria pensar nela. Não era por isso que estava aqui.

Ele cutucou Pretinha para que prosseguisse e balançou sua cabeça, tentando espárecer a mente.

Roland estava a menos de um quilômetro e meio do grupo de cavaleiros que procurava. Examinou o horizonte: o abrangente declive de vales a leste e a tempestade atrás e a seu oeste. A sua frente a estrada enrolava-se em curvas de colinas que formavam uma barreira protetora para a cidade. Também adiante estava um castelo que pretendia evitar. Daria uma volta enorme para não passar por ele. E do outro lado

daquele castelo estava uma estrada (se ainda estivesse em condições de ser percorrida) que o levaria diretamente até o Daniel desta era. E até seu eu medieval.

Nas suas lembranças antigas desta era, ele se lembrava de como o estranho cavaleiro totalmente coberto aparecera perante ele, trazendo ordens do rei.

O cavaleiro tinha diminuído o passo de seu cavalo até o solado de suas tendas e tinha passado um decreto impondo que os homens abandonassem seus postos por duas noites para celebrar o novo feriado de São Valentim, como era da vontade de Deus. Apenas alguns sabiam ler, então a maioria dos homens recebeu a notícia de boa-fé. Roland ainda se lembrava dos gritos e berros de seus companheiros cavaleiros.

O cavaleiro não tinha dito uma palavra, havia simplesmente entregado o decreto e galopado para longe... em seu cavalo preto-carvão.

Estranho. Roland olhou para Pretinha, acariciando sua crina branca e prata.

Se este era o destino de Roland, ser o anjo atrás do visor que dava a Daniel um presente do dia dos namorados, direcionando-o de volta aos braços da garota que ele amava, então algo teria que acontecer que o permitisse trocar sua égua branca por um cavalo preto. E alguém teria que colocar um decreto real em suas mãos.

Coisas mais estranhas aconteciam quase todos os dias, disse ele sabia.

Ele enfiou seus calcanhares nos flancos de Pretinha e cavalgou, suando em um instante, tremendo no seguinte.



Eventualmente Roland cavalgou até o castelo. Ele protegia o feudo mais ao norte do condado, o último posto avançado a caminho do acampamento dos cavaleiros. Ficou parado com uma perna de cada lado em cima de sua montaria por um instante, assimilando a construção de pedra familiar.

O castelo elevava-se perante ele como um colosso. Havia chaminés brancas como giz acima de cada quarto, fendas estreitas que permitiam uma vista de cada fachada. Mísulas e cornijas decoravam os blocos cinza-escuros de pedra, cuja magnitude faziam Roland se sentir minúsculo. O tamanho do castelo o alucinava. Sempre tivera este efeito, mesmo naquele breve espaço de tempo quando tinha passado por seus portões quase todos os dias e escalado suas pedras entalhadas para alcançar uma varanda todas as noites.

Seus joelhos tremerem contra os flancos de sua égua. Seu coração parecia que tinha inchado dez vezes seu tamanho normal. Batia como se cada palpitação pudesse ser a última. A parte de trás de seus ombros queimava, e ele queria voar para bem longe, mas suas asas estavam presas no casaco de metal e ele não podia retirá-lo.

Além do mais, não importava pra onde Roland voasse, ele não podia escapar do terror que se espalhava em sua alma.

Dentro deste castelo vivia uma garota chamada Rosaline. Ela era o único ser no universo que Roland já tinha verdadeiramente amado.





PAREDES DESMORONANDO

Pretinha relinchou suavemente enquanto Roland deslizava de suas costas. Ele a encaminhou até uma macieira sem frutos no limite sul da propriedade do pai de Rosaline e amarrou suas rédeas ao redor do tronco.

Quantas vezes Roland tinha rodeado as árvores deste jardim, carregando a ampla cesta entrelaçada de sua amada em seu braço, arrastando-se atrás dela, adorando seus movimentos vagarosos enquanto ela arrancava o fruto vermelho dos galhos?

O pai dela era um conde ou duque ou barão ou alguma outra variedade de um magnata de terras ganancioso. Roland parou de se importar com tais títulos mortais após mil anos tendo que observar tais homens brincando de jogos de guerra. A única paixão deste mortal em vida parecia ser exatamente isso: travar guerras e roubar os ricos dos feudos nobres ao redor e infernizar todos os seus vizinhos. O grupo de cavaleiros ao qual Daniel e Roland serviam incluía-se no poder dele, então Roland e seus companheiros tinham passado muitas horas do lado de fora e de dentro das paredes deste castelo.

Ele procurou no alforje de Pretinha e achou uma maçã seca, então a deu à sua égua enquanto avaliava a situação.

Ele se lembrava desta Feira do Dia dos Namorados. Sabia que a esta altura seu romance com Rosaline já tinha terminado. O amor deles tinha acabado há mais de... cinco anos agora.

Ele não deveria ter parado aqui. Deveria saber que isto iria acontecer, que as lembranças inundariam sua mente e o danificariam.

Nem um dia se passava, nestes mil anos, em que Roland não se arrependesse da maneira como tinha terminado com Rosaline. Sua vida era determinada por este arrependimento: paredes e paredes e paredes, cada uma delas com sua própria fachada impenetrável. O arrependimento formava um castelo dentro de si que era trilhões de vezes maior do que o castelo a sua frente agora. Talvez fosse por isso que o tamanho deste castelo inglês mexesse tanto com ele, pois lembrava Roland da fortaleza dentro dele mesmo.

Era tarde demais para se redimir com ela.

Mas mesmo assim...

Ele coçou Pretinha, pedindo por coragem, e foi até o castelo. Havia um passadiço de pedra demarcado por arbustos de primulas não-desabrochadas que acabava em um pesado portão de metal. Roland evitou-o e foi por um caminho lateral. Andou sob as árvores na orla da floresta até que pudesse escapar da visão na sombra da muralha ocidental do castelo. Ela pairava sobre ele, quinze metros de altura antes que a

primeira janela oferecesse uma vista para fora.

Ou para dentro.

Rosaline costumava esperá-lo ali, seu cabelo loiro pendurado sobre a beirada da janela. Era o sinal de que ela estava sozinha e esperava pelos lábios de Roland. A janela estava vazia agora, e olhá-la do chão dava a Roland uma sensação enferrujada de saudade, como se estivesse muito, muito distante do lugar onde pertencia.

Nenhum guarda vigiava as ameias aqui, disso ele sabia. A muralha era alta demais. Ele saiu das sombras e andou até ficar diretamente abaixo da janela.

Correu suas mãos pela parede, lembrando-se das ranhuras que seus pés haviam encontrado tantas vezes antes. Naquela época, ele não tinha ousado soltar suas asas na frente de Rosaline. Já era demais pedir a uma mortal como ela que o amasse, devido a cor de sua pele. O pai dela nunca viu Roland sem seu visor, e não teria permitido que um bárbaro lutasse por ele.

Roland podia ter mudado sua aparência; anjos faziam isso o tempo todo. Quantas vezes Daniel tinha alterado seu reflexo mortal por Luce? Eles tinham parado de contar.

Mas não era o estilo de Roland seguir tendências. Ele era um classicista. Sua alma sentia-se confortável (tão confortável quanto podia) nesta pele em particular. Havia ocasiões, como hoje, em que sua aparência ocasionava brigas tolas, mas nunca fora algo que Roland não pudesse se opor. Rosaline dizia que o amava por quem ele era por dentro. E ele a amava por sua franqueza... mas ela não compreendia *tudo*. Ainda havia algumas coisas sobre si mesmo que Roland sabia que nunca poderia expor.

Ele não se exporia agora, não retiraria sua armadura ou exibiria suas asas. O costume o ajudaria a escalar a muralha da maneira antiga.

Ele reconheceu o caminho na muralha, como se tivesse sido iluminado pelo mesmo resplendor dourado que suas asas abertas espalhavam pelo mundo.

Roland começou a escalar.

Primeiramente foi cuidadoso em sua subida, mas mesmo nesta armadura de metal rangendo, ele logo ficou ágil com as lembranças alegres do amor.

Alguns poucos minutos depois alcançou o topo da muralha exterior e passou suas pernas pelo peitoril estreito do parapeito. Endireitando-se, escapou para o distante torreão e espreitou seu pináculo cônico de cor terra-de-siena. De lá, era uma subida perigosa até o círculo de janelas arqueadas rodeando a torre. Mas sabia que havia um estreito terraço do lado de fora de uma das janelas e uma delicada orla de pedra cercando a torre. Ele podia ficar em cima dela e espreitar para dentro.

Logo ele tinha chegado ao peitoril, e se segurava firmemente na construção de pedra ao longo da janela. Foi quando notou a porta aberta da varanda. Uma cortina de seda vermelha ondulava no vento. E lá, atrás dela, havia um leve movimento de um mortal. Roland segurou a respiração.

Ondas loiras de cabelo, comprido e solto, pendiam das costas de um vestido verde glorioso. Era ela? Tinha de ser.

Ele ansiava esticar-se e puxá-la de sua janela, para fazer com que o mundo voltasse ao normal. Seus dedos ficaram dormentes de segurar o parapeito, e no

momento essencial em que a deusa de cabelos loiros se virou, Roland congelou tão rapidamente, tão completamente, que pensou que iria cair no chão como um singelo.

Ele se afastou e voltou para o parapeito, seu peito contra a muralha, mas mesmo assim não conseguia tirar seus olhos da garota.

Não era ela.

Era Celia, a filha mais nova do lorde. Devia ter dezesseis anos agora, a idade de Rosaline quando Roland tinha quebrado seu coração. Ela parecia sua irmã: pele clara, olhos azuis, lábios de pétalas de rosa, e todo aquele maravilhoso cabelo da cor de linheiro. Mas o fogo dentro dela, aquele incêndio poderoso que Roland adorava em Rosaline, era apenas uma chama moribunda em Celia.

Ainda assim, Roland estava fixo no lugar, incapaz de fazer o menor dos movimentos. Se Celia saísse pela janela e entrasse na varanda, como parecia que ia fazer, Roland seria pego.

— Irmã?

Aquela voz... era como um instrumento afinado, porém mais encorpado. Rosaline!

Por uma fração de segundo, Roland viu uma sombra na entrada, e então o perfil claro e gracioso da única garota que ele já havia amado. Seu coração parou. Não conseguia respirar. Queria gritar o nome dela, pegá-la...

Mas o suor em suas palmas o traiu e seu apoio vacilou. Por vários segundos que pareceram durar uma eternidade, Roland sentiu como se estivesse pairando no ar... e então caiu por seis andares no chão lamacento.



Uma lembrança:

As portas abertas de um celeiro dilapidado.

Roland reconheceu-o como sendo a estrutura vacilante na extremidade nordeste do terreno do castelo. O sol passava por ele cerca de seis horas da tarde nas noites de verão, então Roland supôs, pela luz dourada no feno, que eram quase sete horas. Perto da hora do jantar, aquele espaço de tempo tão breve quando Roland conseguia persuadir Rosaline a ficar alguns momentos sozinha com ele.

Pelas amplas portas de madeira ele viu duas silhuetas agachadas no canto escuro traseiro. Ali, entre a ração para galinha e a pilha de foices enferrujadas, Roland viu seu antigo eu.

Mal reconheceu o garoto que viu. Eles eram a mesma pessoa, mas, ainda assim, algo fazia este garoto realmente parecer novo. Esperançoso. Indene. Sua túnica de lã era apertada ao corpo, e seus olhos eram tão brilhantes quanto os de uma potra recém-nascida. *Ela* fazia isso com ele, retirava dele milênios gastos trabalhando na Terra, sua completa existência no Céu e sua Queda opressora após.

Ele podia ter experiência em guerras e ter se rebelado contra o poder divino, mas quando se tratava de romance, o coração de Roland era igual o de uma criança.

Ele sentou-se em um banquinho de madeira de três pernas e espreitou, tão

ardentemente que ficava envergonhado de se lembrar, a estonteante garota de cabelos loiros perante si.

Rosaline reclinou-se do seu lado no feno, alheia aos espinhos que se agarravam ao seu vestido de cetim. Seu cabelo tinha um resplendor mais adorável do que ele se recordava, e sua pele era tão suave e clara quanto um creme recém-batido. Seu olhar abaixado fazia com que a única parte que Roland vislumbrasse de seus bonitos olhos azuis fosse a suave cortina de cílios sobre eles. Naquela época, seus lábios cheios adotavam duas posições: o beicinho que faziam agora e o presente rápido de um sorriso às vezes concedido a Roland. Ambos eram desejáveis. Ambos faziam com que ele tivesse sensações esquisitas.

Ela se moveu no feno, fingindo tédio, mas de maneira muito ruim. A cada movimento dele ela ficava paralisada, ele percebia agora.

— Tenho mais um gracejo. Minha senhora gostaria de ouvir? — disse seu eu passado.

Roland recordou-se da afoita inclinação do queixo de seu eu passado e queimou de vergonha. Agora ele se lembrava do por que tinha precisado convencê-la tão avidamente para que se encontrasse com ele no celeiro.

Tudo que ele fez foi atacá-la com poesias ruins.

O garoto no banquinho não esperou (claramente não *conseguia* esperar) pelo resmungo refinado de Rosaline. E quando Roland começou seu verso horrendo, ninguém imaginaria que este poeta fracassado já tinha sido o Anjo da Música.

*Picos nevados são sub-sublimes,
Comparados à deslumbrante Rosaline.
Os olhos ternos de gatinhos são crimes,
No colo de Rosaline.
Como um poema precisa de limes,
Eu preciso de Rosaline.
Aqueles que labutam com paveia e vimes,
Transportam-os para Rosaline.
Como a casca a noz exprime,
Esta noz é Rosaline.
Aquele que de mistérios aproximes,
Primeiro deve encarar Rosaline.*

No fim, Roland olhou para cima e viu o rosto de Rosaline enrugado numa carranca. Ele se lembrou disso agora, lutou para aguentar uma segunda vez, e sentiu o mesmo peso em seu estômago, como uma bigorna caindo de um penhasco.

— Por que me corrompe com estes versos deselegantes? — disse ela.

Desta vez, em suas lembranças, Roland ouviu em sua voz: É claro! Ela estava *provocando-o*.

Ele deveria ter percebido isso quando ela pegou sua mão e o arrastou até o feno

junto a si. Seu coração batia alto demais para que ouvisse a insinuação dela, que agora, claramente, pedia *Cale a boca e me beije*.

E como ele tinha beijado-a!

Naquela primeira vez em que seus lábios se uniram, algo inflamou dentro de Roland, como se sua alma tivesse sido eletrocutada. Seu corpo ficou rígido com o esforço de tentar não estragar nada. Seus lábios soldaram-se aos dela, porém frouxamente. Suas mãos eram duas garras coladas nos ombros dela. Rosaline retorceu-se em seu aperto, mas ele não conseguia se mover nem que sua vida dependesse disso.

Por fim ela soltou uma doce risada e contorceu-se pra fora de seus braços. Ela reclinou-se no feno, seus lábios rosa franzidos e de novo fora de alcance. Olhou-o da maneira como uma criança olha um brinquedo descartável.

— Faltou fineza.

Roland ficou de joelhos, suas mãos plantadas no feno áspero.

— Devo tentar novamente? Estou certo de que posso fazer melhor...

— Bem, espero que sim. — Sua risada era recatada e elegante. Desviou dele tempo o bastante para provocá-lo, e então se encostou no feno e fechou seus olhos. — Pode tentar novamente.

Roland inalou profundamente, bebendo da doçura que vinha de cada parte dela. Mas justo quando estava prestes a entregar outro beijo desengonçado, Rosaline pressionou a mão contra seu peito.

Deve ter sentido seu coração acelerado, pois não o deixou prosseguir.

— Desta vez — ela instruiu — não fique tão forçado. Tenha mais... *fluides*. Pense no ritmo de um poema. Bem, talvez não dos *seus* poemas. Talvez o do seu poema favorito escrito por outro. Jogue-se no meu beijo.

— Desse jeito? — Roland só faltou cair em cima dela, rolando para o lado e ficando cara a cara com o feno. Virou-se na direção dela, corado.

Ficaram deitados lado a lado, encarando um ao outro. Ela tomou as mãos dele. Seus quadris tocavam-se por cima das roupas. As pontas de seus pés beijaram-se sem constrangimento. O rosto dela estava a centímetros do dele.

— Errou a minha boca. — Seus lábios se separaram em um sorriso atraente. — Roland, amar significa não ter medo de se soltar, confiando que eu vá desejar tudo que você tem a oferecer. Você entende?

— Sim, sim, eu entendo! — suspirou Roland, içando-se mais para perto em sua tentativa seguinte. Seus lábios e suas mãos e seu coração quase explodiam de ansiedade. Tentativamente, ele alcançou sua...

— Roland?

O que era agora?

— Segure-me firmemente, senhor, não vai me quebrar.

Enquanto ele a beijava, parecia a Roland que nem o chamado do próprio Lúcifer podia forçá-lo a deixar essa bela donzela ir embora.

Ele seguiria o conselho dela milhares de vezes com outras damas no futuro, e às vezes sentia algo, mas nunca por muito tempo e nunca, nunca desse jeito.



TRES



CONSELHO COM A ESCURIDÃO

Roland acordou sentindo-se enjoado e perdido.

A doce lembrança de seu amor por Rosaline escapulia. Ele tocou a cabeça, que latejava, e percebeu que estava deitado no chão.

Lentamente, ficou de pé. Algo em si doía terrivelmente, mas não era nada que não fosse se recuperar no tempo devido.

Ele olhou novamente para a varanda. Nunca teria caído antigamente. Provavelmente não deveria ter vestido sua armadura completa. Estava ficando enferrujado. Quantas vezes tinha escalado esta mesma muralha na expectativa de encontrá-la? Quantas vezes o cabelo loiro e comprido de Rosaline tinha chamado-o como os cachos de Rapunzel?

Geralmente, quando Roland alcançava a varanda, ela estava esperando, genuinamente exultante em vê-lo. Gritava o nome dele em um sussurro e então se amarrava em seus braços. Ela se sentia tão leve, tão delicada contra ele, sua pele cheirando a água de rosas de seu banho, seu corpo quase zunindo com o poder de seu amor secreto...

Roland balançou sua cabeça. Não, a corte deles não tinha sido de puro prazer e alegria. Uma memória obscura manchava o resto.

Era a última lembrança que ele tinha dela.

Aconteceu na terceira estação de seu romance secreto, enquanto o mundo ao seu redor transformava-se para o outono e o verde do verão queimava em uma rebelião de laranjas e vermelhos reluzentes.

Tinham planejado fugir juntos, escapar do domínio do pai dela e também do preconceito de uma sociedade que não permitia que a filha de um nobre se casasse com um bárbaro. Roland tinha ficado longe de seu amor por uma semana, sob o pretexto de fazer planos para sua nova vida juntos.

Mas tinha sido uma mentira. Ele tinha ido buscar conselho para o verdadeiro problema que se apresentava perante eles:

Ela ainda o amaria se descobrisse?

E:

Ele podia esconder sua natureza dela e ainda dar-lhe uma vida feliz?

Realmente, havia apenas uma pessoa com quem ele podia contar.



Encontrou Cam na extremidade sul das ilhas que um dia se chamariam Nova Zelândia. Naquela época, ambas as ilhas estavam completamente intocadas pelos homens. Os Maori não chegariam a esta terra por mais meio século, então Cam tinha o lugar todo para si mesmo.

Enquanto Roland voava, os penhascos o ameaçavam, tão pontudos quanto adagas, diferente de tudo que ele já tinha visto. Os ventos perfuravam traiçoeiramente suas asas, jogando-o entre as nuvens. Ele estava trêmulo e encharcado quando alcançou o canal vasto e primitivo onde Cam se escondia do universo.

A água espelhava as montanhas verdes da floresta de faias. Mergulhando a ponta de uma asa na água enquanto passava sobre sua superfície, Roland achou-a de um frio gélido. Estremeceu e continuou seu caminho.

Na extremidade mais longe do canal, ele pousou num pedregulho azul-cinzento na frente de uma cascata insondavelmente alta, cuja altura estava escondida na neblina. Na sua base estava o anjo caído irmão de Roland, deixando suas asas serem atingidas pela água corrente.

O que Cam estava fazendo? E há quanto tempo ele estava deitado ali, nessa câmara de água torturante que ele próprio criou?

— Cam!

Roland gritou seu nome três vezes antes de desistir e caminhar dificilmente para puxar seu irmão de onde estava caído. Sentindo o toque de alguém, Cam debateu-se e agarrou-se às pedras do lugar onde estava deitado. Mas então reconheceu Roland e deixou-se ser arrastado, com uma suspeita penetrante em seu rosto.

Rebocou-o até uma saliência rochosa atrás das cascatas. Foi um trabalho árduo e deixou-o arfando, encharcado de tão molhado e congelado até os ossos. A saliência era rasa, mas havia espaço o bastante para os dois ficarem na rocha úmida. Estava assustadoramente silencioso ali logo atrás dos urros da água.

Exausto, Roland tropeçou para trás até suas asas darem de encontro com uma rocha, e então deslizou e sentou.

— Vá para casa, Roland.

Os olhos verdes de Cam pareciam estupefatos e desorientados enquanto se levantava sobre o cotovelo. Seu corpo nu tinha contusões de um roxo doentio devido às incessantes surras das cascatas. Mas o pior de tudo eram suas asas...

Tinham novos filamentos dourados disparados nelas. Roland não conseguiu evitar admirar como cintilavam tão brilhantemente sob o luar.

— Então é verdade. — Roland ouvira rumores de que Cam tinha passado para o lado de Lúcifer.

Nenhum demônio parecia capaz de organizar o ritual reservado para saudar novos membros da congregação. Eles deviam se abraçar, enroscar as pontas de suas asas, expressando a aceitação de um pelo outro, o reconhecimento de que estavam salvos e entre amigos.

Cam ficou de pé, andou até ele e cuspiu na cara de Roland.

— Você não tem força suficiente para me arrastar de volta ao serviço. Que o

próprio Lúcifer venha aqui se pensa que estou sendo negligente.

Roland limpou o rosto e forçou-se a ficar de pé. Tentou alcançar Cam, mas o demônio recuou.

— Cam, não vim aqui para...

— *Eu* vim aqui para ficar sozinho. — Cam deslocou-se para um canto turvo da saliência, onde Roland conseguia ver agora uma pequena pilha de trajes e sacolas, as poucas posses de Cam. Roland pensou ter reconhecido o rolo de pergaminho que podia ser seu contrato de casamento, mas Cam rapidamente atirou um manto peludo de pele de carneiro ao redor de seu corpo e enfiou o pergaminho em um bolso dentro. — Ah, ainda está aqui?

— Preciso de um conselho, Cam.

— Sobre o quê? Como ter uma vida boa? — As faíscas em Cam tinham voltado, mas parecia algo pomposo nesse espectro pálido e sombrio parado perante a Roland. — Comece encontrando uma ilha deserta. Esta tem dono, mas deve ter mais por aí em algum lugar. — Ele lançou sua mão para o mundo, para Roland.

— Amo uma mortal — disse Roland muito lentamente. — Quero moldar minha vida à dela.

— Você não *tem* uma vida. É um anjo caído do lado errado. Um *demônio*.

— Sabe o que quero dizer.

— Aprenda comigo. O amor é impossível. Saia dessa e poupe seu coração da dor.

Naquele momento, Roland percebeu que tinha sido tolo indo atrás de Cam em busca de conselho. E mesmo assim, *tinha* que ter vindo. A história de amor de Cam não tinha dado certo, mas ele ainda entendia o que Roland estava passando.

— Talvez você pudesse me dizer o que... *não* fazer?

— Tudo bem — disse Cam, respirando profundamente e estremeando. — Ótimo. *Não* se rebaixe, vivendo uma mentira. *Não* me pergunte se ela vai te amar se descobrir o que você é, mesmo o tolo mais apaixonado sabe a resposta disso. Ela não vai. Não pode. *Não* sonhe que pode guardar tal segredo dela, tampouco. E, acima de tudo, pelo amor de Lúcifer, *não* se esqueça de que nenhum templo na terra irá aceitá-lo se decidir casar com esta pobre criatura.

— Acho que posso fazer isto dar certo, Cam.

— Acredita que você e sua amada se entendem perfeitamente, então?

— Sim. Estamos devotados um ao outro.

— E qual a opinião dela sobre a eternidade?

Roland fez uma pausa.

— Não diga que não sabe. Tudo bem, então, vou lhe dizer. Aqui, Roland, está a verdade inquestionável sobre a nossa imortalidade: mortais não compreendem-na. Ela assusta-os. O conhecimento irá devorá-la, o conhecimento de que ela irá envelhecer e morrer e você vai continuar sendo o jovem e robusto demônio que é.

— Eu podia mudar por ela, podia envelhecer, parecer ficar enrugado e murcho e...

— Roland. — O rosto de Cam ficou azedo. — Isto não faz parte do seu estilo. Quem quer que ela seja, será mais fácil para ela agora, quando sem dúvida é jovem e formosa

e pode achar outro par. Não desperdice os melhores anos dela.

— Mas, de alguma maneira, o amor deve ser possível. Só porque você e Lilith não...

— *Não estamos falando sobre mim.*

Ficaram parados em silêncio e escutaram o eco da água caindo ao redor deles.

— Ótimo — disse Roland por fim. — E quanto a Daniel e Lu...

— O que têm eles? — Cam rugiu nas cascatas. Seu rosto ficou vermelho com uma fúria repentina. — Se são estes os seus modelos, vá pedir conselho a eles. — Balançou sua cabeça, enojado. — Todos sabem mesmo como eles vão acabar.

— O que quer dizer?

Agora Cam virou seus olhos verdes e brilhantes para Roland. E Roland corou ao ver que Cam sentia pena dele.

— No fim — disse Cam — ele irá abandoná-la. Não tem escolha. Ele não é páreo para esta maldição. Irá sobreviver a ele e arruiná-lo.

As asas de Roland eriçaram-se.

— Está enganado. Você ficou próximo demais de Lúcifer...

— Isto não podia ser menos verdade — piou Cam, mas quando se virou Roland notou a marca em sua nuca. A tatuagem chegava até o alto da gola de seu manto. Nitidamente.

— Usa a marca dele agora? — a voz de Roland tremeu. Ele não tinha uma. Nunca nem sonharia que uma lhe seria oferecida. Lúcifer só marcava certos demônios, demônios com quem queria um relacionamento especial.

— Cam, você não pode...

Cam segurou o rosto de Roland com a mão, firmemente. Estavam próximos, presos em um aperto íntimo. Roland não sabia se eram inimigos ou amigos.

— Quem foi até quem pedir conselho, Roland? Não vamos falar de mim e da minha conduta. Estamos falando sobre você e a história de amor patética que você vai ter que terminar.

— Deve haver uma maneira de...

— Encare: você não teria vindo até mim se já não soubesse a resposta.



De todas as coisas que Cam tinha lhe dito naquele dia nas cascatas, suas palavras finais foram as mais duras: Sim, Roland já sabia a resposta que procurava. Só esperava que alguém provasse que ele estava errado e o salvasse de ter que fazer o que devia ser feito.

Quando voltou para contar-lhe, Rosaline já parecia saber. Ele escalou até sua varanda, mas ela não se apressou em beijá-lo. O rosto dela endureceu em suspeita assim que ele entrou no seu quarto.

— Sinto uma mudança em você. — Sua voz estava gelada de medo. — O que foi?

O corpo de Roland doeu quando a viu tão triste. Não queria mentir para ela, mas

não conseguiu encontrar as palavras.

— Oh, Rosaline, há tanto a lhe contar...

Então, como se Rosaline tivesse se lembrado dos poemas eloquentes dele, exigiu:

— Responda-me com uma só palavra. O que nos aguarda no futuro?

Isso aconteceu há mais de mil anos. E, ainda assim, Roland agora se contraía, pensando no que tinha dito. Desejou poder esmagar esta lembrança e momento. Mas tinha acontecido. E não se podia mudar o passado.

Apresentara à Rosaline sua palavra:

— Adeus.

Queria ter dito: “Eternidade.”

Mas Cam tinha dito a verdade: a eternidade não era algo possível entre uma mulher e um anjo caído.

Fugiu antes que ela pudesse implorar para que não fosse embora. Achou que estava sendo valente. Mas a vida o ensinou o contrário. Tinha ficado devastado e assustado.

Após isso, Roland só a viu mais uma vez: duas semanas depois, quando tinha flutuado fora do campo de visão da janela dela do castelo e observou seu amor chorar por uma hora inteira.

Depois disso, jurou nunca mais infligir a ninguém a dor do amor. E desapareceu.

Foi o que fez dali em diante.

Roland tirou algo de sua bochecha e ficou estupefato ao descobrir que era uma lágrima. Apesar de ter limpado milhões de gotas salgadas de outras bochechas, não conseguia se lembrar de quando ele próprio tinha chorado.

Pensou em Lucinda e Daniel, em sua devoção eterna um pelo outro. Eles não se acovardavam perante seus erros... e com o passar dos séculos eles tinham cometido muitos. Retornavam a estes erros, os revisitavam, tentavam consertá-los, até que algo, por fim, tinha dado certo nesta última vida, quando ela reencarnou como Lucinda Price. Foi o que a fez fugir para seu passado, para achar a solução de sua maldição. Para que ela e Daniel pudessem ficar juntos.

Eles sempre ficariam juntos. Sempre teriam um ao outro, não importando o que acontecesse.

Roland não tinha ninguém.

Silenciosamente, ficou de pé e fez sua própria promessa de dia dos namorados. Escalaria a muralha de Rosaline de novo... e se redimiria da única maneira possível.



QUATRO



PUPILO DO AMOR

Apoiou-se na muralha exterior, escapuliu pela segunda vez pelo peitoril de pedra e, então, fez a última subida abrupta para o torreão, sua varanda e Rosaline mais uma vez.

Quando Roland chegou novamente até a varanda, o sol estava abaixado no céu, lançando sombras longas sobre seu ombro. Anunciadores se deslocavam e enrolavam dentro das sombras, uma maneira de sussurrar *Estamos aqui*, mas deixaram Roland em paz. A temperatura tinha caído e agora o ar carregava insinuações de fumaça e de geada a se formar.

Imaginou entrar no torreão pela varanda, infiltrando-se pelos corredores obscurecidos pelo crepúsculo até achá-la em seu quarto. E então imaginou a expressão dela:

Imagens dela vacilando para trás em espanto, pura alegria em seu rosto, as mãos apertando seu peito delicado...

Mas e se ela ficasse brava?

Ainda estivesse brava, cinco anos depois. Era possível.

Ele não deveria descartar isso.

Tinham dividido algo raro e lindo, e tinha descoberto que aquela mulher tinha sentimentos profundos quando se tratava de amor. Havia experienciado o amor de maneiras que Roland nunca poderia entender, como se seus corações tivessem câmaras extras, amplas infinitudes onde o amor ficava e nunca ia embora.

O que ele fazia aqui? O vento traçou seu caminho abaixo de sua armadura de aço. Não deveria estar aqui. Esta parte de sua vida tinha acabado. Cam podia ter se enganado quanto ao amor, mas não estava errado sobre o tempo ter mudado Roland.

Ele deveria descer novamente, montar sua égua e achar Daniel.

Só que... não podia.

O que *podia* fazer?

Podia se humilhar.

Podia ficar de joelhos e curvar perante ela, implorar por perdão. Podia e iria...

Até este instante ele nem tinha percebido que queria o perdão dela.

Estava próximo a varanda agora, tremendo. Estaria nervoso ou animado? Tinha chegado até aqui e ainda não sabia o que iria dizer. Alguns versos de um poema se formaram no canto de costume de seu coração...

Que nenhum rosto em minha mente saline

Exceto o rosto de Rosaline.

Não, foi assim que tinha entrado em apuros com ela antes: ela não precisava de poesias ruins. Precisava de um amor corpóreo e recíproco.

Roland podia lhe dar isso agora?

A cortina vermelha farfalhou no vento e depois foi dividida com o toque ousado dos dedos dele. Ele se escondeu atrás da parede de pedra, mas esticou o pescoço até seu olhar encontrar o quarto onde costumava se sentar com ela.

Rosaline.

Estava gloriosa, sentada em uma cadeira de madeira no canto, cantando baixinho. Seu rosto estava mais velho, mas os anos tinham sido bondosos: tinha passado da garota do Roland para uma mulher bela e jovem.

Estava resplandecente.

Estava espetacular.

Sim, Roland sabia que havia cometido um erro. Era novo no amor e tolo, cínico e inseguro de que o que eles tinham fosse durar. Rápido demais em prestar atenção nas declarações amargas de Cam.

Mas, olhe só Luce e Daniel. Eles tinham mostrado a Roland que seu amor podia sobreviver até mesmo às punições mais duras. E talvez tudo até aquele momento (voltar a esta era por acidente, concordar em ajudar Shelby e Miles, passar cavalgando pelo antigo castelo de Rosaline) tivesse acontecido por uma razão.

Estava ganhando uma segunda chance no amor.

Desta vez tinha seguido o coração. Estava pronto para saltar pela janela aberta...

Só um momento...

Rosaline não cantava para si mesma. Roland pestanejou, olhando novamente. Ela tinha uma plateia: uma criança pequena, enrolada em uma manta de penas. A criança mamava. Rosaline era sua *mãe*.

Rosaline era a mulher de alguém.

O corpo de Roland endureceu e um pequeno suspiro escapou de seus lábios. Deveria ter ficado aliviado ao vê-la tão bem, mais feliz do que nunca, mas tudo que sentiu foi uma solidão poderosa.

Girou pesadamente para longe da porta da varanda, batendo suas costas contra a parede curvada da torre. Que tipo de homem tinha tomado o lugar que Roland nunca deveria ter deixado?

Ousou olhar novamente para dentro e observou Rosaline levantar da cadeira e deitar o bebê no berço de madeira. Roland fechou os olhos e escutou os passos dela desaparecendo como uma música enquanto ela caminhava para fora do quarto e pelo corredor.

Não podia acabar deste jeito, a última visão que teve do amor.

Tolo. Era um tolo por voltar. Um tolo por não deixar isso em paz.

Instintivamente, ele a seguiu, engatinhando pelo parapeito estreito do torreão até a próxima janela. Agarrou a parede com seus dedos esfolados.

Esta câmara, ao lado do quarto onde tinha visto Rosaline, costumava pertencer ao

irmão dela, Geoffrey. Mas quando Roland inclinou-se para espiar pela vidraça curvada, havia roupas femininas penduradas na janela.

Ouviu a voz grave de um homem e então, em resposta, a de Rosaline.

Um jovem estava sentado com as costas para Roland na beira de uma cama coberta de tecido adamascado. Quando virou a cabeça, seu perfil era bonito, mas não de uma beleza devastadora. Cabelo castanho e macio, pele sardenta e um nariz verdadeiramente tendente.

Uma mulher estava deitada esparramada no lado oposto a ele na cama, a cabeça loira aninhada em seu colo, daquele jeito casual quando duas pessoas são tão confortáveis com os membros do outro quanto com seus próprios. Ela chorava.

Era Rosaline.

— Mas por que, Alexander?

Quando levantou seu rosto manchado de lágrimas para olhá-lo, o coração de Roland ficou preso na garganta.

Alexander, o marido, acariciou o cabelo loiro e emaranhado de sua mulher.

— Meu amor. — Ele beijou seu nariz, o último lugar que Roland teria ido se tivesse acesso àqueles lábios. — Meu cavalo está selado. Homens me aguardam no quartel. Você sabe que devo partir antes do anoitecer para me juntar a eles.

Rosaline agarrou a manga branca da camisola interior dele e soluçou.

— Meu pai tem mil cavaleiros que podem tomar seu lugar. Peço a você, não me deixe, não *nos* deixe, para ir lutar.

— Seu pai já foi generoso demais. Por que outro homem tomaria meu lugar se sou jovem e capaz? É meu dever, Rosaline, preciso ir. Quando nossa cruzada acabar, voltarei para você.

Ela balançou a cabeça, suas bochechas rosadas de fúria.

— Não tolerarei te perder. Não posso viver sem você.

O coração de Roland vacilou com estas palavras.

— Não vai — disse Alexander. — Dou-lhe a minha palavra: retornarei.

Ele levantou da cama, ajudando sua mulher a ficar de pé. Roland notou a inveja renovada que ela estava grávida. A barriga dela projetava-se por baixo do vestido fino e trançado. Descansava suas mãos nela, desanimada.

Roland nunca seria capaz de deixá-la neste estado. Como este homem podia ir para guerra? Qual a importância da guerra diante das obrigações do amor?

Qualquer pesar que podia ter sentido por Roland há cinco anos empalidecia em comparação a isto, porque este homem não era apenas seu amado e marido, era também o pai de seus filhos.

O coração de Roland afundou. Ele não conseguia aguentar isso. Pensou em todos aqueles anos entre este desgosto medieval e o presente de onde veio, os séculos que passou na lua, vagando perdido entre os precipícios e crateras, abandonando seus deveres, apenas tentando esquecer que a tinha visto. Pensou no vácuo de tempo que tinha passado dentro do portal que conectava julho até setembro, abandonando tudo do jeito que tinha abandonado Rosaline.

Mas agora ele sabia que nunca esqueceria suas lágrimas, não importando quanto tempo sua infinidade durasse.

Que tolo narcisista tinha sido. Ela não precisava do pedido de desculpas dele; desculpar-se com ela agora seria um completo egoísmo, apenas Roland procurando alívio para sua consciência culpada. E reabrindo as feridas dela. Não havia mais nada que ele pudesse fazer ou ser para Rosaline.

Ou quase nada.



O jovem magro e descoordenado aproximava-se do estábulo onde Roland esperava. Carregava seu elmo na mão, expondo seu rosto. Roland estudou-o. Odiava e respeitava este homem, que claramente sentia-se tanto obrigado quanto relutante em lutar. A honra e o dever significariam mais para ele do que o amor? Ou talvez esta confusão de honra e dever fosse o amor — paradoxos empilhados mais altos do que os alcances mais longínquos das estrelas.

Quem iria querer ir à guerra e deixar uma família amorosa?

— Soldado — Roland chamou Alexander quando estava perto o bastante para reconhecer a tormenta em seus olhos. — Você é Alexander, da família de meu senhor John, que detém a posse deste feudo?

— E quem é você? — Alexander passou do solado do estábulo. Seus olhos castanhos claros estreitaram-se quando percebeu a armadura formal de Roland. — De que batalha veio, vestido dessa maneira?

— Fui enviado aqui para tomar seu lugar na operação.

Isto parou Alexander.

— Minha esposa o mandou? O pai dela? — Ele balançou sua cabeça. — Afaste-se, soldado. Deixe-me passar.

— De fato não irei. Sua missão foi trocada. Conhece a área da vizinhança melhor que a maioria. Tempos difíceis podem vir até nós se a batalha não nos favorecer no norte. Se recuarmos, você será preciso aqui para proteger a cidade dos intrusos.

Alexander deixou sua cabeça pender.

— Mostre seu rosto, soldado. Não confio em um homem que se esconde atrás de uma máscara.

— Meu rosto não lhe diz respeito.

— Quem é você?

— Um homem que sabe que seu dever está aqui com sua família. Nenhum saque de guerra importa perante o amor verdadeiro e a honra familiar. Agora, desmonte se deseja viver.

Alexander soltou uma risada suave, e então sua expressão mudou para algo mais duro. Desembainhou sua espada.

— Prossigamos, então.

Roland devia ter esperado por isso. Ainda assim, isso o escoriou. Como este

homem podia estar tão solícito em partir? Roland nunca a deixaria!

Contudo, é claro, ele já a tinha deixado. Abandonado seu único amor verdadeiro como um tolo insensível e estúpido. Tinha estado sozinho desde então. Solidão era uma coisa, mas transformava-se em um isolamento horrível e miserável após a alma ter provado do amor.

Não deveriam permitir que nenhum homem cometesse o mesmo erro. Roland entendia isso, apesar de seu ciúme. Caia sobre ele o dever de impedir Alexander.

Engoliu em seco, suspirou internamente e retirou a espada. Tinha um metro de comprimento e era tão afiada quanto a dor apunhalando seu coração por ter de confrontar este homem.

— Soldado — disse sem rodeios Roland. — Eu não brinco em serviço.

O homem avançou, agitando desajeitadamente sua espada. Roland desviou dela com um giro banal de seu punho. As lâminas encontraram-se preguiçosamente.

Alexander deslizou na direção do chão com uma leve direção da lâmina de Roland até resvalar no feno molhado no chão do estábulo.

— Por que cavalaria para a morte de tão bom grado? — perguntou Roland.

Alexander resmungou e voltou cambaleando para a posição de luta, erguendo sua lâmina na altura do peito.

— Não sou covarde.

Talvez não, mas era excepcionalmente inábil. Provavelmente tinha aprendido algumas coisas sobre esgrima quando criança, combatendo palheiros em festivais de verão com seus amigos de juventude. Não era nenhum soldado. Estaria morto dentro de uma hora na vanguarda.

Ou Roland podia matá-lo agora...

Naquele instante teve uma visão de sua lâmina se balançando habilidosamente no pescoço desprotegido deste homem. O choque de uma espinha fraturada e o sangue vermelho e escorregadio pingando do aço na terra.

Como era fácil acabar com a breve vida deste homem. Tomar seu lugar naquela torre e amá-la como ela precisava ser amada. Roland sabia como fazer isso agora.

Mas então pestanejou e viu Rosaline. O bebê.

Não massacre, lembrou a si mesmo. Apenas persuada.

Pulou gentilmente para frente, balançando sua espada na direção de Alexander, que se arrastou para trás, girando selvagememente para evitá-lo. Desta vez esquivou da lâmina de Roland por pura sorte.

Roland riu e sua risada teve um gosto amargo.

— Ofereço-lhe uma vantagem, soldado... e lhe juro, sigo um comando mais alto que o de seu suserano. Saiba que não desonrarei suas intenções. Deixe-me ir à guerra no seu lugar.

— Fala em enigmas. — O medo de Alexander esticou a pele ao redor de sua boca, deixando-a tão apertada quanto o couro de um tambor. — Não pode me substituir.

— Sim — disse Roland tempestuosamente. — Se sei de uma coisa, é *isso*.

Em um arroubo de violência, Roland se esqueceu de seu propósito. Foi até

Alexander com a fúria de um apaixonado desprezado. Diante da lâmina de Roland, Alexander ficou rígido, sua espada estendida. Ele não se afastou, e nisso ganhou pontos. Mas com outro encontro de suas espadas, Roland desarmou Alexander. Segurou a ponta de sua lâmina na garganta agitada do jovem.

— Um verdadeiro cavaleiro se renderia. Aceitaria minha oferta e serviria ao seu povo aqui, protegendo seu lar e vizinhos quando precisassem de proteção. — Roland engoliu em seco. — Rende-se, senhor?

Alexander tentava respirar, incapaz de falar. Continuadamente lançava olhares para a lâmina abaixo, em seu pescoço. Estava apavorado. Ele assentiu. Iria se render.

Uma calma apoderou-se de Roland, e ele se permitiu fechar os olhos.

Ele e este mortal pálido, Alexander, amavam a mesma coisa resplandecente. Não podiam ser inimigos. Foi quando Roland escolheu seu lado. Não pouparia a vida de Alexander por causa dele, mas por Rosaline.

— É um homem mais corajoso que eu. — E era verdade, uma vez que Alexander tinha sido forte o bastante para amar Rosaline quando Roland teve medo. — Receba a sorte que lhe ofereço esta noite e retorne à sua família. — Teve que se esforçar para manter a voz firme. — Beije sua esposa e eduque seus filhos. *Isto é honra.*

Olharam um para o outro por um longo e tenso instante, até Roland sentir que Alexander conseguia ver através da fenda de seu visor. Como Alexander não sentia a dor entre eles no ar? Como não sentia o quanto Roland tinha chegado perto de matá-lo e tomar seu lugar?

Roland retirou sua espada do pescoço de Alexander. Guardou sua arma, montou em seu cavalo e cavalgou para fora do estábulo e para a noite.



A estrada estava vazia e azul ao luar.

Roland dirigiu-se ao norte. Ainda precisava achar Daniel; pelo menos um amor deveria ser redimido nesta luta com o tempo. Por quinze minutos, Roland se perdeu em seus pensamentos sobre Rosaline, mas a lembrança era muito dolorosa para ceder por tempo demais. Seus olhos focaram-se novamente na estrada quando viu alguém galopando em um cavalo preto como carvão em sua direção.

Mesmo na escuridão, havia algo estranho e, ao mesmo tempo, familiar na armadura deste cavaleiro. Por um instante, Roland se perguntou se era o seu eu do passado, mas quando o cavaleiro ergueu uma mão para fazer Roland parar, seus gestos eram mais urgentes do que os de Roland seriam.

Pararam um perante o outro, seus cavalos relinchando e soprando geada enquanto se circulavam.

— Vieste daquela propriedade? — A voz do cavaleiro retumbou pela estrada enquanto apontava na direção do castelo à distância.

Deve ter pensado que Roland era Alexander. Este cavaleiro tinha sido mandado para escoltar Alexander até a vanguarda?

— S-sim — gaguejou Roland. — Sou substituto do...

— *Roland?* — A voz do soldado mudou de um estrondo rouco e afetado para, Roland percebeu, algo efervescente e fantasticamente charmoso.

O cavaleiro tirou seu elmo. Cabelo preto cascadeou pela armadura e, então, à luz do luar, Roland viu o rosto que melhor conhecia desde a aurora dos tempos.

— Arriane!

Os dois saltaram de seus cavalos e pararam nos braços do outro. Roland não sabia quanto tempo fazia que o seu eu medieval tinha visto esta Arriane da Idade Média, mas a batalha emocional pela qual ele tinha acabado de passar fez parecer com que séculos tinham se passado desde a última vez que viu um amigo.

Ele fez a anjo hirsuta rodopiar. As asas delas floresceram para fora das fendas da armadura e Roland invejou sua liberdade. Obviamente as roupas dela tinham sido adaptadas para suas asas, todos eles tinham roupas assim nesta época.

Roland sentiu-se aprisionado na armadura de metal que tinha emprestado, mas não quis reclamar com Arriane. Ela ainda não sabia que ele era um Anacronismo e ele planejava que continuava assim. Ele estava tão feliz em vê-la.

A luz da lua brilhava como um refletor na pele branca de sua amiga. Quando ela virou sua cabeça, Roland arfou.

Uma queimadura horrorosa cintilava do lado esquerdo de seu pescoço. A pele estava marmoreada, nodosa e sangrenta, um tipo de ferimento horrendo. Roland recuou sem querer, constrangendo Arriane.

Ela esticou a mão para cobrir o ferimento, mas resmungou quando seus dedos o esfolaram.

Roland tinha visto esta cicatriz mil vezes em seus encontros futuros com Arriane, mas a origem dela permanecia um mistério para ele. Apenas uma coisa podia ferir anjos daquela maneira, mas nunca soubera como perguntar a ela sobre isso.

O machucado era recente, como uma erupção de chamas por suas bochechas. Ela deve ter conseguido-o recentemente.

— Arriane, o que aconteceu com você?

Desviou o olhar, não querendo deixar Roland ter uma visão ainda mais clara de sua pele destruída. Ela fungou.

— O amor é um inferno.

— Mas — Roland fechou os olhos, escutando a fala se repetindo na cabeça — a forma de um anjo não pode ser arruinada, exceto por... — Arriane desviou o olhar, envergonhada, e Roland puxou-a para si. — Ah, Arriane! — ele gritou, prendendo seus braços na cintura dela, seus olhos atraídos e repelidos pelo pescoço dela. Ele não podia abraçá-la como queria, não podia espremer a dor dela. — Estou sofrendo por você.

Ela assentiu. Sabia. Nunca tinha gostado de chorar. E disse:

— Acabei de ver o Daniel.

— Estava a caminho de encontrá-lo — disse Roland, ofegante com sua sorte. — A presença dele é exigida na Feira de São Valentim.

— Ele chegará a cavalo na cidade esta noite. Pode ser que já esteja lá. Lucinda

ficará feliz, pelo menos.

— Sim — disse Roland, lembrando-se melhor agora. — Foi você o cavaleiro que entregou aquela mensagem aos outros no acampamento. Não fui eu. Você forjou o decreto do rei que dizia aos homens para tirarem uma folga no dia dos namorados.

Arriane cruzou os braços sobre o peito.

— Como sabe disso?

— Clarividência. — Ele se surpreendeu por estar sorrindo.

Foi o bastante, tê-la aqui, sua amiga querida. Fez esta jornada para seu desgostoso passado ser um pouco menos gélida.

Roland pegou o elmo de Arriane e a ajudou a voltar ao cavalo. Ele montou e abaixou seu visor novamente. Lado a lado, os dois cavaleiros cavalgaram para a cidade.

Às vezes no amor o importante não era ganhar, mas fazer sacrifícios prudentes e ter a confiança de amigos como Arriane. Roland percebeu que a amizade era um tipo próprio de amor.



AMOR ARDENTE



O DIA DOS NAMORADOS DE ARRIANE

UM



O SEGREDO

Arriane olhou para aquela manhã toscana com cheiro de tomilho e suspirou. Estava esparramada na grama de veludo verde, escorada em seus cotovelos com o queixo nas palmas, saboreando o calor fora de estação e a sensação de dedos suaves correndo por seu cabelo preto e longo.

Era assim que Arriane e Tess passavam suas raras tardes juntas: uma garota fazia tranças e a outra contava histórias. E então trocavam de lugar.

— Era uma vez uma anjo extraordinária — começou Arriane, virando sua cabeça de lado para que Tess pudesse erguer o cabelo da nuca.

Tess era melhor em trançar cabelos do que ela. Sentava-se ao lado de Arriane com uma cesta de flores selvagens da floresta em seu colo. Esticava-se sobre as costas estreitas da anjo e torcia tranças firmes em seu cabelo espesso. Prendia as tranças para que fizessem um zigue-zague no escalpo da garota até que ela parecesse com Medusa, no estilo predileto de Arriane.

Arriane, por outro lado, tinha sorte de conseguir transformar o esfregão selvagem e vermelho de Tess em uma única trança torta. Puxava e rebocava e lutava com o pente pelos cachos de Tess até ela gritar de dor. Mas Arriane era melhor contando histórias. E o que seria das tranças sem uma boa narração?

Não teria graça nenhuma.

Arriane fechou os olhos e gemeu enquanto as unhas de Tess giravam em seu escalpo. Nada era tão bom quanto o toque de sua amada.

— Arriane?

— Sim? — Os olhos dela se abriram, seu olhar percorrendo o pasto onde as vacas leiteiras pastavam nos dois acres da fazenda. Estes eram seus momentos prediletos: silenciosos e simples, só elas duas. Era final de tarde; a maioria das leiteiras que trabalhavam na fazenda onde Arriane era empregada já tinha voltado a seus chalés.

Tinha escolhido este trabalho porque não ficava longe de Lucinda, que, nesta vida, tinha crescido em um feudo inglês a alguns minutos de voo ao norte. Geralmente Daniel sentia-se sufocado pela presença de Arriane e dos outros anjos incumbidos de observá-lo. Mas, da leiteria, Arriane conseguia dá-lo algum espaço e ainda voar até ele e Lucinda rapidamente se fosse preciso. Além do mais, Arriane gostava de experimentar a vida de um mortal de vez em quando. Era bom ter um trabalho na leiteria, satisfazer um chefe. Tess nunca entendia aquela vontade, mas o mestre de Tess era um pouco mais exigente que o Trono.

Era raro ter um momento a sós com Tess. Suas visitas à leiteria (para esta parte do mundo, em geral) nunca chegavam rápido o bastante ou duravam tempo o

suficiente. Arriane não gostava de imaginar a escuridão que aguardava Tess assim que elas se despedissem, ou o mestre que odiava ver Tess vagando para longe de seu reino.

Não pense nele, desaprovou Arriane. *Não quando Tess está do seu lado e não há necessidade de questionar seu amor!*

Sim. Tess estava do seu lado. E a grama abaixo era tão macia, o ar da fazenda tão perfumada com as flores selvagens, que Arriane podia ter flutuado no âmago estimulante de um sonho reconfortante.

Mas a história. Tess amava suas histórias.

— Onde eu estava? — perguntou Arriane.

— Ah, eu não lembro — Tess soava distraída. Suas unhas roçaram o pescoço de Arriane enquanto ela agarrava uma seção do cabelo.

— Ai. — Arriane esfregou seu pescoço. Tess não se lembrava? Mas tinha sido Arriane a se perder em seus pensamentos, não Tess. — Tem algo errado, amor?

— Não — disse rapidamente Tess. — Você estava começando uma história... Uma extraordinária... hm...

— Sim! — disse Arriane alegremente. — Uma anjo *extraordinária*. Seu nome era... Arriane.

Tess puxou seu cabelo.

— Outra história sobre você? — Ela ria, mas sua risada parecia distante, como se já tivesse viajado para bem longe.

— Você também está nela! Espere só. — Arriane rolou de lado para encarar Tess. O braço que Tess usava para trançar deslizou pelo quadril de Arriane.

Tess trajava um vestido de algodão branco com um corpete estreito e mangas brancas curtas e pregueadas. Sardas explodiam de seus ombros, e Arriane achava que elas eram parecidas com galáxias de estrelas. Seus olhos eram só um pouco mais escuros do que as íris azuis claras e impressionantes de Arriane.

Ela era a criatura mais bonita que Arriane já conhecera.

— E o que tinha de tão extraordinário nessa anjo? — perguntou Tess após um instante, compreendendo a deixa de Arriane.

— Ah, por onde eu começo? Havia tantas coisas extraordinárias nela! — Arriane balançou sua cabeça, numa reflexão para levar seu conto numa direção inspirada. Ela conseguia sentir a trança solta se desfazendo na lateral de sua cabeça.

— Ah, Arriane! — disse Tess. — Você estragou.

— Não é minha culpa se meu cabelo tem outros planos! E talvez o seu também tenha. — Arriane esticou a mão para o laço amarrado na longa trança de Tess.

Mas a garota era rápida demais. Ela arrastou-se para trás na grama como um caranguejo, rindo enquanto Arriane ficava de pé e corria atrás dela.

— Esta anjo *extraordinária* — ela chamou Tess, que se lançava pela grama alta e o vento estimulante de fevereiro, — tinha um ninho de nós *nojento* em seu cabelo. Era amplamente famosa por ele. Cachinhos Emaranhados, alguns a chamavam. — Arriane ficou na ponta dos pés, sua mão erguida, seus dedos meneando para incitar seu cabelo. — Cidades sumiam em sua juba poderosa. Exércitos inteiros eram varridos em seu

cabelo emaranhado! Homens adultos choravam e ficavam perdidos no abismo negro de seus cachos serpentinos.

Então Arriane tropeçou na bainha comprida de seu vestido sem forma de leiteira e caiu duramente no chão. De quatro, ela olhou para Tess, que parou entre Arriane e o sol, uma auréola de luz rodeando seu cabelo ruivo.

Tess curvou-se para ajudar Arriane a se levantar, suas mãos suaves ao redor dos pulsos de Arriane.

— Até que um dia — Arriane esfregou suas palmas lamacentas na frente de seu vestido; Tess deu um tapa nelas e tirou de seu bolso embutido um lenço de algodão. — Um dia, esta anjo conheceu alguém que mudou sua vida...

Tess levantou um pouco o queixo. Ela estava escutando.

— Esta pessoa era uma diabinha — disse Arriane. — Ela era particularmente séria, sempre anulando as pegadinhas de Cachinhos Emaranhados, sempre ridicularizando sua ingenuidade, sempre a lembrando que algumas coisas eram mais importantes que um mero *cabelo*.

Inesperadamente, Tess virou para o outro lado. Sentou-se na grama de costas para Arriane. Talvez tenha achado a apresentação de sua personagem deselegante? Mas havia mais! Toda história exigia uma reviravolta, um elemento de surpresa. Arriane esparramou-se nas pernas estiradas de Tess e ergueu-se na grama sobre um cotovelo. Com a outra mão, esticou-se para descruzar os braços que Tess havia fixado firmemente sobre seu peito. Mas mesmo quando as mãos prenderam-se nas da amada, os olhos de Tess não se desviaram da flor selvagem de um amarelo pálido na grama.

— Abandone esta história tola, Arriane. — Ela falou como se estivesse em transe. — Não estou com humor para isso hoje.

— Ah, mas espere! Apenas estou me aquecendo! — Arriane enrugou a testa. — Em tantos aspectos essa aparente adversária era o completo oposto de Cachinhos Emaranhados. Seu cabelo parecia um coque de dente-de-leão vermelho. — Arriane acariciou o cabelo de Tess. — Sua pele era uma lona branca que queimava com o mais leve toque do sol. — Ela correu o dedo pelo braço macio e nu de Tess.

— Arriane...

— Mas a criatura era um demônio com um pente nas mãos, domando os cachos destrutivos. A natureza desta pessoa, ao contrário da anjo, era...

— Já chega! — Tess a repreendeu, olhando para bem longe, na direção de um riacho raso demarcado por seixos no fim do pasto. — Estou cansada de contos de fadas.

Ela levantou e Arriane correu para juntar-se a ela.

— Não é um conto de fadas — insistiu Arriane, ignorando os arrepios que subiam pela pele. Sentou-se direito e inclinou a cabeça para Tess. — O fato de estarmos aqui juntas...

— É apenas um sinal de que ele não estava prestando atenção.

— *Não estava?* — Um vento gelado arrastou-se pelo prado.

— Ele me deu um ultimato.

Sangue drenou-se das bochechas de Arriane e, com ele, as cores brilhantes do prado se foram. O céu azul ficou turvo, a grama perdeu sua verve. Até mesmo o cabelo de Tess pareceu mais pálido. Arriane sabia que este momento estava chegando, sabia desde o começo, mas ainda assim ficou sem ar.

Tess tinha a tatuagem de explosão de estrelas na nuca, aquela com que Lúcifer marcava seu círculo de demônios mais íntimo.

— Ele sabe. E agora me quer de volta. — Havia gelo na voz de Tess, gelo que parecia rastejar pela alma de Arriane.

— Mas você acabou de chegar aqui! — Arriane teve vontade de correr até sua amada, desabar sob os pés de Tess e cair aos prantos, mas apenas encarou suas mãos. — Não quero que vá embora. Odeio quando você me deixa.

— Arriane... — Tess deu um passo em sua direção, mas Arriane recuou, irada.

— Não é da conta dele dizer o que podemos ou não fazer! Que tipo de monstro vangloria-se tão incessantemente sobre livre arbítrio, mas mesmo assim não deixa você ser livre para seguir seu coração?

— Não tenho escolha.

— Sim, você tem — disse Arriane. — Só não tomar essa decisão.

Quando Tess não respondeu, o peito de Arriane elevou-se com a onda inicial de um soluço do tamanho de um tsunami. Sentia-se tão humilhada. Virou-se e correu pelo pasto. Ela disparou pelo leito do riacho e pelo declive suave de grama na margem oeste da fazenda. Pisoteou o jardim de ervas de sua amante, as lágrimas a incapacitando de ver o tomilho. Conseguia ouvir Tess perseguindo-a, seus passos suaves alcançando-a. Mas Arriane não parou até ter alcançado a porta do celeiro antigo onde amanhã de manhã ela levantaria pouco antes do amanhecer para tirar leite das vacas.

Jogou-se contra a parede bruta de madeira do celeiro e deixou os soluços saírem,

Tess abraçou Arriane por trás, sua trança ruiva balançando sobre o ombro da outra. Ela deitou sua cabeça entre as omoplatas de Arriane e as duas ficaram assim, chorando, por um momento silencioso.

Quando Arriane se virou, inclinando-se contra a parede do celeiro aquecida pelo sol, Tess tomou sua mão. Seus dedos eram compridos, pálidos e finos; os de Arriane eram pequeninos, as unhas roídas até o talo. Arriane arrastou Tess pela porta enferrujada aberta e para dentro do celeiro, onde estariam livres dos olhares das outras leiteiras que logo se reuniriam para o jantar.

Elas ficaram entre o feno, os cavalos e algumas vacas deitadas juntas em um canto. O cheiro dos animais estava por toda a parte: o almíscar dos cavalos, a doçura das penas das galinhas, o suor seco da pele das vacas.

— Há uma maneira de ficarmos juntas — disse Tess para Arriane em uma voz baixa.

— Como? Você o desafiaria?

— Não, Arriane. — A demônio feminino balançou sua cabeça. — Fiz meu juramento. Estou ligada a Lúcifer.

Quando Tess virou a cabeça para contemplar a porta do celeiro e o outro lado do

prado sem fim, Arriane vislumbrou a tatuagem negra de explosão de estrelas que danificava sua pele adorável. Era a única mancha que aderiu ao corpo de um anjo. Exceto pela cicatriz das asas, todas as outras marcas de tinta ou ferimentos ou cicatrizes desapareceriam com o tempo.

A marca de Lúcifer era a única parte de Tess que Arriane afirmava não amar. Ela esticou sua mão para tocar seu próprio pescoço, branco e imaculado. Puro.

— Há outra maneira — disse Tess, chegando mais para perto de Arriane, até seus pés se sobreporem. O amor de Tess cheirava a jasmim e ela frequentemente dizia que Arriane cheirava a nata. — Uma maneira de parar de viver assim, com tudo entre nós sempre secreto.

Tess estendeu os braços na direção de Arriane e alcançou seus ombros. Arriane pensou, por um instante, que iriam se abraçar novamente. Sentiu seu corpo ser atraído, precisando ser amparado...

Ao invés disso, dedos gelados rastejaram por sua nuca.

— Você podia se juntar a mim.

Arriane recuou para longe. Sua pele ficou arrepiada.

— Junte-se a mim como minha alma gêmea, Arriane. Junte-se a mim e ocupe seu lugar no Inferno.



DOIS



DESEJOS INFERNAIS

Arriane retrocedeu.

— Não — sussurrou, certa da impossibilidade. — Eu nunca poderia.

Os olhos azuis de Tess imploravam com uma intensidade feroz.

— Podemos acabar o nosso caso secreto e proclamá-lo para todo o universo.

O modo como sua voz retumbou, ecoando pelo refúgio no celeiro, deixou Arriane apreensiva.

— Não quer isso? — Tess chamou. — Não quer ficar junto a mim, quebrar as algemas arbitrárias que impedem que sejamos nós mesmas?

Arriane balançou a cabeça. Era injusto. Tess estava fora de si. Ela tinha a alma mais sublimemente linda que Arriane já tinha visto, mas desta vez ela tinha ido longe demais. Se gostasse de Arriane, Tess já saberia qual era a resposta de sua amada.

Mas então...

Arriane hesitou, permitindo-se, por um instante, ver a situação do ponto de vista de Tess. É claro que Arriane queria amar Tess abertamente. Sempre iria querer isso. O que mais ela tinha que fazer para provar?

Não! Como Tess podia pedir isso a ela? Ficar do lado do Inferno e não do Céu! Isso não era amor. Era insensatez.

— Talvez as regras estejam certas — disse Arriane tentativamente. — Talvez anjos e demônios não devessem...

— O quê? — Tess a cortou. — Diga.

— Lúcifer nunca permitiria isso. — disse Arriane por fim de forma evasiva, afastando-se de Tess para andar pelo celeiro. Ela passou pelos cavalos em seu estábulo. As vacas em seu curral. Todos tinham seu lugar. Do outro lado do celeiro ela olhou para Tess e nunca antes se sentiu tão distante da alma que mais amava.

— Lúcifer pode permitir... — Tess começou a dizer.

— Você sabe o que ele acha do amor! — repreendeu Arriane. — Desde... — Mas sua voz desvaneceu. Aquela história antiga não importava, não agora.

— Você não entende. — Tess deu uma risada falsa, como se Arriane não conseguisse entender algo tão simples como um problema de aritmética. — Ele disse que se eu te levasse comigo...

— Quem disse? — a cabeça de Arriane levantou-se rapidamente. — *Lúcifer?*

Tess se afastou como se estivesse com medo, e por um instante Arriane pensou ter visto algo no abrigo do celeiro. Uma estátua de pedra... uma gárgula. Parecia estar observando-as. Mas quando piscou, ela tinha sumido. Encontrou os olhos selvagens de Tess novamente, e se sentiu traída.

— *Contou a ele?*

Agora Arriane marchava em direção a Tess, parando logo antes do peito de sua amada. Ele levantava-se surpreso pela confrontação, mas Tess não recuou.

— Como ousa — cuspiu Arriane, girando nos calcanhares.

Antes que Arriane pudesse correr para fora do celeiro, Tess apanhou seus pulsos. Puxou com violência, sentindo os dedos de Tess arrastarem-se por sua pele.

— Deixe-me! — gritou Arriane, embora não fosse sua intenção, mas Tess não a ouvia. Ela foi atrás da garota novamente, puxando tão forte a manga de seu vestido que o tecido se desfez.

— Sim, eu contei a ele! — urrou Tess, gritando diretamente na cara de Arriane. — Ao contrário de você, não me importo quem saiba!

Arriane empurrou-a. Empurrou tão forte que Tess caiu de costas em uma pilha de baldes de leites empilhados. Eles tombaram e desabaram nela com um tumulto, respingando algumas gotas brancas em sua pele pálida.

Tess chutou os baldes para longe e, como um foguete, ficou de pé. Então (e Arriane não esperava por isso) as asas dela floresceram atrás dos ombros.

Elas nunca tinham expostos suas asas uma à outra; era algo que elas concordado em não fazer há séculos. Era uma lembrança muito clara de que o amor delas não iria vingar.

Agora as amplas asas demoníacas de Tess preenchiam o celeiro com uma luz cintilante. Elas eram do dourado daquele último instante do pôr do sol, altas encostas que se erguiam elevadamente atrás de seus ombros como dois picos gêmeos de montanha. Batiam ligeiramente ao seu lado, completamente estendidas e rígidas, com as pontas viradas levemente para fora na direção de Arriane.

A postura de um ritual de luta.

Os cavalos relincharam e as vacas começaram a balir como se conseguissem sentir a tensão, a aproximação de algo ruim.

Arriane não pretendeu fazer o que aconteceu a seguir, mas também não pôde evitar: suas asas responderam ao chamado. Floriram para fora de seus ombros com uma pressa que foi tão inatamente boa que ela soltou um grito insensato de prazer. Mas no instante seguinte engasgou de arrependimento ao vê-las levantando-se ao seu lado.

Tess bateu suas grandes asas douradas e seu corpo se elevou. Flutuou no ar por uma fração de segundo antes de atirar-se para baixo, atacando Arriane. As duas rolaram no chão do celeiro.

— Por que está fazendo isso? — gritou Arriane, agarrando os ombros de Tess, segurando as costas dela com dificuldade enquanto lutavam.

Tess tinha pegado um punhado do cabelo comprido de Arriane. Puxou-o para trás para olhar Arriane nos olhos.

— Para lhe mostrar que eu lutaria por você. Eu faria qualquer coisa por você.

— Solte-me! — Arriane não queria lutar com sua amada, mas suas asas sentiam o estranho puxão magnético na direção da eterna inimiga. Arriane gritou de dor e

estapeou o rosto que antes apenas queria mimar.

— Assim que se juntar a mim — fumegou Tess, imobilizando as mãos de Arriane no chão — ele te aceitará. Ele aceitará o nosso amor.

Arriane balançou a cabeça, encolhendo-se embaixo de sua amada. Tinha medo do que Tess faria a seguir, mas tinha que dizer a verdade.

— É um truque.

— Cale a boca.

— Um truque para me levar lá embaixo. Mais uma alma é tudo que ele precisa. — Arriane ficou rígida sob o aperto de sua amada e contra suas próprias asas abaixadas, que lançavam faíscas cada vez que roçavam nas de Tess. — Lúcifer é um mercador — gritou ela sobre o ruído de sua disputa — que fica no mercado até depois do pôr do sol apenas para conseguir uma última venda. Assim que eu me juntasse a você...

Tess congelou, seu rosto corado um centímetro acima do de Arriane. Ela soltou seu cabelo e livrou-a de seu aprisionamento no chão. Segurou a bochecha de Arriane com a mão.

— Então irá considerar?

Havia tanto calor no olhar azul de Tess que o coração de Arriane derreteu.

— Consigo me lembrar da primeira vez que disse adeus a você — sussurrou Tess. — Tinha tanto medo de nunca mais vê-la.

Arriane estremeceu.

— Oh, Tessriel.

Como ela podia resistir a um último beijo? A luta dissolveu à medida que sua cabeça se levantava na direção de Tess, cujo rosto tinha mudado por completo. O amor voltava a fluir por ele, preenchendo o espaço entre seus corpos até que não houvesse um vazio entre elas. Entrelaçaram seus dedos no cabelo uma da outra, seus membros interligados, segurando-se perto. Quando seus lábios se encontraram, o corpo inteiro de Arriane incendiou com uma paixão frustrada. Sorveu seu amor, não querendo que este abraço fosse quebrado, sabendo que quando acabasse...

Elas teriam acabado.

Seus olhos abriram-se e ela espreitou a face pacífica de seu verdadeiro amor. Arriane nunca conseguiu ver Tess como uma demônio. Nunca.

Ela se lembraria dela assim.

Sem perceber, seus lábios tinham se distanciado dos de Tess. Seu coração estava pesado, enfadonho e triste.

Ela sentou-se vagorosamente e então ficou de pé.

— Eu... eu não posso me juntar a você.

Os olhos de Tess se estreitaram e sua voz ficou surpreendentemente fria, do jeito que ficava quando seu orgulho era ferido. Ela não se levantou do chão.

— Você é uma anjo caído, Arriane. Está na hora de perceber isso e descer do seu pedestal.

— Não sou este tipo de anjo caído. — *Não sou como você.* — Caí porque acredito no amor.

— Mentira! Caiu porque Daniel arrastou você e eu e todo mundo mais com ele.
Arriane recuou.

— Pelo menos o tipo de amor de Daniel não requer que uma pessoa traia sua natureza.

— Está certa disso?

A questão pairou no ar. Arriane caminhou até a gamela contra a parede oposta e depositou ração e um balde de água do poço nos silos dos cavalos. Ouviu Tess suspirar.

— Acredito na causa do Daniel — disse Arriane. — Acredito em Lucinda.

— Está enganada novamente. *Designaram-na* a eles. Você *tem que* supervisioná-los ou aqueles idiotas da Balança virão atrás de você.

— Não quer dizer que não acredito! Não desistirei de Lucinda e Daniel.

— Ao invés disso você desistiria de nós? — Tess chorava agora; estava sentada no meio do celeiro e enxugou as lágrimas em seu lenço enlameado. — Amanhã é dia dos namorados, Arriane.

— Eu sei. Tínhamos concordado em voar até a Feira de São Valentim, onde Lucinda e Daniel e todos os outros estarão. — a voz de Arriane vacilou. — Seríamos felizes.

— Felizes? Fingindo que não sou sua namorada e você não é a minha? Fingindo procurar o que já compartilhamos? — Tess fez uma carranca.

Arriane não respondeu. Tess estava certa. Seu predicamento era doloroso.

Por fim, Tess ficou de pé e aproximou-se de Arriane. Tomou o balde das mãos dela e colocou-o no chão. Segurou a bochecha de Arriane com a mão.

— Deixe que Luce e Daniel tenham o dia dos namorados deles. Vamos ter o nosso. Celebrar o amor verdadeiro ao fazer um pacto comigo. Junte-se a mim, Arriane. Podemos ser tão felizes juntas... se ficarmos *realmente* juntas.

Arriane engoliu o medo subindo pela garganta.

— Eu te amo, mas não posso virar as costas para as minhas promessas.

Ela saiu do aperto de Tess. Os olhos de Arriane correram, capturando cada detalhe de Tess: o balanço moroso de seu cabelo ruivo na brisa, seus pés desnudos e pálidos na palha bruta, sua mão deixando clara a ausência da mão de Arriane na sua, lágrimas subindo em seus olhos azuis claros.

Até mesmo o lampejo dourado espetacular de suas asas.

Esta seria a última vez que elas se veriam. Este seria seu último adeus.



TRES



O PRIMEIRO CORTE É O MAIS PROFUNDO

Nunca.
Nunca.
Nunca.

A alma de Arriane estava pesada enquanto voava. Devia saber que isso aconteceria! Ela *soubera*. Algo em sua alma tinha sentido há muito tempo que um dia como este se aproximava, quando Lúcifer chamaria Tessriel de volta.

Mas *nunca* tinha esperado que Tess pedisse que ela desistisse de seu lugar no Céu... para trocá-lo pelas labaredas do Inferno!

Seu temperado estava atizado agora e suas asas se dobravam e estendiam em resposta.

Às vezes, quando Arriane ficava muito tempo disfarçada como mortal, ela se esquecia de como suas asas eram vastas, como eram fortes, como era profundo o prazer de soltá-las de seus ombros, a energia alada de deleite. Devia estar sentindo a exaltação que sempre sentia quando pairava pelo céu, mas agora suas asas prateadas eram apenas tristes lembranças do que ela e seu amor eram, e como ela e Tess nunca poderiam ficar juntas.

Nunca.

Consigo me lembrar da primeira vez que disse adeus a você, Tess tinha dito-lhe no celeiro. *Tinha tanto medo de nunca mais vê-la.*

Arriane também se lembrava: há milhares de anos. Ela e Annabelle e Gabbe tinham pairado sobre uma nuvem escura de chuva nos arredores de um lugar denominado Canaã, observando uma celebração mortal liderada por um homem chamado Abraão, quando a anjo apareceu do nada e pairou perante elas no céu.

— Quem é você? — Gabbe foi hostil, dirigindo-se a anjo com o cabelo ruivo claro e os olhos de um azul cristalino. Para Arriane, as asas da anjo desconhecida eram adoráveis, e seu corpo parecia tão macio como uma nuvem cúmulos. Um raio relampejou por sua pele branca e radiante. Arriane lembrou-se de querer esticar as mãos e tocá-la, como se para certificar-se que a anjo era real.

— Sou Tessriel, e fui irmã de vocês no Paraíso. — A anjo desconhecida tinha curvado sua cabeça em deferência. — Anjo do trovão que passa pela Eurásia.

Tessriel olhava para Arriane e algo no prado distante da alma de Arriane reconheceu esta anjo. Sua irmã. Sim. Elas não tinham se conhecido bem no Paraíso; houvera uma associação de outros anjos entre elas, mas sempre existira uma conexão. O mistério inexplicável conhecido como atração.

— Trago notícias de seu irmão Roland — disse Tessriel à Arriane, que tinha

arfado ao som do nome dele.

— Roland reside no domínio de Lúcifer — disse Gabbe severamente. — Traz para nós notícias do Inferno?

— Trago-lhes notícias... — A voz de Tessriel hesitou e o coração de Arriane foi tocado por ela. Não via Roland desde a Queda e sentia sua falta desesperadamente. Esta anjo tinha vindo com uma mensagem. Arriane correu à frente, apertando-se contra Gabbe, que a manteve para trás com a ponta branca de sua asa.

— Vá agora, deixe-nos — Gabbe comandou. Era a palavra final.

Tessriel balançou sua cabeça tristemente enquanto virava-se para ir embora. Olhou para trás para Arriane uma vez, breve e com grande pesar.

— Adeus.

— Adeus!

Mas não foi uma despedida. Anos depois, sozinha, quando andava pelo banco de areia de um rio, ela se deparou novamente com a anjo ruiva.

— Tessriel?

Tessriel olhou por cima do rio onde se banhava. Estava nua, suas asas de um branco puro deslizando pela superfície da água e seu cabelo vermelho comprido arrastando-se marotamente por suas costas.

— É você? — sussurrou Tessriel. — Achei que nunca mais a veria.

Quando a anjo emergiu do rio, a visão de seu disfarce mortal foi demais para Arriane, que desviou o olhar, empolgada e envergonhada. Ela escutou a ondulação enquanto as asas deixavam a água, sentiu o toque de um vento abafado e então, um segundo mais tarde, os lábios doces pressionados nos seus. Braços e asas molhados a engolfaram.

— O que foi isso? — Arriane pestanejou com surpresa quando Tessriel se retirou. Seus lábios formigavam com um desejo inesperado.

— Um beijo. Prometi a mim mesma que se a visse novamente, faria isso.

— E se eu fosse embora agora mesmo e voltasse depois — Arriane perguntou em voz alta — me beijaria desse jeito de novo?

Tessriel assentiu, um sorriso amplo em seu rosto.

— Adeus — sussurrou Arriane, fechando seus olhos. Quando os abriu, disse — Olá.

E Tessriel a beijou de novo.

E de novo.

Em um fiorde escuro no norte da Noruega... em um navio partindo para Índia... em um planalto deserto e poeirento na Pérsia... ou em uma tempestade no interior de uma floresta tropical; quando o mundo era descomplicado e jovem e nenhum anjo caído tinha se virado na direção que cada um, eventualmente, iria tomar, Arriane e Tessriel sempre diziam adeus para dizer olá novamente, sempre indo de encontro ou saindo de um beijo.



Agora, sentindo-se mais distante do que nunca dos lábios da demônio que amava, Arriane passou por um par de garças no céu. Elas tinham um par, mas ela tinha que ficar sozinha. Por causa de antigas alianças que nenhuma das duas trairia. Isso a deixava louca de frustração. Ela precisava ficar em algum lugar solitário e remoto, onde seu coração pudesse doer em paz.

Lágrimas borraram sua visão enquanto escalava os prados de baixa altitude do vale abaixo. Ela não queria deixar Tess; não conseguia ir embora o mais rápido possível. Logo tinha escapado da leiteria em seu pequeno vale verde que tinha aprendido a amar.

Amor. O que era isso mesmo?

Daniel e Lucinda pareciam saber. Houvera momentos quando Arriane pensou ter dançado na direção da proteção do amor: momentos gentis e fugazes presos em um beijo com Tess, quando ambas as almas se perdiam completamente. Se apenas pudessem ter ficado assim para sempre, mentindo para si mesmas em um estado prolongado de êxtase.

Talvez amar era enganar-se.

Não. O mundo ameaçava-as e na luz ampla e clara do dia Arriane sabia que o que sentia por Tess era e não era amor. Era tudo, e era impossível.

Era por isso que elas já tinham passado por esse tipo de adeus, o tipo feio, uma outra vez.

Foi há algumas centenas de anos depois da Queda. Arriane finalmente tinha feito sua escolha. Tinha voltado às planícies do Paraíso e, após algum tempo, feito as pazes com o Trono. Suas asas luziam uma cor prata iridescente incrível (a marca de que tinha sido aceita novamente) e Arriane estava ansiosa para mostrá-las à sua amada. Achou Tessriel sob a cascata amazonense onde tinham concordado se encontrar.

— Olhe o que eu fiz...

— *O que você fez?*

Bem como as asas de Arriane tinham um brilho prata novo em folha, as asas de Tessriel estavam corrompidas... por um dourado glorioso e berrante.

— Nunca me disse que estava considerando... — a voz de Arriane morreu.

— Também nunca me disse. — Os olhos de Tess encheram-se de lágrimas, mas assim que as enxugou, ela ficou brava.

— Mas por quê? Por que ficaria do lado dele?

— A sua escolha não é tão arbitrária quanto a minha? O seu mestre só é uma autoridade porque você diz que ele é.

— Pelo menos ele é *bom*, ao contrário do seu mestre!

— *Bom. Mau.* São apenas palavras, Arriane. Quem confia nelas, de qualquer modo?

— Como... como posso amá-la agora? — sussurrou Arriane.

— É simples — disse Tess com um menear triste da cabeça. — Não pode.



Foi Roland quem as uniu novamente. Agora Arriane quase desejava que ele não tivesse. Mas na época ela precisava de Tess mais do que seria capaz de admitir. Roland arranjou um momento roubado entre as duas em Jerusalém, depois do que deveria ser o casamento de Cam com Lilith.

O casamento que não aconteceu.

Mas Arriane e Tessriel tinham se reunido. Assim que uma viu a outra, a briga dissolveu em outro beijo incansável.

— Devemos ser livres para sermos nós mesmas independentemente — Tessriel havia lhe dito — mas nunca seremos tão fortes e sólidas do que quando estamos juntas.

— Tenha cuidado — Roland sempre dizia quando ela fugia para ficar com Tess. E Arriane tinha tomado. Nunca foram pegas. Nunca os anjos suspeitaram do romance secreto de Arriane com uma dos demônios mais próximas de Lúcifer. Ela tinha tomado muito cuidado com tudo... exceto com o destino de seu coração.

Ela simplesmente nunca tinha esperado que Tessriel fizesse sua escolha.

Mas agora tinha chegado a isso, e havia apenas uma escolha.

Este adeus tinha que ser para sempre.



Arriane não conseguia respirar. Lágrimas corriam agora pelas bochechas enquanto ela arfava e voava cegamente, não sabendo para onde ir.

Veria sua amada mais alguma vez?

Uma dor aguda pareceu perfurar seu coração, uma agonia despedaçando as fissuras de seus ossos. O que estava acontecendo? E então uma premonição escura minou sua alma, e Arriane gritou de medo.

Agarrou seu coração, mas isso não era uma mera dor de amor.

Tinha algo errado.

Tess.

Na metade de seu voo pelas montanhas do norte da Itália, Arriane desceu para reverter a direção no céu. Suas asas estremeceram, seu coração parou e a única coisa que ela sabia era que tinha que voltar para a leiteria. Era a intuição de uma namorada, uma percepção tardia tomando conta de seu cérebro...

Até que ela teve certeza absoluta...

Algo tinha acontecido...

Algo indizível.



QUATRO



DANDO ASAS AO AMOR

O celeiro estava vazio.

O sol tinha se posto.

A única luz além de uma fenda fria da lua toscana brilhando pela porta aberta vinha das asas de Arriane. Elas lançavam um calor suave e opalescente nos animais, que não dormiam: os cavalos relinchavam e as galinhas cacarejavam sem parar em seu redil; as vacas deitavam-se no feno almiscarado, suas tetas inchadas de leite.

Eles também sentiam algo.

Arriane ficou cada vez mais frenética... onde Tess estava? Andou para cima e para baixo no celeiro, procurando pistas, achando apenas evidência de sua briga. Os baldes de leite tombados. O trecho de feno lamacento espalhado onde elas tinham lutado. Se fechasse seus olhos, ainda conseguia ver Tess do jeito que queria, sorrindo, o rubor evidente em suas bochechas.

A respiração de Arriane formou nuvens na frente de seu rosto. Observou-as sumindo no ar gelado. Queria gritar, impedir todas essas coisas de desaparecerem.

A premonição foi tão forte que Arriane apertou suas mãos, lembrando-se de seus passos no estábulo antes de ter disparado para o céu, recordando as palavras zangadas que tinham propellido uma contra a outra, arrependendo-se de tudo que já tinha dito ou feito para Tess e que não fosse por causa de seu amor absoluto.

Lá.

Ela congelou enquanto a ponta de sua asa arrastou-se por um monte de feno úmido.

O que era isso?

Arriane ficou de joelho. Branco brilhava de suas asas, iluminando os animais aterrorizados, encurralados nos cantos de seus compartimentos.

Havia sangue no feno... uma piscina brilhante e vermelha.

— Tessriel!

Arriane levantou-se no ar, varrendo o chão loucamente a procura de outro traço do sangue de sua amada. Voou em pânico em círculos, explorando cada centímetro do celeiro, arremessando-se desvairadamente para um lado e outro, não achando nada.

Lá, logo além da porta aberta, ela espiou uma fonte pequena de sangue infiltrando-se na grama. Moveu-se mais para perto, pairando sobre ela. Queria tocá-lo, mas...

Não. Ela se impediu.

Recuando da piscina de sangue, gotas com bolhas de um vermelho escuro

formavam uma fila de alguns centímetros de comprimento, levando em direção à Estrela do Norte.

Tess se movia. Mas o que tinha acontecido a ela?

Arriane voou perto do chão, procurando pequenos sinais. Em vários lugares ela avistou manchas de sangue em folhas de grama alta, só para depois perder a trilha de novo. Em um momento, tendo cruzado o leito de um riacho, a trilha desapareceu por completo, e Arriane choramingou, sentindo que tudo estava perdido.

Mas então, perto de um salgueiro chorão, reencontrou o caminho que sua amada estava fazendo.

Sangue jorrava por dezoito metros; a trilha alargava-se e espalhava-se para longe, como se um ferimento recente tivesse sido infligido. Estaria um inimigo caçando Tess, ferindo-a enquanto fugia? Arriane apressou-se, desesperada para ficar entre Tess e qualquer mal que ousasse machucá-la.

Apenas um ser poderia ter caçado uma demônio completamente capacitada. Nos seus piores pesadelos Arriane conseguia ver Lúcifer, as camadas de cataratas em seus olhos, suas asas gigantescas estendendo-se com uma fileira de pelos negros.

Mas Lúcifer teria vindo aqui para arrastar Tess de volta ao Inferno? Arriane nunca tinha visto sua amada cara a cara com seu mestre, apesar destas visões a assombrarem. Se encontrasse Lúcifer ferindo Tess, Arriane não sabia o que faria. Mal conseguia voar com a raiva que estava crescendo dentro de si.

Um amor como este era fatal, até mesmo para uma anjo.

— Tessriel! — ela berrou novamente nos campos verdes infinitos. Mas não ouviu nada.

A oeste, nuvens de tempestade formavam uma tela suja no céu. Arriane torceu para que Tess não houvesse viajado nessa direção. Tudo nessa chuva (seu cheiro, seu efeito no terreno, seu poder purificante) distanciaria Arriane da trilha.

Mas talvez Tess estivesse contando justamente com isso.

Então ela iria para o coração da tempestade.

Arriane endireitou suas asas. Focou-se em ganhar velocidade. A turbulência a balançou. Seu corpo ricocheteou da esquerda para direita, para cima e para baixo, até ela estar encharcada, tremendo e cuspidando água.

Foi quando viu Tess, deitada de costas na beirada de um promontório pedregoso no sopé das Dolomitas, não muito longe de onde Arriane tinha sentido, pela primeira vez, que tinha algo terrivelmente errado.

Tess parecia estar *morrendo*; só que anjos não morriam. Suas asas debulhavam-se anormalmente de seus dois lados. Sangue jorrava delas, formando uma poça em uma pedra chata debaixo dela. Ela estava sozinha.

Ela estava *sozinha*.

Arriane estava a trinta metros acima dela no ar, mas o brilho prateado e chapado na mão de Tess era inconfundível.

Mas por que Tess teria uma seta estelar?

Arriane mergulhou tão rapidamente que o vento rugiu em seus ouvidos. Pousou

em uma rocha cinza clara a alguns metros na frente de Tess. Suas asas lançaram um círculo de luz diante dela, abarcando o corpo de Tess como uma auréola fria de iluminação. Era fácil ver agora: a seta estelar tinha lacerado a asa esquerda do demônio. Não tinha sido arrancada por completo, mas a asa revestida de cobre, antes tão poderosa, agora pendia por um fio finíssimo de fibras celestiais.

Raiva tomou conta de Arriane; ela assassinará quem quer que tivesse feito isso. Então olhou para o rosto cinzento de Tess, seus olhos quase fechados, vislumbrando-a.

E então entendeu.

Não havia mais ninguém para culpar. O mais cruel de todos os ferimentos tinha sido causado por ela mesma.

Há apenas algumas horas, Arriane pensou na pureza da pele de um anjo, como nada deixava cicatriz. Mas não era completamente verdade... algumas coisas deixavam cicatrizes permanentes.

Lúcifer conseguia danificá-la com a tinta de suas tatuagens.

Um ferimento de seta estelar conseguia... se não matasse o anjo.

A união de...

— Tessriel, não!

A demônio segurou a seta estelar na mão direita e aproximou-a do ferimento de novo, como se sua intenção fosse de amputar a asa dourada. Mas seus dedos tremiam tanto que a seta cortou outras partes da asa, ejetando sangue de seu centro, cheio de músculos. Só então pareceu perceber a presença de Arriane.

— Você voltou. — Sua voz estava tão fraca quanto o ar montanhoso.

— Oh, Tessriel. — As mãos de Arriane cobriram seu coração. — Elas nunca se curarão.

— É esse o objetivo. Precisava de algo que me lembrasse de você.

— Não diga isso. — Arriane ficou de joelhos, rastejando até onde Tess estava deitada no chão. — O que você fazia com uma seta estelar? Permutando com Azazel? Não se faz isso!

— Faz sim, quando a necessidade é grande o bastante. Se não posso ter você, não quero mais nada. — Tess fez uma cara feia quando empurrou a seta estelar em um movimento de descida que retalhou sua asa mutilada. O som foi como o de carne sendo desprendida; porém, não separou a asa por inteiro. — É mais difícil do que acha.

— Pare com isso! — Gritou Arriane, estirando sua mão para agarrar a seta estelar de Tess.

Rapidamente Tess virou a seta contra ela.

— Afaste-se — disse fracamente. — Sabe o que irá acontecer se me tocar.

Arriane estudou sua amada anjo caído, coberta de sangue que (se ela tocasse) funcionaria como um veneno contra si.

Mas mesmo sabendo disso, Arriane não parou. Precisava que Tess soubesse que não estava sozinha, que era amada.

A lembrança do riso de Tess ecoou em seus ouvidos e aqueceu seu interior; a imagem de Tess, a querida, doce e bela Tess, apareceu perante os olhos de Arriane

enquanto ela fazia o impensável:

Atirou-se em direção à Tessriel, jogando-se em cima da demônio, agarrando a seta estelar, gritando de aflição quando o sangue de Tessriel a queimou. Esta era a dor fora de série do sangue de demônio na pele de um anjo, como mil espadas cegas perfurando sua alma.

Sangue no sangue era ainda pior.

Arriane cerrou os dentes, quase enlouquecendo de dor enquanto tentava arrancar a seta da mão de Tess.

— Solte-me! — As unhas de Tess arranharam a garganta de Arriane até perfurar a pele e o sangue de Arriane começou a jorrar. Um urro animalesco saiu dos lábios dela.

Seu sangue literalmente ferveu quando encontrou o de Tessriel, transformando-se em ácido em seu corpo e marcando sua pele. Bolhas se formaram no lado esquerdo de seu corpo, onde o sangue das duas havia se misturado, com cicatrizes feias trançando-se por sua perna, torso e pescoço.

Ainda assim, Arriane não soltou.

— Veja o que fez agora. — Os lábios de Tess estavam azuis por terem perdido tanto sangue. Uma risada sádica pontuava sua angústia. — Até o meu sangue é uma anátema ao seu, e o seu ao meu. Bem como — nesta hora sua voz falhou e seus olhos se desviaram — bem como sempre disseram.

— Fique parada! — Arriane tentou focar em algo além da queimadura ácida; a única coisa que importava era estancar o fluxo de sangue de Tess. Segurou as duas asas débeis nas mãos, não sabendo o que fazer.

— Está piorando as coisas! — berrou Tess.

— Pare! Já perdeu muito sangue.

Tess estava tendo convulsões, mas firmou uma mão na rocha e ergueu sua cabeça o suficiente para encarar profundamente os olhos de Arriane.

— Você quebrou meu coração, Arriane. Não pode curá-lo.

O lábio de Arriane tremeu.

— Posso. E vou.

Ela rasgou a saia de seu vestido de leiteira, usando seus dentes para cortar o tecido fino em tiras. *Não vai funcionar*, pensou, enquanto trançava e esticava o tecido em uma tipoia malfeita, dispendo-a cuidadosamente ao redor da asa esquerda e que jorrava sangue de Tess.

Rapidamente produziu outra tipoia, trabalhando até seus dedos ficarem dormentes de frio e medo. O corpo de Tess continuava a se sacudir, mas seus olhos estavam fechados, e ela não respondeu às admoções de Arriane para que acordasse.

As tipoias não funcionariam. Os ferimentos de Tess precisavam de uma intervenção celestial. Isto exigiria a ajuda da Gabbe, e ela ficaria furiosa... porém ajudaria de qualquer jeito. As asas de Tess nunca mais seriam as mesmas, mas talvez algum dia ela pudesse voar.

Somente após Arriane ter enfaixado as asas de Tess o melhor que pôde foi que olhou para seu próprio corpo. Era um quadro miserável.

Seu pescoço ardia de dor. O lado esquerdo de seu vestido estava caindo aos pedaços. Sua pele estava mosqueada com respingos de sangue, pus prateado e tecido descamado de anjo. Não tinha nada com o que remediar seus ferimentos. Havia usado todo o pano nos de Tess.

Ela caiu no colo da demônio e soluçou. Precisava de ajuda, mas não podia carregar Tess, não quando estava toda queimada e destruída. Que bem isso faria?

Talvez Tess estivesse certa: Quando um namorado sofria por ter tido seu coração partido, não importava o quanto o outro quisesse ajudar, ele não poderia curá-lo.

Na medida do possível, percebeu Arriane, cada alma tinha que ficar contente sozinha antes de precipitar-se no amor, porque nunca se sabe quando o outro deixará para trás aquele amor. Era o maior dos paradoxos: Almas precisam umas das outras, mas também precisam não precisar da outra.

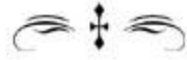
— Tenho que ir — sussurrou para Tess, cuja respiração era superficial, trabalhosa. — Mandarei ajuda até aqui. Alguém virá cuidar de você.

— Eu te amo, e nunca amarei mais ninguém. A melhor maneira de honrar isso é ir embora agora e lutar pelo tipo de amor que partilhamos, o tipo de amor que eu acredito. Espero que algum dia descubra o que está procurando. — Uma lágrima correu pela bochecha de Arriane. — Feliz dia dos namorados, minha única, eternamente.

Uma estrela cadente dançou em um arco claro no céu. Ao norte, justamente a direção na qual Arriane precisaria voar para achar Daniel e Lucinda. Seu pescoço pulsou quando se levantou da rocha, mas, apesar de seus ferimentos, suas asas pareciam fortes e puras. Ela as esticou amplamente e voou para longe.



AMOR INFINITO



O DIA DOS NAMORADOS DE DANIEL E LUCINDA

UM



AMOR ANTIGO

Luce encontrava-se no final de um beco estreito sob uma fresta de céu ensolarado.
— Bill? — sussurrou ela.
Não houve resposta.

Ela tinha saído grogue e desorientada do Anunciador. Onde estava agora? Havia claridade e agitação na outra ponta do beco. Era algum tipo de mercado lotado, onde Luce vislumbrou brevemente frutas e aves sendo repassadas para outras mãos.

Um vento invernal perspicaz tinha congelado as poças do beco e transformado-as em lama derretida, mas Luce suave em seu vestido preto de baile... onde mesmo ela tinha colocado este vestido esfarrapado? O baile do rei em Versalhes. Havia encontrado-o no guarda-roupa de alguma princesa e ficado com ele quando entrou na apresentação de *Henry VIII* em Londres.

Ela fungou seu ombro: tinha cheiro da fumaça do incêndio que havia queimado o *Globe Theatre*.

Acima de si chegava uma série de pancadas altas de persianas sendo abertas. Duas mulheres enfiaram suas cabeças para fora do batente das janelas adjacentes do segundo andar. Assustada, Luce pressionou-se contra uma parede à sombra para escutar, observando enquanto as mulheres faziam um rebuliço e mexiam no varal compartilhado.

— Deixará Laura assistir às festividades? — disse uma delas, uma mulher matrona com um capuz cinza simples, enquanto prendia uma calça úmida enorme no fio.

— Não vejo mal algum em *assistir* — disse a outra, uma mulher mais jovem. Ela sacudiu uma camisa seca de linho e dobrou-a com uma eficiência ligeira. — Contanto que não tome parte naquele espetáculo devasso. Urna do Cupido! Rá! Laura só viveu doze anos; é jovem demais para arranjar um coração partido!

— Ah, Sally — suspirou a outra mulher com um sorriso escasso — você é rígida demais. O dia de São Valentim é para todos os corações, jovens e velhos. Podia ser bom para você e seu senhor serem contagiados pelo romance, hein?

Um vendedor solitário, um homem baixo vestido com uma túnica e calça estreita azuis, virou no beco, empurrando um carrinho de madeira. As mulheres olharam-no com suspeita e baixaram suas vozes.

— Peras — cantou para os batentes abertos, dos quais as cabeças e mãos das mulheres haviam desaparecido. — O fruto rotundo do amor! Uma pera para o seu namorado fará ser doce este novo ano.

Luce avançou lentamente junto à parede, na direção da saída do beco. Onde Bill

estava? Ela não tinha percebido o quanto dependia daquela pequena gárgula. Precisava de roupas diferentes. Fazer ideia de onde e quando se encontrava. E instruções do que estava fazendo aqui.

Algum tipo de cidade medieval. Um festival de dia dos namorados. Quem adivinharia que era uma tradição tão antiga?

— Bill! — sussurrou ela. Mas ainda nada de resposta.

Ela chegou até a esquina e espreitou sua cabeça ao redor.

A visão de um castelo altivo fê-la hesitar. Era massivo e majestoso. Torres de marfim subiam ao céu azul. Estandartes dourados, cada adornado com um leão, ondeavam gentilmente nos postes altos. Ela quase esperou escutar um retumbar de trombetas. Era como cair acidentalmente em um conto de fadas.

Instintivamente, Luce desejou que Daniel estivesse lá. Este era o tipo de beleza que não parecia real até você compartilhar com alguém que ama.

Mas não havia sinal de Daniel. Apenas de uma garota.

Uma garota que Luce reconheceu imediatamente.

Um de seus eus passados.

Luce observou enquanto a garota passeava pela ponte de pedras redondas e lisas que dava nas portas altas do castelo. Passou por elas, para a entrada de um jardim fantástico de rosas, onde arbustos não-floridos tinham sido esculpidos em cercas-vivas altas e em formato de muralha. Seu cabelo solto era comprido e bagunçado, arrastando-se até metade das costas de seu vestido branco de linho. A antiga Luce – Lucinda – contemplou amorosamente o portão do jardim.

Então Lucinda ficou na ponta dos pés, passou uma mão branca por cima do portão, e do meio de um arbusto sem galhos curvou o caule de uma rosa vermelha inauspiciosa até seu nariz.

Era possível cheirar tristemente uma rosa? Luce não podia dizer; tudo que sabia era que algo nesta garota – ela mesma – era *triste*. Mas por quê? Tinha alguma coisa a ver com Daniel?

Luce estava prestes a sair completamente do beco sombreado quando ouviu uma voz e viu alguém aproximar-se de seu antigo eu.

— Aí está você.

Lucinda soltou a rosa, que voltou instantaneamente para o jardim, perdendo suas pétalas quando cruzou com os espinhos. As pétalas vermelhas em formato de lágrima choveram por seus ombros enquanto ela se virava para encarar a voz.

Luce observou quando a postura de Lucinda mudou, um sorriso esticando-se em seu rosto por ter visto Daniel. E ela sentiu este mesmo sorriso em seu *próprio* rosto. Seus corpos podiam ser diferentes, suas vidas diárias não se pareciam em nada, mas quando se tratava do Daniel, sua alma compartilhada ajustava-se completamente.

Ele usava uma armadura completa, com exceção de seu elmo, e seu cabelo dourado estava oleoso de suor e sujeira. Claramente vinha da estrada; a égua branca manchada ao seu lado parecia exausta. Luce teve que lutar contra todo o desejo em seu corpo para não correr até seus braços. Ele estava de tirar o fôlego: um cavaleiro em

armadura brilhante que ofuscaria qualquer semelhante de conto de fada.

Mas este Daniel não era o seu Daniel. Este Daniel pertencia à outra garota.

— Você voltou! — Lucinda disparou em uma corrida, seus cachos correndo no vento.

Os braços de seu eu passado se esticaram, a centímetros de Daniel...

Mas a visão de seu cavaleiro valente vacilou no vento.

E então sumiu. O estômago de Luce ficou embrulhado quando observou a égua de Daniel e sua armadura sumirem no ar e Lucinda (que não conseguiu parar a tempo) bater de cabeça com uma gárgula de pedra emitindo fumaça.

— Errou! — cacarejou Bill, girando 180 graus.

Lucinda gritou, tropeçou em seu vestido, e caiu de quatro na lama. A risada escabrosa de Bill ecoou pela fachada do castelo. Ele voou ainda mais alto no céu e então espiou Luce olhando-o feio do outro lado da rua.

— Aí está você! — disse, dando cambalhota em sua direção.

— Disse para nunca mais fazer isso!

— Minhas acrobacias? — Bill saltou no ombro dela. — Mas se eu não praticar, não ganho medalhas — disse, com um sotaque russo.

Ela deu um tapa nele.

— Transformar-se em Daniel, foi o que quis dizer.

— Não fiz isso com você, fiz com ela. Talvez seu eu do passado ache engraçado.

— Ela não achou.

— Não é culpa minha. Além do mais, não leio mentes. Você espera que eu perceba que você fala em nome de todas as Lucindas que já existiram cada vez que abre a boca. Nunca disse nada sobre ridicularizar suas vidas passadas. É só para dar umas boas risadas. E eu que rio, no caso.

— É *cruel*.

— Se insiste em discutir por bobeira, ótimo, ela é toda sua. Creio que não precise que eu mostre que o que *você* faz com elas não é exatamente humano!

— Foi você que me ensinou como ficar em 3D.

— Exatamente o que quis dizer — disse ele com um cacarejo assustador que fez os braços de Luce se arrepiarem.

Os olhos de Bill caíram em uma gárgula diminutiva de pedra acima de uma das colunas dos portões do jardim. Voltou para o ar, deu uma volta até a coluna, e passou seu braço ao redor do ombro da gárgula, como se enfim tivesse encontrado um companheiro de verdade.

— Mortais! Não se pode viver com eles, não se pode enviá-los para as profundezas ardentes do Inferno. Estou certo ou não? — Olhou de volta para Luce. — Você não é muito falante.

Luce não conseguia mais aguentar. Correu para frente, apressando-se em ajudar Lucinda a se levantar do chão. O vestido de seu eu passado estava rasgado nos joelhos e seu rosto era um branco doentio.

— Você está bem? — perguntou Luce. Ela esperou que a garota ficasse

agradecida, mas ao invés disso ela recuou.

— Quem... o que é você? — Lucinda olhou para Luce embasbacada. — E que espécie de demônio é aquela coisa? — Ela apontou na direção de Bill.

Luce suspirou.

— Ele é apenas... Não se preocupe com ele.

Bill provavelmente parecia mesmo com um demônio nesta encarnação medieval. Luce provavelmente não tinha uma aparência muito melhor: uma garota débil mental correndo por aí em um vestido futurístico de baile que fedia à fumaça.

— Desculpa — disse Luce, olhando para Bill por sobre o ombro da garota. Ele parecia estar se divertindo.

— Está pensando em ficar em 3D? — perguntou Bill.

Luce estalou os dedos. Ótimo. Ela sabia que tinha que se clivar neste corpo do passado se quisesse ir adiante em sua jornada, mas havia alguma coisa no rosto de seu passado, perplexidade e uma insinuação de uma traição inexplicável, que fez com que ela hesitasse.

— Isso, hm, isso só vai levar um segundo.

Os olhos de seu eu do passado se arregalaram, mas quando ela estava prestes a se afastar, Luce agarrou e apertou a mão dela.

As pedras firmes abaixo de seus pés se mexeram e o mundo perante Luce serpenteou como um caleidoscópio. Seu estômago foi de encontro à sua garganta e, enquanto o mundo voltava à sua normalidade, ela ficou com a náusea característica da clivagem. Ela piscou e, naquele instante inquietante, enxergou a visão desencarnada de ambas as garotas. Lá estava a Lucinda da era medieval: inocente, cativante e apavorada; e ali, ao lado dela, estava Luce: culpada, exausta e obcecada.

Não havia tempo para se arrepender disso. Assim que terminou de piscar...

Um único corpo, uma alma em conflito.

E o sorriso afetado dos lábios grossos de Bill, observando tudo.

Luce apertou seu coração através do vestido áspero de linho que Lucinda estivera usando. Ele doía. Seu corpo todo sofria com a dor no coração.

Ela canalizava Lucinda agora, sentindo o que ela tinha sentido antes de Luce habitar seu corpo. Era uma jogada que já tinha virado hábito – da Rússia pro Taiti e pro Tibete – mas mesmo fazendo isso tantas vezes, Luce não achava que iria algum dia se acostumar a *sentir* de forma tão pungente a impressão de suas emoções passadas.

Agora ela sentia o tipo de dor cruel que não experimentava desde seus primeiros dias na *Sword & Cross*, quando achava que seu amor por Daniel pudesse dividi-la em duas.

— Não está com uma cara muito boa. — Bill flutuava perante seu rosto, soando mais satisfeito do que preocupado.

— É o meu passado. Ela está...

— Em pânico? Com seu coração doendo de amor por aquele tonto e inútil cavaleiro? É, o Daniel desta era te deixava mais tonta que um globo de bingo quando os idosos se reúnem para jogar. — Ele cruzou os braços sobre o peito de modo pesaroso e

fez algo que Luce nunca tinha visto antes: mudou os olhos para violeta. — Talvez eu vá à Feira de São Valentim — disse ele em um tom rouco e afetado, uma imitação grosseira e simplificada de Daniel — Ou talvez eu tenha coisas melhores a fazer, como esmagar perdedores com minha espada gigantesca...

— Não faça isso, Bill. — Luce balançou a cabeça, irritada. — Além do mais, se Daniel não aparecer nesse negócio do dia dos namorados, ele terá uma boa razão, tenho certeza.

— É. — O grasnado retornou à voz de Bill. — Você sempre tem.

— Ele está tentando me proteger — ela argumentou, mas sua voz estava fraca.

— Ou se proteger...

Luce revirou os olhos.

— Está bem, Bill, o que eu devo aprender nesta vida? Que você acha o Daniel um canalha? Captado. Podemos prosseguir?

— Não exatamente.

Bill voou até o chão e sentou-se ao lado dela.

— Na verdade, nesta vida estamos de férias do seu aprendizado— disse. — Baseando-me na rispidez com que tem se dirigido a mim e nas olheiras sob meus olhos — ele esticou e expôs uma dobra rugosa de pele sobressaliente, fazendo um som parecido com um saco de bolas de gude sacudido — acho que ambos precisamos de um dia de descanso.

— Então é o seguinte: é dia dos namorados, ou uma versão mais primária disso, de qualquer forma. Daniel é um cavaleiro, o que significa que pode escolher qual festa frequentar. Pode agraciar o banquete infinito e abençoado pela Igreja dos nobres no castelo de seu senhor. — Bill inclinou sua cabeça na direção dos torreões brancos elevando-se atrás deles. — É claro, terá um bom assado de veado, talvez até um punhado de sal, mas você tem que se misturar com os *clérigos* e quem acha que isso é uma festa boa?

Luce olhou de volta para o castelo de conto de fada. Era ali que Daniel morava? Estaria dentro daquelas muralhas agora?

— Ou — continuou Bill — ele pode cair na farra na festa de *verdade* no gramado hoje à noite, com um tipo de gente menos que respeitável, onde a cerveja flui como vinho e o vinho flui como cerveja. Haverá dança, comida e, o mais importante de tudo: raparigas.

— Raparigas?

Bill acenou no ar com a mão diminuta.

— Nada com que tenha que se preocupar, querida. Daniel só teve olhos para uma rapariga em toda a criação. Você, quer dizer.

— Rapariga — disse Luce, descendo o olhar para sua vestimenta de fios ásperos de algodão.

— Há uma certa rapariga perdida — Bill acotovelou Luce — que estará na Feira, vasculhando a multidão, através dos furos de sua máscara pintada, atrás de seu pedaço de mau caminho. — Ele deu um tapinha em sua bochecha. — Não parece ser bem

divertido, irmãzinha?

— Não estou aqui para me divertir, Bill.

— Tente por uma noite... quem sabe, talvez consiga gostar. A maioria das pessoas gosta.

Luce engoliu em seco.

— Mas o que vai acontecer quando ele me encontrar? O que eu devo aprender antes de me incendiar, antes de...

— Opa! — gritou Bill. — Acalme-se, esquentadinha. Eu te disse, só se preocupe hoje à noite em se divertir. Um pouquinho de romance. Uma noite de folga — ele deu uma piscadela — para nós dois.

— E quanto à maldição? Como posso deixar tudo de lado e celebrar o dia dos namorados?

Bill não respondeu de imediato. Ao invés disso, fez uma pausa, ponderou e então disse:

— E se eu te dissesse que este – hoje – é o único dia dos namorados que vocês já passaram juntos?

As palavras atingiram Luce de imediato.

— Em todas as vidas? Nós... nunca conseguimos comemorar o dia dos namorados?

Bill balançou a cabeça.

— Depois de hoje? Não.

Luce voltou ao seu tempo na Dover, como ela e Callie observavam algumas das outras garotas receberem corações de chocolate e rosas no dia dos namorados. Elas tinham a tradição de lamentar estarem solteiríssimas tomando milk-shakes de morango na lanchonete do bairro. Passavam horas conjecturando as chances ínfimas de conseguirem um par no dia dos namorados.

Ela riu. Não tinha se dado tão mal: Luce nunca tinha tido um dia dos namorados com Daniel.

Agora Bill dizia-lhe que ela só teve o de hoje à noite.

A jornada de Luce nos Anunciadores, todos seus esforços em quebrar a maldição e desvendar o que estava por trás de suas reencarnações, descobrir um fim para este ciclo infinito... sim, estas coisas eram importantes. É claro que eram.

Mas o mundo acabaria se ela aproveitasse esta *única* oportunidade com Daniel?

Ela inclinou a cabeça para Bill.

— Por que está fazendo isso por mim? — perguntou.

Bill deu de ombros.

— Tenho um coração, um fraco por...

— O quê? *Dia dos namorados*? Por que será que não acredito nisso?

— Até eu amei uma vez e sofri uma perda. — E pelo mais breve dos instantes, a gárgula pareceu melancólica e triste. Encarou-a diretamente e fungou.

Luce deu risada.

— Está bem — disse — Vou ficar. Só por hoje.

— Que bom. — Bill emergiu e apontou uma garra torta pelo beco. — Agora vá, seja feliz. — Ele estreitou os olhos. — Na verdade, mude de vestido. E *então* vá ser feliz.





UMA ALMA EM CONFLITO

Horas depois, Luce amparou os cotovelos no umbral da armação de pedra da janela pequena.

A vila parecia diferente de cima, no segundo andar; um labirinto de construções de pedra interconectadas, tetos cobertos de palha e em ângulos similares a um complexo de apartamentos medievais.

No fim daquela tarde, muitas daquelas janelas, incluindo a que Luce se encontrava, estavam adornadas com vinhas de hera de um verde escuro ou com ramos espessos de azevinho que tinham sido entrelaçados em grinaldas. Eram sinais da Feira que acontecia nos arredores da cidade naquela noite.

O dia dos namorados, pensou Luce. Ela sentia que Lucinda o temia.

Após Bill ter desaparecido do lado de fora do castelo, para sua misteriosa “noite de folga”, tudo tinha acontecido rapidamente: ela vagou sozinha pela cidade até que uma garota alguns anos mais velha que ela apareceu do nada para apanhar e levar Luce por um lance úmido de escadas até esta casa pequena de dois cômodos.

— Afaste-se da janela, irmã — uma voz aguda disse-lhe, do outro lado do cômodo. — Está deixando que o vento forte de São Valentim entre!

A garota era Helen, a irmã mais velha de Lucinda, e a casa enfumaçada e confinante de dois cômodos era onde ela e sua família moravam. As paredes cinzentas do aposento estavam vazias e a única mobília era um banco de madeira, um suporte de mesa e a pilha de colchões de palha onde a família dormia. O chão estava polvilhado de palha bruta e salpicado de lavanda, em uma tentativa miserável de remover do ar o cheiro repugnante do sebo das velas usadas para iluminação.

— Em um segundo — retornou Luce. A janela pequenina era o único lugar onde ela não se sentia claustrofóbica.

À direita do beco estava o mercado que havia vislumbrado antes e, se ela se esticasse o bastante, conseguia ver uma fatia do castelo branco de pedra.

Aquela amostra minúscula de visão assombrava Lucinda (Luce sentia isso pela alma que partilhavam), porque na noite do dia que Lucinda conheceu Daniel no jardim das rosas, ela tinha voltado para casa e, por coincidência, o visto espreitando pensativamente na armação da torre mais alta. Desde então, ela espiava-o sempre que tinha a chance, mas ele nunca reapareceu.

Outra voz sussurrou:

— O que ela tanto encara? O que poderia ser tão interessante?

— Apenas o bom Senhor sabe — respondeu Helen, suspirando. — Minha irmã está carregada de sonhos.

Luce virou-se lentamente. Seu corpo nunca tinha parecido tão estranho. A parte que pertencia a Lucinda medieval estava definhada e letárgica, esmagada pelo amor que achava ter perdido. A parte que pertencia a Lucinda Price segurava-se firmemente à ideia de que ainda podia haver uma possibilidade.

Executar até a mais simples das tarefas era uma luta, como, por exemplo, conversar com as três garotas perante si, com expressões alarmadas distorcendo seus rostos bonitos.

A mais alta, no meio, era Helen, a única irmã de Lucinda e a filha mais velha dentre seus cinco irmãos. Ela era recém-casada e, como se para ressaltar isso, seu cabelo loiro espesso estava dividido em duas tranças e preso em um *chignon* matronal.

Ao lado de Helen estava Laura, a vizinha jovem delas e que Luce percebeu ser a garota que as duas mulheres fofocaram sobre, quando penduravam roupa. Apesar de Laura só ter doze anos, tinha uma beleza aliciante: loira de olhos azuis grandes e com uma risada alta e atrevida que podia ser ouvida do outro lado da cidade.

Luce controlou uma risada, tentando conciliar o resguardo da mãe de Laura com o que Lucinda conhecia da experiência da própria garota: juntar suas palmas com os pajens no retiro fresco da floresta do lorde. O que Luce vislumbrava das lembranças que Lucinda tinha de Laura a fazia lembrar-se de Arriane. Laura, como a anjo, era fácil de amar.

E por último havia Eleanor, a amiga mais velha e próxima de Lucinda. Elas tinham crescido juntas usando as roupas uma da outra, como irmãs. Bicavam-se como irmãs também. Eleanor tinha um jeito brusco, frequentemente cortando em dois os pensamentos sonhadores de Lucinda com uma observação afiada. Mas tinha a habilidade de trazer Lucinda de volta à realidade, e amava-a profundamente. Não era, Luce percebeu, tão diferente de sua relação no presente com Shelby.

— Então? — perguntou Eleanor.

— Então o quê? — disse Lucinda, assustada. — Não me encarem todas de uma vez!

— Só te perguntamos três vezes que máscara você vai usar hoje à noite. — Eleanor abanou três máscaras com cores fortes no rosto de Lucinda. — Eu peço, acabe com o suspense!

Eram máscaras simples de couro, feitas para cobrir apenas os olhos e o nariz e amarrar atrás da cabeça com uma fita fina de seda. Todas as três estavam cobertas com o mesmo tecido áspero, mas cada uma tinha um desenho diferente pintado: uma era vermelha com amores-perfeitos pequenos e pretos, uma verde com delicados botões brancos de flores, e uma era marfim com rosas de um cor-de-rosa claro próximas aos olhos.

— Ela as encara como se não tivesse visto estas mesmas máscaras em cada um de seus cinco anos de bailes! — murmurou Eleanor a Helen.

— Ela tem o dom de ver coisas velhas de uma nova perspectiva — disse Helen.

Luce estremeceu, apesar de o cômodo estar mais quente do que tinha estado na maior parte dos meses de inverno. Em troca dos ovos que os cidadãos haviam

oferecido ao lorde como presente, ele tinha retribuído com um maço pequeno de lenha de cedro para cada família. Assim, a lareira estava quente e viva, emprestando um rubor saudável às bochechas das garotas.

Daniel fora o cavaleiro encarregado de coletar os ovos e distribuir a lenha. Ele tinha marchado pela porta com vigor, para então recuar, abalado, quando viu Lucinda no lado de dentro. Foi a última vez que a Lucinda da era medieval tinha visto-o, e após meses de momentos juntos escondidos na floresta, o eu passado de Luce tinha certeza de que nunca veria Daniel novamente.

Mas por quê? Luce se perguntava agora.

Luce sentiu a vergonha de Lucinda pelas acomodações simplórias de sua família, mas isso não parecia correto. Daniel não ligaria por Lucinda ser filha de um camponês. Ele sabia que ela era sempre muito mais que isso. Tinha que haver algo mais. Alguma coisa que Lucinda não conseguia ver claramente devido à sua tristeza. Mas Luce podia ajudá-la, achando Daniel, conquistando-o novamente, no mínimo pelo tempo que ela ainda tinha de vida.

— Gosto da de marfim em você, Lucinda — estimulou Laura, tentando ser prestativa.

Mas Luce não conseguia se importar com máscaras.

— Oh, qualquer uma delas está ótima. Talvez a de marfim para combinar com meu vestido. — Ela puxou frouxamente o tecido drapeado de seu vestido gasto de lã.

As garotas deram gargalhada.

— Não vai usar *este* vestido comum de feira, vai? — espantou-se Laura. — Ora, estamos todas nos arrumando com nossos melhores trajes! — Ela desmoronou dramaticamente no banco de madeira perto da lareira. — Oh, eu nunca iria querer me apaixonar vestindo a túnica pavorosa que uso às terças!

Uma lembrança avançou pela mente de Luce: Lucinda havia se disfarçado de dama com um de seus vestidos chiques e entrado escondida no jardim de rosas do castelo. Foi onde conheceu Daniel nesta vida. Era por isso que o romance deles parecia desleal desde o começo. Daniel achava que Lucinda fosse tudo menos a filha de um camponês.

Era por isso que a perspectiva de trajar aquele vestido chique vermelho de novo e fingir estar feliz no festival era uma possibilidade estonteante para Lucinda.

Mas Luce conhecia Daniel melhor que Lucinda. Se tivesse a chance de passar o dia dos namorados com ela, ele aproveitaria.

Obviamente não podia explicar esta confusão interna para às garotas. Tudo que podia fazer era virar-se para longe e enxugar suas lágrimas sutilmente com a parte interna do pulso.

— A cara dela é de que o amor já a achou e a tratou duramente — murmurou baixinho Helen.

— É o que eu digo: se o amor é duro com você, seja duro com o amor! — disse Eleanor de seu jeito mandão. — Pisoteie a tristeza com sapatos de dança!

— Oh, Eleanor — Luce ouviu-se dizendo. — Você não entenderia.

— E você *entende*? — riu Eleanor. — Você, a garota que nem mesmo coloca seu nome na Urna do Cupido?

— Oh, Lucinda! — Laura verteu as mãos em forma de concha sobre a boca. — Por que não? Daria tudo para minha mãe me deixar colocar meu nome na Urna do Cupido!

— E foi por isso que *eu* tive que jogar o nome dela na urna por ela! — gritou Eleanor, segurando a cauda do vestido de Luce e puxando-a pelo cômodo em um círculo.

Após uma perseguição que fez com que o banco e o sebo da vela tombassem contra o peitoril do caixilho, Luce agarrou a mão de Eleanor.

— Você não fez isso!

— Oh, um pouco de diversão fará bem a você! Quero que dance hoje à noite, embriagada e vigorosa como o restante dos mascarados. Vamos, ajude-me a escolher uma viseira. Que cor faz meu nariz parecer menor, rosa ou verde? Talvez eu consiga enganar um homem e fazer com que me ame!

As bochechas de Luce ardiavam. A Urna do Cupido! Como aquilo tinha algo a ver com o dia dos namorados com Daniel?

Antes que pudesse falar, a roupa de festa de Lucinda surgiu, um vestido de lã vermelha alcançando o chão, adornado com um colarinho estreito feito de pele de lontra. Tinha um corte cavado no peito, mais baixo do que qualquer coisa que Luce usaria na Geórgia; se Bill estivesse ali para vê-la, provavelmente urraria um “Oba oba” em seu ouvido.

Luce permaneceu quieta enquanto os dedos de Helen trançavam um cale de bagas de azevinho em seu cabelo preto solto. Ela pensava em Daniel, o modo como seus olhos tinham se iluminado no jardim de rosas quando tinha se aproximado de Lucinda...

Uma batida assustou todas elas; na entrada apareceu o rosto de uma mulher. Luce reconheceu-a de imediato como sendo a mãe de Lucinda.

Sem pensar, correu para o calor seguro dos braços de sua mãe.

Eles fecharam-se ao redor de seus ombros, de modo apertado e afetuoso. Era a primeira vida que Luce visitava onde sentia uma conexão forte com sua mãe. Isso a deixou jubilosa e com saudade de casa de uma só vez.

Em casa, Thunderbolt, Geórgia, Luce tentava ser madura e autossuficiente o máximo possível. Lucinda fazia o mesmo, percebeu Luce. Mas em tempos como estes, quando uma dor no coração deixava o mundo inteiro desanimado, nada era melhor que o conforto do abraço de uma mãe.

— Minhas filhas, tão lindas e crescidas, vocês me fazem sentir mais velha do que sou! — A mãe delas riu enquanto corria os dedos pelo cabelo de Luce. Tinha olhos avelã bondosos e uma testa suave e expressiva.

— Ah, mãe — disse Luce com a bochecha contra o ombro de sua mãe. Pensava em Doreen Price e tentava não chorar.

— Mãe, conte-nos novamente como conheceu o papai na Feira de São Valentim — disse Helen.

— Esta história velha de novo não! — Resmungou sua mãe, mas as garotas

conseguiam ver a história já se formando em seus olhos.

— Sim! Sim! — todas as garotas ecoaram.

— Ora, eu era mais jovem que Lucinda quando virei mãe — sua voz graciosa iniciou. — Minha própria mãe fez com que eu usasse a máscara que ela tinha usado anos antes. Deu-me este conselho quando eu saía pela porta: “Sorria, criança, os homens gostam de donzelas felizes. Busque noites felizes para ter dias felizes...”

Enquanto sua mãe aprofundava-se em seu conto de amor, Luce percebeu seus olhos rastejando-se de volta na direção da armação da janela, imaginando os torreões do castelo, Daniel olhando por eles. Procurando-a?

Após sua história ter acabado, sua mãe retirou algo do bolso amarrado em sua cintura e entregou-o para Luce com uma piscadela travessa.

— Para você — sussurrou ela.

Era uma pequena embalagem de pano amarrada com barbante. Luce foi até a janela e abriu-a cuidadosamente. Seus dedos tremiam enquanto soltava o barbante.

Dentro estava uma toalhinha em forma de coração rendada e do tamanho de seu punho. Alguém tinha inscrito estas palavras com o que parecia, para Luce, uma caneta Bic azul:

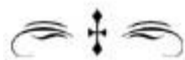
*Rosas são vermelhas,
Violetas são azuis,
O açúcar é doce,
Assim como o que de ti fluis.
Procurarei você esta noite—
Com amor, Daniel*

Luce quase explodiu em uma gargalhada. Isto era algo que o Daniel que ela conhecia nunca escreveria. Claramente outra pessoa estava por trás disso. Bill?

Mas para a parte de Luce que era Lucinda, as palavras eram rabiscos do caos. Ela não sabia ler, Luce percebeu. E, mesmo assim, uma vez que o significado do poema foi processado por Luce, ela conseguiu sentir um entendimento ser captado por Lucinda. Seu eu passado achou que este era o poema mais puro e cativante que já vira.

Ela iria ao festival e acharia Daniel. Mostraria à Lucinda como o amor deles podia ser poderoso.

Hoje à noite haveria dança. Hoje à noite haveria mágica no ar. E (mesmo que fosse a única vez que isso acontecesse na longa história de Daniel e Lucinda) hoje à noite haveria aquela alegria única de passar o dia dos namorados com a pessoa que amava.



TRES



DELEITE NA DESORDEM

Eleanor! — gritou Luce sobre uma multidão condensada de pessoas dançando enquanto sua amiga saltava pela fila impetuosa de jiga. Mas Eleanor não a ouviu.

Era difícil dizer se a voz de Luce era abafada pelos urros de deleite de uma multidão em um show de fantoches em um dos palcos móveis montados na parte oeste da área de dança para a massa barulhenta e faminta que formava uma fila nas mesas compridas de comida do lado leste do gramado, ou se talvez fosse culpa apenas do mar de dançarinos no meio do lugar, que pulavam, giravam e rodavam com uma impulsividade incauta e romântica.

Parecia que os dançarinos na Feira de São Valentim não apenas dançavam, como também gritavam, riam e trovejavam versos na música do trovador e berravam para amigos do outro lado da área de dança lamacenta. Faziam tudo isso ao mesmo tempo. E o mais alto possível.

Eleanor estava fora do alcance de sua voz, girando enquanto desviava de passos de dança até chegar ao gramado cercado por um carvalho. Luce não teve escolha a não ser voltar para seu parceiro atrapalhado e fazer uma reverência.

Era um homem mais velho, comprido e estreito, com bochechas amareladas e lábios inapropriados, cujos ombros encurvados faziam parecer que ele queria esconder-se atrás de sua máscara de lince pequena demais.

E, mesmo assim, Lucinda não se importava. Não conseguia se lembrar de ter se divertido tanto dançando. Estavam bailando desde que o sol tinha beijado o horizonte; agora as estrelas brilhavam como armaduras no céu. Havia sempre tantas estrelas nos céus de antigamente. A noite estava fria, mas o rosto de Luce estava corado e sua testa úmida de suor. Quando a música aproximou-se de seu fim, ela agradeceu seu parceiro e infiltrou-se entre uma fila de dançarinos, afoita para afastar-se.

Porque apesar da alegria de dançar sob as estrelas, Luce não tinha se esquecido da verdadeira razão pela qual estava aqui.

Ela olhou pelo gramado e ficou preocupada de que mesmo que Daniel estivesse por aqui, ela podia nunca achá-lo. Quatro trovadores vestidos com uma manta de retalhos reuniam-se em um palco bambo no local mais ao norte do gramado, dedilhando alaúdes e liras e tocando uma canção tão doce quanto uma balada dos Beatles. Em um baile de escola, estas canções lentas eram as que deixavam as meninas solteiras, incluindo Luce, um tanto inquietas; mas aqui, os movimentos eram construídos nas canções e ninguém nunca ficava sem parceiro. Você simplesmente puxava o corpo quente mais próximo, por melhor ou pior que fosse, e dançava. Uma jiga saltitando aqui, uma dança em círculo em grupos de oito ali. Luce sentia que

Lucinda conhecia alguns dos passos inatamente; o resto era fácil de aprender.

Se ao menos Daniel estivesse aqui...

Luce retirou-se até um canto distante do gramado para descansar. Ela estudou os vestidos das mulheres. Para os padrões modernos, eles não eram chiques, mas as mulheres os vestiam com tanto orgulho que eles pareciam tão elegantes quanto qualquer vestido fino que vira em Versalhes. Muitos eram feitos de lã; alguns tinham realces de linho ou algodão costurados no colarinho ou na barra. A maior parte das pessoas na cidade só possuía um par de sapatos, então havia uma abundância de botas gastas de couro, mas Luce rapidamente percebeu que era mais fácil dançar com elas do que com os sapatos de salto alto que apertavam seus pés.

Os homens conseguiam parecer asseados em seus melhores calções. A maioria usava uma túnica comprida de lã por cima, para se esquentar. Capuzes tinham sido jogados por cima de seus ombros; o clima esta noite estava acima de um frio de congelar, chegando quase a ser moderado. A maior parte de suas máscaras de couro era pintada imitando os rostos de animais da floresta, complementando o desenho floral das máscaras das damas. Alguns homens usavam luvas que pareciam caras. Mas quase todas as mãos que Luce tocou esta noite estavam frias e rachadas e vermelhas.

Gatos os encaravam das estradas sujas ao redor do gramado. Cães procuravam seus donos entre o alvoroço de corpos. O ar cheirava a pinho e suor e velas de cera de abelha e ao almíscar de pão de gengibre recém assado.

Quando a música seguinte estava terminando, Luce avistou Eleanor, que pareceu feliz de ser arrancada dos braços de um garoto cuja máscara vermelha estava pintada igual ao rosto de uma raposa.

— Onde está Laura?

Eleanor apontou na direção de um bosque, onde a amiga jovem delas inclinava-se para perto de um garoto que não conheciam, sussurrando algo. Ele lhe mostrava um livro, gesticulando-o no ar. Parecia que ele tinha passado um bom tempo arrumando o cabelo, e usava uma máscara feita para lembrar o rosto de um coelho.

As garotas riram juntas enquanto passavam pela multidão em seu caminho. Lá estava Helen, sentada com seu marido em uma coberta de lã pousada sobre a grama. Eles dividiam um copo de madeira de cidra fervente e riam com facilidade de alguma coisa, o que fez Luce mais uma vez sentir saudade de Daniel.

Havia casais por toda parte. Até mesmo os pais de Lucinda tinham aparecido na Feira. A barba branca e hirsuta de seu pai arranhou a bochecha de sua mãe enquanto eles resvalavam pelo gramado.

Luce suspirou e então tocou a toalhinha rendada no bolso.

Rosas são vermelhas, violetas são azuis, se Daniel não escreveu estas palavras, então quem foi?

Da última vez que supostamente recebeu um bilhete de Daniel, tinha sido uma armadilha dos Párias...

E Cam tinha salvado-a.

Calor subiu por sua nuca. Era uma armadilha? Bill tinha dito que era apenas uma

festa de dia dos namorados. Ele já tinha se esforçado tanto em ajudá-la em sua busca, então não a deixaria sozinha assim se houvesse um perigo real. Certo?

Luce mandou o pensamento para longe. Bill tinha dito que Daniel estaria aqui, e Luce acreditava nele. Mas a espera estava matando-a.

Ela seguiu Eleanor na direção de uma mesa comprida, onde pratos e tigelas de um estilo comum à la festa americana tinham sido dispostos. Havia fatias de pato servidas com repolho, lebres inteiras assadas em espetos, caldeirões de couve-flor miniatura com um espesso molho de laranja, bandejas altas de maçãs, peras e groselhas secas colhidas da floresta em volta e uma mesa longa e comprida de madeira cheia de tortas deformadas e parcialmente queimadas de carne e frutas.

Ela observou um homem soltar uma faca plana de uma correia pendurada em sua cintura e cortar um pedaço generoso de torta para si mesmo. Quando estava de saída esta noite, a mãe de Luce tinha lhe dado uma colher rasa de madeira e enroscado em uma corda de lã ao redor de sua cintura. Essas pessoas estavam preparadas para comer, consertar e lutar do modo como Luce estava preparada para o amor.

Eleanor reapareceu ao lado de Luce e segurou uma tigela de mingau sob seu nariz.

— Com geleia de groselha em cima — disse Eleanor. — O seu favorito.

Quando Luce mergulhou sua colher na mistura espessa, um aroma apetitoso flutuou no ar e a deixou com água na boca. Estava quente e forte e delicioso, exatamente o que ela precisava para renová-la para outra dança. Antes que percebesse, tinha comido tudo.

Eleanor espiou a tigela vazia, surpresa.

— Dançou tanto que teve fome, foi?

Luce assentiu, sentindo-se quente e satisfeita. Então notou dois clérigos com túnicas marrons sentados longe da multidão em um banco de madeira abaixo de um olmo. Nenhum deles tomava parte nas festividades (de fato, pareciam mais estarem acompanhando do que festejando), mas o mais jovem movia seus pés de acordo com o ritmo, enquanto o outro, que tinha um rosto enrugado, encarava sombriamente a multidão.

— O Senhor vê e ouve esta boemia libertina sendo perpetrada tão perto de Sua casa — desdenhou o homem de rosto enrugado.

— E ainda mais perto que isso. — O outro clérigo riu. — Lembra-se, Mestre Docket, quanto do ouro da igreja foi para o banquete de dia dos namorados de Vossa Senhoria? Foram vinte moedas de ouro por aquele veado? As festividades destas pessoas não custam mais que a energia para dançar. E eles dançam como anjos.

Se ao menos Luce pudesse ver seu anjo dançando em sua direção agora...

— Anjos que dormirão nas horas de trabalho amanhã, guarde minhas palavras, Mestre Herrick.

— Não consegue ver a alegria nesses rostos jovens? — Os olhos do jovem vigário varreram o gramado, encontraram os de Luce num canto distante, e brilharam.

Ela se viu sorrindo de volta por trás de sua máscara, mas sua alegria esta noite aumentaria amplamente se pudesse estar nos braços de Daniel. De outro modo, qual o

objetivo de ter essa noite romântica de folga?

Parecia que Luce e o vigário de rosto enrugado eram as únicas pessoas que *não* estavam apreciando o baile de máscaras. E geralmente Luce amava uma boa festa, mas agora tudo que queria fazer era arrancar as máscaras dos rostos de cada garoto que se deslocava. E se ela já tivesse deixado-o passar despercebido na multidão? Como saberia se o Daniel desta era estaria procurando-a?

Ela encarou tão escancaradamente um garoto alto e loiro cuja máscara fazia-o parecer uma águia que ele pulou a barraca do fazedor de brinquedos e o show de fantoches e apareceu na sua frente.

— Devo me apresentar ou você prefere simplesmente ficar encarando? — Sua voz provocante não parecia nem familiar nem estranha.

Por um instante, Luce prendeu a respiração.

Imaginou o êxtase que seria as mãos dele ao redor de sua cintura... o jeito como ele sempre inclinava-a para trás antes de beijá-la... Ela queria tocar o local onde suas asas floresciam de seus ombros, a cicatriz secreta que ninguém exceto ela conhecia...

Quando levantou a mão para erguer sua máscara, o garoto sorriu perversamente para sua ousadia, mas seu sorriso desapareceu tão rápido quanto o de Luce quando ela viu seu rosto.

Ele era perfeitamente lindo; havia apenas um problema: Não era Daniel. Então cada aspecto deste garoto, seu nariz reto, seu maxilar forte e seus olhos de um cinza puro, empalideceram em comparação ao garoto que ela tinha em mente. Ela soltou um suspiro longo e triste.

O garoto não conseguiu esconder sua vergonha. Tentou achar as palavras certas, então devolveu a máscara ao seu rosto, deixando Luce se sentindo terrível.

— Sinto muito — disse ela, rapidamente recuando. — Confundi-o com outra pessoa.

Felizmente, ela recuou e encontrou Laura, cujo rosto, diferente de Lucinda, estava animado com a magia da noite.

— Oh, espero que façam logo o sorteio da Urna do Cupido! — sussurrou Laura, remexendo os calcanhares e arrastando bondosamente Luce para longe do garoto-águia.

— Conseguiu colocar escondido o seu nome, afinal de contas? — perguntou Luce, achando um sorriso.

Laura balançou a cabeça.

— Mamãe me massacraria.

— Não vai demorar muito mais — Eleanor apareceu do lado delas. Parecia nervosa. Ela era confiante em tudo, exceto garotos. — Sortearão no próximo badalar dos sinos da igreja, para dar aos novos namoradinhos uma chance de dançar. Talvez até de se beijar, se tiverem sorte.

O próximo badalar dos sinos da igreja. Para Luce, parecia que o sino das oito horas tinha acabado de tocar, mas tinha certeza de que o tempo deve ter passado mais rápido do que ela percebeu. Já eram quase nove horas? Seu tempo com Daniel estava

acabando – e rápido – e ficar aqui de pé rastreando obsessivamente a vastidão de máscaras não ajudava. Olhos violetas não brilhavam por trás de nenhum visor.

Ela tinha que agir. Algo lhe dizia que teria mais sorte na pista de dança.

— Vamos dançar novamente? — perguntou às garotas, puxando-as de volta até a multidão.



Os foliões transformaram a grama em lama, de tanto pisarem. O arranjo musical tinha ficado mais intrincado, uma valsa rápida, e as danças haviam mudado também.

Luce seguiu os passos leves e rápidos, aprendendo os movimentos braçais mais complicados enquanto dançava. As palmas grudadas na do cavalheiro a sua frente, uma reverência simples e diversos pulinhos em uma roda ampla ao redor de seu parceiro, encarando o outro lado; então trocava com a garota à sua esquerda. Depois ficava com as palmas juntas as do próximo jovem, e o negócio todo se repetia.

Na metade da música, Luce estava sem fôlego e rindo quando parou na frente de seu novo parceiro. Seus pés, de repente, pareceram soldados na lama.

Ele era alto e magro e usava uma máscara com pintas de leopardo. O desenho era exótico para Lucinda, uma vez que não havia leopardos na floresta ao redor da cidade. Era certamente a máscara mais elegante que tinha visto na festa. O homem estendeu suas mãos enluvadas, e quando Luce deslizou cuidadosamente suas mãos nas dele, o aperto foi firme, quase possessivo. Atrás dos buracos ao redor dos olhos do leopardo, houve um brilho macio quando íris verde-esmeralda prenderam-se nela.



QUATRO



ALGUMA CONSEQUÊNCIA AINDA PENDENTE NAS ESTRELAS

— Boa noite, senhorita. Como danças graciosamente. Parece um anjo.

Os lábios de Luce se separaram para responder, mas sua voz ficou presa em sua garganta.

Por que Cam tinha que invadir essa festa?

— Boa noite, senhor — respondeu Luce com um tirintar em sua voz. De tanto dançar seu rosto estava corado e suas tranças frouxas, e uma das mangas de seu vestido tinha deslizado por seu ombro. Sentia o olhar de Cam em sua pele nua. Esticou a mão para consertar sua manga, mas a mão enluvada dele cruzou com a sua a fim de pará-la.

— Uma desordem tão doce no seu vestido. — Ele traçou um dedo por sua clavícula e ela estremeceu. — Inspira a imaginação masculina.

A música mudou de tom, uma indicativa para trocarem de parceiro. O dedo de Cam se levantou de sua pele, mas o coração de Luce ainda martelava enquanto iam dançar longe um do outro.

Vigiu Cam de canto de olho. Ele a observou. Ela sabia, de algum modo, que este não era o Cam do presente seguindo-a no tempo. Este era o Cam que vivia e respirava este ar medieval.

Ele era, facilmente, o dançarino mais elegante do gramado. Havia algo etéreo em seus passos que não passava despercebido com as damas. Pela atenção que recebia, Luce sabia que ele não era daqui. Tinha vindo especialmente para atender a Feira do dia dos namorados. Mas por quê?

Então se juntaram novamente. Ela ainda dançava? Seu corpo parecia duro e rígido. Até mesmo a música aparentava gaguejar em uma batida eternamente parada, deixando Luce se preocupando com a possibilidade dela e Cam terem que ficar enraizados nestes lugares encarando os olhos um do outro para sempre.

— Está bem, senhor? — Luce ficou surpresa ao dizer isso. Mas havia algo estranho na expressão dele.

Era uma escuridão que nem mesmo a máscara dele conseguia esconder. Não era a mesma escuridão de suas maldades, nem do modo aterrorizante como ele tinha aparecido no cemitério da Sword & Cross. Não, a alma deste Cam estava aleijada pelo desgosto.

O que poderia tê-lo feito ficar assim?

Seus olhos se estreitaram, como se tivesse sentido seus pensamentos, e algo

mudou no seu rosto.

— Nunca estive melhor. — Cam inclinou a cabeça. — Estou preocupado é com você, Lucinda.

— Comigo? — Luce tentou não demonstrar como ele a afetava. Desejou um tipo totalmente diferente de máscara, uma invisível, que o impediria de pensar alguma outra vez que sabia como ela se sentia.

Ele ergueu sua máscara até a testa.

— Está presa a uma tarefa impossível. Acabará de coração partido e sozinha. A menos que...

— A menos que o quê?

Ele balançou a cabeça.

— Há tanta escuridão em você, Lucinda. — A máscara de leopardo foi abaixada novamente. — Mude de ideia, mude de ideia...

A voz dele dissipou-se enquanto começava a ir embora. Pela primeira vez Luce quis que ele ficasse mais.

— Espere!

Mas Cam tinha desaparecido na pista de dança.

Ele caminhava em rodas lentas com uma nova parceira. Laura. Cam murmurou algo no ouvido da garota inocente, e ela jogou sua cabeça para trás e riu. Luce espumou. Queria puxar a simples e alegre Laura para longe da escuridão de Cam. Queria agarrar Cam e forçá-lo a se explicar. Queria ter uma conversa em que ela desse as condições, não intervalos momentâneos e melodramáticos entre passos de jiga no meio de um festival público na Idade Média.

Lá estava ele de novo, vindo em sua direção com o perfeito controle de seus passos, como se influenciasse o ritmo da música. Luce não podia ter se sentido mais fora de controle. Bem quando ele estava prestes a ficar perante ela novamente, um homem loiro alto e vestido completa e habilidosamente em preto o empurrou para o lado. Ele parou na sua frente e não fez de conta que queria dançar.

— Olá.

Ela inspirou profundamente.

— Olá.

Alto, forte e mais misterioso do que seria possível. Ela o reconheceria em qualquer lugar. Estendeu sua mão para ele, desesperada para sentir alguma conexão, sentir a corrente doce do toque da pele de seu verdadeiro amor...

Daniel.

Logo quando a música estava prestes a ditar que mudassem de parceiros, ela ficou mais lenta, quase como mágica, e metamorfoseou-se em algo compassado e lindo.

Chamas das velas posicionadas ao redor da Feira tremeluziram contra o céu negro, e o mundo inteiro pareceu segurar a respiração. Luce encarou os olhos de Daniel, e todos os movimentos e cores ao redor deles desapareceram.

Ela o encontrou.

Os braços dele foram ao seu encontro, rodeando sua cintura enquanto o corpo

dela derretia no dele, zunindo com a excitação de seu toque. Então ela se aconchegou nos braços de Daniel e não havia nada mais maravilhoso no mundo todo quanto dançar com seu anjo. Seus pés beijaram o chão com a leveza de seus passos, e a fuga era tão óbvia e inata no corpo de Daniel. Ela também sentiu a vivacidade em seu próprio coração, algo que só sentia quando Daniel estava perto.

Não havia nada tão maravilhoso... exceto, talvez, seu beijo.

Seus lábios se separaram em antecipação, mas Daniel simplesmente observou-a, sorvendo-a com seus olhos.

— Achei que nunca apareceria — disse ela.

Luce lembrou ter escapado pelos Anunciadores em seu quintal, perseguindo suas vidas antigas e assistindo-as queimar, as brigas que ela e Daniel tinham tido sobre mantê-la segura e viva. Às vezes era fácil esquecer como eles ficavam bem juntos. Que ele era amável e gentil, como ficar com ele a fazia sentir como se estivesse voando.

Apenas de olhar para ele os pelinhos em seu braço se eriçavam e seu estômago dava cambalhotas com uma energia nervosa. E isso não era nada comparado ao que os beijos faziam com ela.

Ele ergueu sua máscara e segurou Luce tão firme contra si que ela não conseguiu se mover. E não quis. Ela examinou cada traço adorável de seu rosto, seus olhos prolongando-se ainda mais na curva suave dos lábios dele. Depois de toda essa expectativa, ela simplesmente não conseguia acreditar. Era realmente ele!

— Eu sempre voltarei para você. — Os olhos dele prenderam-a em um transe. — Nada pode me impedir.

Luce ficou na ponta dos pés, desesperada para beijá-lo, mas Daniel pressionou um dedo em seus lábios e sorriu.

— Venha comigo — sussurrou, pegando sua mão.

Daniel levou-a para além do gramado, passando pelo círculo de carvalhos que rodeava os foliões. A grama alta fez cócegas nos tornozelos dela e a luz iluminou o caminho deles até entrarem na escuridão gelada da floresta. Lá, Daniel pegou um lampião pequeno e aceso, como se fosse tudo parte de seu plano.

— Onde estamos indo? — ela perguntou, apesar de não se importar com isso contanto que ficassem juntos.

Daniel apenas balançou a cabeça e sorriu, esticando a mão para ajudá-la a pular sobre um galho caído que bloqueava o caminho.

À medida que andavam, a música foi desaparecendo até ficar impossível de ser discernida, misturando-se com os pios graves das corujas, o farfalhar dos esquilos nos galhos das árvores e a música suave dos rouxinóis. O lampião resvalou no braço de Daniel e a luz vacilou, alcançando a teia de ramos sem folhas que se voltavam na direção dos dois. Antes Luce teria ficado nervosa com as sombras na floresta, mas isso parecia ter sido há milênios.

Enquanto andavam de mãos dadas, os pés de Luce e Daniel percorriam um caminho estreito de seixo. A noite ficou mais fria e ela aproximou-se dele para se esquentar, enterrando-se profundamente nos braços que a embalavam.

Quando chegaram a uma bifurcação no caminho, Daniel parou por um momento, quase como se estivesse perdido. Então se virou para encará-la.

— Eu deveria explicar — disse. — Devo-te um presente de dia dos namorados.

Luce deu risada.

— Não me deve nada. Só quero ficar com você.

— Ah, mas recebi seu presente...

— *Meu presente?* — Ela olhou para cima, surpresa.

— E tocou-me profundamente. — Ele estendeu a mão e pegou a dela. — Devo pedir desculpas se alguma vez a fiz duvidar do meu afeto. Até ontem eu não achava que seria capaz de encontrá-la aqui hoje à noite.

Um corvo grasnou, plainando no alto e pousando em um galho instável acima deles.

— Mas então um mensageiro chegou e deu instruções diretas para que os cavaleiros em meu comando atendessem a Feira. Temo ter quase exaurido meu cavalo na pressa de galopar para achá-la aqui hoje a noite. É que estive tão afoito em retribuí-la por aquele presente tão considerado.

— Mas Daniel, eu não...

— Obrigado, Lucinda. — Então ele apresentou um estojo de couro que parecia portar uma adaga. Luce tentou não parecer tão desnorteada, mas nunca tinha visto isso na sua vida.

— Oh. — Ela riu baixinho e tocou a toalhinha em seu bolso. — Você tem a sensação de que alguém nos observa?

Ele sorriu e disse:

— O tempo todo.

— Talvez sejam os nossos anjos da guarda — murmurou Luce de brincadeira.

— Talvez — disse Daniel. — Mas felizmente, agora, acho que estamos sozinhos.

Ele a guiou pelo caminho à esquerda; deram mais alguns passos, então viraram à direita e passaram por um carvalho. Na escuridão, Luce podia sentir uma clareira pequena e circular onde um carvalho massivo devia ter sido cortado. Seu tronco descansava no centro da clareira, e algo tinha sido posto em cima dele, mas Luce ainda não conseguia ver o que era.

— Feche os olhos — ele tinha lhe dito, e quando ela fechou, ela sentiu o lampião afastando-se. Ela ouviu-o mexendo em folhas na clareira e ficou muito perto de dar uma espiada, mas conseguiu se segurar, querendo experimentar a surpresa da maneira que Daniel tinha planejado.

Após um instante, um cheiro familiar preencheu o nariz de Luce. Ela fechou os olhos e inalou profundamente. Algo suave, floral... e absolutamente evidente.

Peônias.

Ainda parada com os olhos fechados, Luce conseguiu ver seu dormitório sombrio na Sword & Cross ficando bonito com o vaso de peônias em sua janela que Daniel tinha lhe trazido do hospital. Consequia ver a beira do precipício no Tibet, para onde tinha atravessado e testemunhado Daniel distribuir flores para seu eu passado em um jogo

que acabou cedo demais. Quase conseguia sentir o cheiro do gazebo em Helston, que abundava com os botões brancos e suaves das peônias.

— Agora abra os olhos.

Ela conseguia ouvir o sorriso na voz de Daniel, e quando abriu os olhos e o viu parado perante o tronco coberto com um buquê massivo de peônias em um vaso alto e largo de cobre, ela cobriu sua boca e arfou. Mas não era só isso. Daniel tinha enroscado peônias nos galhos estreitos. Transformado as infiltrações de todos os troncos de árvores ao redor em vasos. Polvilhado o chão com as pétalas delicadas e imaculadas das peônias. Trançado uma grinalda para o cabelo dela. Acendido dúzias de velas em pequenos lampiões suspensos a sua volta, para que a clareira inteira incandescesse com um brilho mágico. Quando avançou para pousar a grinalda na cabeça de Luce, ela (e seu eu medieval) quase se derreteu.

A Lucinda medieval não reconhecia a vasta disposição de flores; não fazia ideia de como isso era possível em fevereiro, e ainda assim amava cada centímetro de sua surpresa. Mas Lucinda Price sabia que as peônias de um branco puro eram mais do que apenas um presente de dia dos namorados. Eram o símbolo do amor eterno de Daniel Grigori.

A luz das velas tremeluziu no rosto dele. Ele sorria, mas parecia nervoso, como se não soubesse se ela tinha ou não gostado de seu presente.

— Oh, Daniel. — Ela correu para seus braços. — São lindas.

Ele a girou em um círculo e endireitou a grinalda em sua cabeça.

— São chamadas peônias. Não são flores tradicionais do dia dos namorados — disse ele, mexendo sua cabeça pensativamente — mas mesmo assim, são... um tipo de tradição.

Luce amava ter entendido exatamente o que ele quis dizer.

— Talvez pudéssemos fazer delas a nossa tradição do dia dos namorados — sugeriu.

— Sim, a nossa própria tradição de dia dos namorados — meditou. — Peônias e... bem, tem que haver algo mais. Não tem?

— Peônias e... — Luce torturou seu cérebro. Ela não precisava de mais nada. Não precisava de nada além de Daniel... e, bem... — Que tal peônias e um beijo?

— É uma ideia muito, muito boa.

Então ele a beijou, seus lábios mergulhando na direção dos dela com um desejo insuperável.

O beijo pareceu selvagem e novo e exploratório, como se nunca houvessem se beijado antes.

Daniel ficou perdido no beijo, os dedos entrelaçados no cabelo dela, sua respiração quente no pescoço dela enquanto seus lábios exploravam seus lóbulos e clavícula e o decote baixo de seu vestido. Nenhum dos dois tinha ar suficiente, mas se recusavam a parar de se beijar.

Uma comichão de calor rastejou-se pelo pescoço de Luce e sua pulsação começou a acelerar.

Estava acontecendo?

Ela ia morrer de amor bem aqui, no meio dessa floresta radiando branco. Luce não queria deixar Daniel, não queria ser jogada ao céu, em outro buraco negro com apenas Bill de companhia.

Droga de maldição. Por que estava presa a ela? Por que não conseguia se livrar dela?

Lágrimas de frustração brotaram em seus olhos. Ela afastou-se dos lábios de Daniel, pressionando a testa na dele e respirando arduamente, esperando pelo fogo que queimaria sua alma e tomaria a vida deste corpo.

Só que, quando parou de beijar Daniel, o calor foi embora, como uma panela sendo tirada do fogo. Ela voou até os lábios dele novamente.

O calor floresceu nela como uma rosa no verão.

Mas algo estava diferente. Esta não era a chama extremamente consumidora que havia liquidado-a, que a exilara de seus corpos anteriores e transformava teatros inteiros em fumaça. Este era o êxtase quente e deslumbrante de beijar alguém que você verdadeiramente ama, alguém com quem estivesse destinado a ficar para sempre. E por ora.

Daniel observou-a nervosamente, sentindo que algo importante tinha acontecido dentro dela.

— Há algum problema?

Havia tanto a se dizer...

Mil perguntas correram à ponta de sua língua, mas então uma voz grosseira abalou sua imaginação.

O único dia dos namorados que vocês já passaram juntos.

Como era possível? Tanto amor tinha passado entre eles, e mesmo assim eles nunca tinham passado ou iriam passar novamente o dia romântico mais conhecido do ano nos braços um do outro.

Ainda assim, aqui estavam eles, presos em um momento entre o passado e o futuro, agridoce e precioso, confuso e estranho e incrivelmente vivo. Luce não queria estragar isso. Talvez Bill, o clérigo jovem e bondoso e sua querida amiga Laura estivessem todos certos, cada um de seu jeito.

Talvez fosse doce o bastante apenas estar apaixonada.

— Não há nada de errado. Só me beije, e me beije de novo e de novo.

Daniel levantou-a do chão e segurou-a carinhosamente nos braços. Seus lábios eram como mel. Ela entrelaçou seus braços ao redor da nuca dele. As mãos dele traçaram a parte inferior das costas dela. Luce mal conseguia respirar. Estava dominada pelo amor.

À distância, sinos de igreja badalaram. A extração da Urna do Cupido seria feita agora, mãos de garotos selecionando ao acaso suas namoradinhas, bochechas femininas ficando vermelhas por antecipação, todos torcendo por um beijo. Luce fechou os olhos e desejou que todos os casais no gramado — que todos os casais no mundo — pudessem partilhar de um beijo tão doce quanto este.

— Feliz dia dos namorados, Lucinda.

— Feliz dia dos namorados, Daniel. Que venham muitos, muitos mais.

Ele lhe lançou um olhar caloroso e esperançoso e assentiu.

— Eu prometo.



EPILOGO



OS GUARDIÕES

De volta ao gramado, quatro trovadores terminaram a última canção e saíram do palco para dar lugar à apresentação da Urna do Cupido. Enquanto os moços e moças solteiros e risonhos se apertavam animadamente contra a plataforma, os trovadores fugiram pela lateral.

Um a um, levantaram suas máscaras.

Shelby jogou seu gravador no chão. Miles tocou mais uma vez a corda de sua lira e Roland harmonizou seus trastos de alaúde. Arriane deslizou o oboé para sua caixa estreita de madeira e foi se servir de uma caneca grande de ponche. Mas ela recuou enquanto jogava-o de volta e apertou a mão na bandagem ensanguentada em torno do novo machucado no pescoço.

— Você tocou muito bem ali, Miles — disse Roland. — Já deve ter tocado lira antes, não é?

— Primeira vez — disse Miles indiferentemente, apesar de claramente ter ficado contente com o elogio. Ele espiou Shelby e apertou sua mão. — Provavelmente só estava bom por causa do acompanhamento da Shel.

Shelby começou a revirar os olhos, mas só foi até a metade antes de desistir e inclinar-se para dar, suavemente, um selinho nos lábios de Miles.

— É, provavelmente.

— Roland? — perguntou repentinamente Arriane, girando para examinar o gramado. — O que aconteceu com Daniel e Lucinda? Agora pouco eles estavam bem aqui. Oh — ela bateu em sua testa — nada dá certo para o amor?

— Nós acabamos de vê-los dançando — disse Miles. — Tenho certeza de que estão bem. Eles estão juntos.

— Disse expressamente ao Daniel, 'Gire Lucinda no centro do gramado, onde podemos vê-los'. É como se ele ainda não soubesse como isso é trabalhoso!

— Acho que ele tinha outros planos — disse Roland pesadoramente. — O amor às vezes tem.

— Gente, relaxa. — A voz de Shelby acalmou os outros, como se seu novo amor tivesse reforçado sua fé no mundo. — Eu vi o Daniel levá-la para a floresta, naquela direção. Parem! — gritou ela, puxando a túnica preta de Arriane. — Não sigam eles! Não acham que, depois de tudo, eles merecem um tempo a sós?

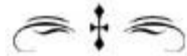
— A sós? — perguntou Arriane, soltando um suspiro pesado.

— A sós. — Roland foi até o lado de Arriane, passando um braço ao redor dela, com cuidado para evitar seu pescoço ferido.

— Sim — disse Miles, seus dedos entrelaçados nos de Shelby. — Eles merecem

um tempo a sós.

E naquele momento sob as estrelas um acordo foi feito entre os quatro. Às vezes o amor precisava de uma ajudinha de anjos da guarda para sair do chão. Mas, uma vez tendo dado os primeiros indícios de que estava para voar, tinham que confiar que ele controlaria suas asas e voaria além das alturas mais altas já concebidas, até o céu... e além.



Acha que acabou? Não! A Lauren liberou um conto **SOB A PERSPECTIVA DO DANIEL** passado pouco tempo depois deste livro. Aproveitem :)

O PRESENTE DE DANIEL



Daniel acordou em uma cama de peônias secas. A luz das estrelas infiltrava-se pela cobertura de carvalhos acima. Seu corpo estava duro e gelado, enroscado ao redor do tronco baixo de uma árvore ao invés do corpo quente de sua amada.

Quanto tempo teria dormido? As pétalas abaixo de si estavam amassadas e marrons. Ele sentiu o cheiro da tênue decomposição delas. As pontas de seus dedos ainda tinham a marca preta das cinzas que haviam sido os ossos de Lucinda antes do corpo dela queimar em chamas. Talvez ele tivesse dormido aqui por uma semana, sonhando com o nada, desaparecido desse mundo... mas não tinha sido o bastante. O sofrimento de Daniel era tão agudo que parecia extraordinariamente grande, mais vasto que a expansão de suas asas, como se sua alma carregasse o peso de vinte homens, e cada um deles tivesse perdido seu precioso amor. A dor desesperadora apertava-se na ausência do lugar onde deveria estar o seu coração.

Nos três meses depois de seu primeiro dia dos namorados com Lucinda, Daniel tinha trazido-a para este local na floresta da Inglaterra medieval pelo menos vinte vezes. Cada vez, durante a caminhada deles do gramado do vilarejo até o retiro agradável do bosque, Daniel fazia com que essas peônias do dia dos namorados florescessem novamente, para que quando Lucinda pisasse na clareira as flores estivessem tão vibrantes e adoráveis e floridas quanto Lucinda.

Ele olhou-as agora, morrendo ou já mortas, e rasgou uma porção de pétalas úmidas e amassadas. Não sentia nenhum poder dentro de si para reviver esses botões delicados. Daniel alternava-se entre duas almas diferentes: uma onde Lucinda estava viva e outra onde ela estava morta. Precisava do afeto dela, da gloriosa presença dela, pra ser a melhor versão de si mesmo. Precisava que ela acrescentasse doçura e leveza ao mundo.

Daniel cambaleou quando tentou ficar de pé. Suas asas estavam duras por causa da tensão e da perda. Ele queria esticar e soltá-las quando saísse da floresta, mas a cada passo ficava surpreso em descobrir que seu corpo apenas parecia mais pesado, mais deprimido.

Ele queria se conectar a lembrança dela, queria vasculhar cada rua onde ela já tivesse passado e procurar por traços de sua amada; era o que sempre queria depois que ela morria. Nunca era uma boa ideia. Dessa vez, inexplicavelmente, ele se permitiu. Tropeçando, voltou para as muralhas da vila onde ela morara. Cruzando a estrada poeirenta, entrando no mercado vazio à meia-noite, virando abaixo na rua estreita onde a família de Lucinda morava... tudo isso doía mais do que estava preparado para aguentar.

A três portas da casa da família dela, Daniel viu a luz dentro da soleira e gritou de dor. Ele se jogou contra a parede alta de pedra de uma residência vizinha. O luto tomou

conta de si e seus olhos queimaram com as lágrimas ardentes.

Por fim, percebeu por quê.

A dor que sentia por ter perdido Lucinda era intensificada pela dor que a família dela sentia. Eles a amavam por quem ela era de verdade, amavam-na de maneira similar a que Daniel a amava. Agora sofriam como Daniel, o que despertou um novo sofrimento nele, sabendo que a tinha separado das pessoas boas que se importavam com ela.

Silenciosamente, arrastou-se pelo céu noturno e aterrissou no telhado plano da casa onde a família de Lucinda dormia. Deitou-se no tijolo comprimido com lama e esparramou suas asas abaixo de si, tentando sentir a dor deles radiando pelo telhado.

Era a hora mais escura da manhã e a vila estava adormecida. Mas Daniel ouvia... ou sentia... uma mulher soluçando logo abaixo de si. Rastreou o som, rastejando pelo telhado e depois deslizando pela lateral da parede até estar justamente do lado de fora do quarto pequeno onde sabia dormir a irmã mais velha de Lucinda, Helen, e seu marido.

Eram recém-casados, de sono fácil. Em seus sonhos, sem dúvida sobre Lucinda, Helen chorava. Arriscando espiar dentro do quarto, Daniel distinguiu o contorno dos braços do marido ao redor dela, beijando sua testa enrugada, oferecendo conforto mesmo sonhando.

Estavam apaixonados. Daniel via como diversas coisas no amor entre este homem e mulher eram diferentes do amor que partilhava com Lucinda. O amor que testemunhara hoje era firme e possível e finito, enquanto seu amor e de Lucinda era tempestuoso e transcendente e, feliz ou infelizmente, eterno. Era atordoante que esses dois tipos de conexão, essas duas maneiras de expressar devoção pudessem ter o mesmo nome: Amor.

E, mesmo assim, Daniel reconhecia uma coisa na forma dos braços do homem ao redor de sua esposa: ele faria qualquer coisa, qualquer coisa mesmo, para diminuir a dor de sua amada.

O beijo sonolento deles se tornou mais intenso e Daniel observou-os com uma fascinação desavergonhada. Desejava poder fazer algo.

Daniel havia arrastado muitas almas para fora de seus corpos durante seus milhares de anos na terra. Tinha despachado suas almas para encontrarem paz e luz na pós-vida insondável, o equivalente mortal ao Paraíso ao qual os anjos tinham acesso.

Mas Daniel nunca havia conduzido uma vida nova para este mundo.

Estava além de seus poderes, era um presente que apenas o Trono podia dar.

Apenas o Trono podia remover todos os obstáculos dos corpos mortais e almas para que, em nove meses, eles pudessem trazer uma criança forte e feliz ao mundo.

Talvez isto estivesse reservado a estes dois apaixonados; Daniel não sabia dizer. Mesmo se tivessem um filho próprio, ele nunca substituiria Lucinda. Sua alma particular traria alegria à outra família em um lugar longínquo, e Daniel teria que eventualmente esperar para achá-lo. Ele talvez tivesse que esperar décadas, mas estava acostumado a isso. Por ora, qualquer presente que Daniel desse a esta família

empalideceria em comparação ao que haviam perdido. Seu cérebro procurou por algo, tentando agarrar alguma coisa que o ajudaria a ajudá-los. Na floresta distante que delimitava a cidade, sua visão afiada parou em um par de cabras pastando à luz do luar. Substituições absolutamente pobres para Lucinda, mas mesmo assim...

Para esta família, o leite das cabras era tão raro a ponto de ser excepcional.

Qualquer sustento ou rendimento que estes animais pudessem providenciar traria alguma paz a eles. Eles mereciam isso e muito mais.

Em um instante, Daniel voou até o limiar da floresta, resgatou as cabras e conduziu-as pelo céu até a soleira da porta da família de Lucinda, onde as amarrou com uma corda.

Sem bilhete. Eles não conseguiam ler e nem entenderiam sua explicação. O gesto simples teria que bastar.

Espiando a janela da irmã de Lucinda, Daniel curvou-se, tendo ficado mais humilde após a realidade do mundo mortal. Então estirou suas asas e foi ao céu, onde ficaria até que sua amada estivesse assentada em uma nova vida que o traria novamente a terra.

❖ FIM ❖